

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA**

Tatiane Rocha Razeira

**CENAS DO COTIDIANO E DA SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS
INSTITUCIONALIZADAS**

**Santa Maria, RS
2016**

Tatiane Rocha Razeira

**CENAS DO COTIDIANO E DA SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS
INSTITUCIONALIZADAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Orientadora: Profa. Dra. Angelita Alice Jaeger

**Santa Maria, RS
2016**

Tatiane Rocha Razeira

**CENAS DO COTIDIANO E DA SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS
INSTITUCIONALIZADAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Aprovado em 26 de agosto de 2016:

Angelita Alice Jaeger, Dra. (UFSM)
(Presidenta/Orientadora)

Zulmira Newlands Borges, Dra. (UFSM)

Mirella Pinto Valerio, Dra. (FURG)

Margrid Beuter, Dra. (UFSM)

**Santa Maria, RS
2016**

DEDICATÓRIA

A minha família, meu companheiro Selmar, minha enteada Sofia, minhas irmãs do coração, as "Ro", Roberta e Rosane, ao estimado professor José Francisco Dias (Juca) e a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante esse caminho percorrido.

AGRADECIMENTOS

Vejo que neste momento de finalização do Mestrado, agradecer àqueles(as) que, de alguma maneira, fizeram parte da caminhada, deixa de ser uma formalidade a ser cumprida e passa a ser uma necessidade. Assim, agradeço primeiramente a minha família, começando por meu companheiro Selmar, pelos sonhos que já realizamos e pelos planos dos novos que tanto nos empolgam. Obrigada também por sua presença constante, por todo amor e cuidado, sempre com chimarrão a qualquer hora e incentivo para as possibilidades que me ajudou a construir nesses últimos anos. Agradeço também à querida Sofia, que com seu sorriso e carinho, inspira-me para ser sempre melhor.

Ao meu pai, Mario, à minha mãe, Ana, ao meu irmão, Junior, que sempre estiveram presentes nestas caminhadas de busca por conhecimentos me dando apoio. Pela sabedoria que sempre me serviu de exemplo para seguir em frente e pela base sólida sem a qual nada disso seria possível.

As minhas amigas e irmãs do coração, Roberta e Rosane. Obrigada, “negas” pelo incentivo, motivação, carinho e por estarem sempre ao meu lado.

Meus sinceros e especiais agradecimentos a minha Orientadora, Professora Doutora Angelita Jaeger, pela oportunidade de estar finalizando mais uma etapa valiosíssima na minha formação.

Agradeço à colega e amiga Cátia, pelo incentivo para participar da seleção para o mestrado e por toda sua empolgação compartilhada comigo em todas as fases do curso.

Deixo também gratidão ao querido Professor Juca, que foi e é meu “muso” inspirador, pelo comprometimento e apaixonamento pela profissão, e que sempre me recebeu e escutou com carinho e atenção; e, ainda, pela motivadora ideia de mudança que me fez descobrir tantos tesouros cujos mapas só me seriam oferecidos pela área da Gerontologia.

Às amigas Divas, Karine, Ivana e Bruna pelas conversas e momentos descontraídos e produtivos, pelo chimarrão com guloseimas, o meu muito obrigada.

Aos integrantes do GEDCG (Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero) pelas discussões, aprendizagem e convívio.

Obrigada também a todos e todas participantes desta pesquisa que confiaram em mim, permitindo-me ser cúmplice e testemunha de seu cotidiano.

Agradeço a Tere, funcionária do Centro de Educação Física e Desportos, que sempre me socorreu nos assuntos administrativos e burocráticos.

É um privilégio ter vocês todos(as) em minha vida! Muito obrigada...

RESUMO

CENAS DO COTIDIANO E DA SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS

AUTORA: Tatiane Rocha Razeira

ORIENTADORA: Profa. Dra. Angelita Alice Jaeger

O processo de envelhecimento produz transformações, mudanças e adaptações na vida das pessoas em diferentes aspectos, revelando um campo vasto e ainda desconhecido pela sua amplitude e complexidade, surge a necessidade de desvelar suas subjetividades na busca de entendimentos e da construção de conhecimentos. Dessa forma, o presente estudo objetivou compreender como pessoas idosas institucionalizadas vivenciam o cotidiano e suas sexualidades. Os caminhos metodológicos utilizados foram de inspiração etnográfica, que utilizou observações e conversas informais, registradas em diário de campo. Nesta pesquisa o cotidiano caracteriza-se pelo viver de todos os dias, no qual se desenvolvem aspectos da personalidade e, para isso, utilizam os sentidos, aptidões mentais, emoções, paixões e ideologias. E a sexualidade, que possui uma dimensão ampla, é histórica, social, inacabada e permite novas significações, e, talvez, ainda, configure-se como um silêncio gritante. A pesquisa demonstrou que o grande desafio que envolve as temáticas é de proporcionar às pessoas idosas manifestar sua sexualidade sem culpabilidade, com possibilidades e fluidez e a institucionalização se anuncia como uma alternativa possível e até mesmo necessária às configurações familiares contemporâneas.

Palavras-chave: Envelhecimento. Sexualidade. Institucionalização. Cotidiano.

ABSTRACT

EVERYDAY SCENES AND ELDERLY PEOPLE SEXUALITY INSTITUTIONALIZED.

AUTHOR: Tatiane Rocha Razeira

ADVISER: Profa. Dra. Angelita Alice Jaeger

The aging process produces transformations, changes and adaptations in people's lives in different ways, revealing a vast field and still unknown by its scope and complexity, arises the need to reveal their subjectivities in search of understanding and knowledge construction. Thus, this study aimed to understand how institutionalized elderly people experience daily life and their sexuality. The methodological approaches used were of ethnographic inspiration, which used observations and informal conversations, recorded in a field diary. In this research the daily life is characterized by live every day in which develop aspects of personality and for this use the senses, mental abilities, emotions, passions and ideologies. And sexuality that has a large size, it is historical, social, unfinished and allows new meanings, and perhaps also to set it as a stark silence. Research has shown that the great challenge that involves the themes is to provide older people express their sexuality without guilt, with possibilities and fluidity and institutionalizing itself as a possible alternative and even necessary to contemporary family configurations.

Keywords: Aging. Sexuality. Institutionalization. Daily.

SUMÁRIO

1 SADHARANA: O PRELÚDIO	9
2 O KAMA SUTRA E A INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA: ONDE, COMO E COM QUEM?	19
2.1 “O PALCO DO AMOR”: A CASA.....	22
2.2 COMO FOI FEITO... ..	23
2.3 OS CIDADINOS: IDOSAS E IDOSOS.....	28
2.4 AS (OS) INTERMEDIÁRIAS (OS): A EQUIPE DE TRABALHO.....	30
3 CENAS DO COTIDIANO EM UMA ILPI	32
3.1 A ESPERA DE... ..	36
3.2 OS CHEIROS.....	40
3.3 ENTRE ALMOFADINHAS E BIBELÔS	42
3.4 “OBRA DO SENHOR”	44
3.5 BOCAS OCUPADAS	47
3.6 QUANDO ELA VISITA A CASA	50
3.7 ENTRE OS NADA FAZERES E OS FAZERES NADA... ..	53
3.8 O BANHO.....	57
4 O CONGRESSO AMOROSO:	60
4.1 FALANDO SOBRE.....	67
4.2 NOVAS CONFORMAÇÕES: NAMORO E AMIZADE	71
4.3 O AMOR É LINDO!	74
4.4 VIGIAR E DORMIR	76
4.5 DEVANEIOS: CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA	78
4.6 A ÁGUA CAI E A ESPUMA ESCORRE: FRENESI COM SENADOR.....	80
4.7 NA VELHICE, O FETICHE.....	82
4.8 SEDUÇÃO E OUSADIA.....	84
5 FINALMENTE, A SALA DE BANHO	87
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES.....	99

Depois de prometeres a mais profunda devoção,
 Queres, infiel, que mudemos nossa combinação;
 Só tu cativas meu espírito e meu coração
 Que em teus braços eu possa saborear a satisfação:
 Gostaria, mas em vão, que meu coração delirante
 Adormecesse no lugar que este papel não ousa dizer onde.
 Com cuidado, desses versos lê suas primeiras palavras,
 Terás então o remédio para todos os seus males,
 Mallanaga Vatsyayana, 2012¹

1 SADHARANA²: O PRELÚDIO

O meu desejo em estudar sobre envelhecimento humano, velhice e pessoas idosas, principiou antes da graduação em Educação Física no CEFD/ UFSM³, pois tive a oportunidade de assistir uma palestra do Professor José Francisco Dias (Juca) sobre “Educação Física e Envelhecimento” a qual foi proferida na instituição de ensino particular onde iniciei minha graduação. A partir daquele momento, fui contagiada pela paixão do professor Juca e percebi um campo de atuação profissional, e quando iniciei minha graduação na UFSM busquei aproximar-me do NIEATI⁴.

Minha inserção se deu inicialmente no GAFTI⁵, passei a acompanhar as atividades de dois grupos de convivência da cidade de Santa Maria, observava as aulas e em alguns momentos atuava com orientação da professora do grupo, a qual me ajudou e incentivou muito. Concomitante as práticas, participava do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gerontologia (GEPEG), e do extinto GEPEGEF⁶ coordenado pela saudosa professora Carmem Marques, assim como em outros projetos de extensão (*Idoso, natação e saúde e atividades aquáticas, recreativas e de lazer*), nos quais tive a grata satisfação de atuar com pessoas idosas institucionalizadas, fazendo dessa uma experiência desafiadora, gratificante e instigante.

¹ Utilizarei nesse estudo o primeiro nome e sobrenome na primeira citação no texto, como forma de visibilizar mulheres ou homens. Poema sobre o desejo do homem (VATSYAYANA, 2012, p. 236).

² Consiste na primeira parte de sete partes dos 150 capítulos que resumiram o Kama Sutra na reprodução em forma condensada feita por Babhravya, originalmente versa sobre assuntos gerais (VATSYAYANA, 2012, p. 26).

³ Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria.

⁴ Núcleo Integrado de Estudos e Apoio a Terceira Idade.

⁵ Grupos de Atividades Físicas para Terceira Idade projeto de extensão que visa desenvolver atividades físicas, ginásticas, danças e lazer para pessoas idosas do município de Santa Maria e região.

⁶ Grupo de Estudos e Pesquisa em Gerontologia e Educação Física.

No entrelaçar desses aprendizados e ações, pude avistar outras possibilidades no que se refere à atuação com pessoas idosas, considerando as perspectivas biológicas e funcionais, mas, além disso, ponderar aspectos educacionais e sociais, entendendo o envelhecimento humano como um processo complexo e multifacetado, e como destaca Guita Debert (1999) uma realidade vivida por pessoas velhas com suas histórias e experiências singulares em contextos distintos.

Nessa trajetória, realizei meu trabalho de conclusão de curso sobre “Corpo e Educação Física na Educação de Jovens e Adultos” e de especialização intitulado “Corpo, Religiosidade e Envelhecimento: algumas reflexões na zona rural”, onde delineei alguns questionamentos, ainda que incipientes, sobre o envelhecer e a velhice numa perspectiva educacional e social. Em 2013 tive a primeira aproximação com a temática sexualidade, devido ao meu trabalho junto a um grupo de mulheres idosas, onde desenvolvia atividades físicas e recreativas, e ouvia muitas das conversas e comentários entre elas sobre desejo, casamento, sexo, amor, dentre outros. Esses relatos despertaram a vontade de compreender suas representações acerca da sexualidade, o que resultou numa pesquisa orientada pela professora Angelita Jaeger e na publicação do artigo intitulado “Sexualidade feminina e envelhecimento”⁷.

No mesmo ano, fui convidada por uma colega que passou em um concurso, para substituí-la no trabalho em uma instituição para pessoas idosas, havíamos trabalhado juntas no projeto de extensão no CEFD. Desde o primeiro dia na instituição-casa, sentia-me motivada e provocada, percebia algo no ar, e durante as aulas escutava, enxergava e ficava imaginando coisas que aconteciam ou não, em relação à sexualidade das pessoas que estavam ali.

Diante do crescimento da população idosa, surge a necessidade das diversas áreas de conhecimento propor contribuições significativas no que tange ao entendimento sobre aspectos biológicos, psicológicos, históricos, econômicos, culturais e sociais que influenciam/interferem no processo de envelhecimento. Na busca de entendimentos sobre esse vasto e complexo processo, é que a Gerontologia como área científica que estuda o envelhecimento humano, e que possui caráter multidisciplinar, procura compreender a complexidade desse

⁷ Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd179/sexualidade-feminina-e-envelhecimento.htm>

processo que é amplo, dinâmico e multifacetado (PRADO, Shirley; SAYD, Jane 2007).

Em virtude da importância e da necessidade desses entendimentos, iniciei o Mestrado em Gerontologia, no qual tive a oportunidade de pesquisar. Minha aspiração em compreender as pessoas com as quais desenvolvia meu (sacro)ofício⁸, concretizou-se nesse estudo, que busca contribuir na construção de conhecimentos sobre sexualidade e o envelhecimento institucionalizado, e principalmente, dar visibilidade as vivências das pessoas idosas da casa.

Vários fatores têm favorecido o aumento na expectativa de vida das pessoas, como as descobertas científicas no que se refere à prevenção e promoção da saúde, à redução da taxa de natalidade e o aumento da longevidade, resultando em expressivo aumento no número de pessoas idosas.

Com o aumento da população idosa e da expectativa de vida, mudanças nas configurações familiares (homens e mulheres estudam e trabalham fora) acarretam novas demandas no que se refere ao cuidado e atenção aos familiares idosos. Há algumas décadas idosos(as) eram cuidados em casa pelos familiares, somente as pessoas sem família iam para asilos ou lares, ou seja, os familiares tinham obrigação de cuidar de seus entes idosos.

De acordo com o comunicado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA⁹ (2011), a legislação brasileira institui que a família seja a responsável pelo cuidado da pessoa idosa. E ressalta que essa responsabilidade está expressa na Constituição Federal de 1988 (CF/88), e posteriormente reforçada na Política Nacional do Idoso de 1994 e mais recente no Estatuto do Idoso de 2003.

O mencionado comunicado observa que a legislação está muito relacionada a preconceitos, a institucionalização ainda é vista como isolamento, exclusão e espera da morte, aponta que essa não é uma prática comum em países do Hemisfério Sul. A pesquisa do IPEA identificou 3.548 instituições no Brasil, em que habitavam 83.870 pessoas idosas, constituindo 0,5% da população idosa, esses dados são referentes ao ano de 2010 e acredita-se que atualmente esse número tenha aumentado, em função do envelhecimento da própria população idosa e de sua

⁸ Professora de Educação Física, a qual é digna de respeito e que merece ser valorizada.

⁹ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, é uma Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

dependência e das transformações familiares (CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão; CARVALHO, Daniele Fernandes, 2010). As pesquisadoras destacam que a configuração que temos hoje apresenta composições familiares em mudança, nas quais a mulher está ingressando cada vez mais jovem no mercado de trabalho, existe ainda um abrandamento dos vínculos e uma redução no número de filhos.

Segundo dados do censo 2010, Santa Maria possui uma população de 35.931 pessoas idosas o que representa 13,76%, do total da população, sendo que dessas 1,26% estão institucionalizadas. De acordo com o Setor de Serviços de Interesse da Saúde/VISA da Superintendência de Vigilância Sanitária da Prefeitura Municipal de Santa Maria, o município conta com 18 instituições de longa permanência para pessoas idosas devidamente registradas (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA, 2016)¹⁰.

A exclusividade da família em relação aos cuidados com as pessoas idosas tem diminuído significativamente, essa obrigação tem sido transferida para estruturas desvinculadas da família, que são as instituições, asilos, abrigos, lares, etc. Segundo Anita Liberalesso Neri (2007) as mudanças nas disposições familiares como a falta de tempo das pessoas para cuidar de seu parente idoso, e os altos custos financeiros para mantê-lo em casa, propiciaram a criação de novos modelos familiares com relação às pessoas idosas.

De acordo com Maria Costa e Elizabeth Mercadante (2013) nos últimos 20 anos multiplicaram-se as casas de repouso ou clínicas geriátricas privadas. Historicamente, esses espaços eram lugares para todas as pessoas que estavam fora dos padrões sociais, como aponta a obra de Erving Goffman (2010), que retrata instituições, nas quais moravam mendigos, esquizofrênicos e pessoas com mais idade.

Pode-se dizer que as instituições para pessoas idosas, separando-os dos mendigos, é algo recente, e acontece simultâneo ao momento em que a medicina passa a tratar mulheres e homens na velhice, no que seria a “medicalização da condição de ser idoso” (PRADO; SAYD, 2006, p. 497).

¹⁰ Dados disponibilizados conforme solicitação via contato eletrônico (cosissm@yahoo.com.br) com a superintendente de vigilância em saúde do município de Santa Maria Sra. Selena Michel, em março de 2016.

Com o envelhecimento populacional mundial, surgem múltiplas discussões no que se refere ao lugar para moradia da pessoa idosa. O que seria melhor, em sua casa, com a família ou em uma instituição?

Esses espaços destinados ao acolhimento, moradia, estadia e cuidados destinados às pessoas idosas, são nomeados de variadas formas, algumas antigas e outras recentes: asilo, lar, abrigo, clínica geriátrica, residencial geriátrico, centro de convivência para idosos, entre outros. Oficialmente, a sugestão da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) é que se utilize o termo Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)¹¹. Para Camarano et al (2010, p. 234) a ILPI se apresenta como “residência coletiva, que atende tanto idosos independentes em situação de carência de renda e/ou de família quanto aqueles com dificuldades para o desempenho das atividades diárias, que necessitem de cuidados prolongados”.

Devido a essa variedade de nomeações, optei por usar neste trabalho o termo “casa” quando se tratar do local da pesquisa, pois essa é a nomeação dada pelas pessoas residentes ou que permanecem lá, conforme pode ser verificado na fala de uma das moradoras da casa citada abaixo. Quando necessitar falar de maneira geral, o termo a ser usado será instituição.

Já moro aqui na casa mais de ano, eu gosto daqui, não fico sozinha nunca, as gurias são muito querida, gosto da comida, tudo tá pronto na hora, não me preocupo com nada, me dão os remédios na hora, pra mim tô em casa (Diário de campo de 13 de abril de 2015).

Minha inserção no local da pesquisa foi no ano de 2013, comparecendo inicialmente duas vezes por semana, permanecia no recinto por mais de 1 hora por dia, realizando as atividades por cerca de 40/50 minutos e no restante do tempo aproveitava para conversar com as pessoas, ir até os quartos, conversar com a equipe de enfermagem, com as cuidadoras, conhecendo aos poucos os ambientes.

Em virtude de minha atuação como professora de educação física, pude observar e presenciar situações referentes às sexualidades das pessoas idosas que frequentavam ou residiam nessa casa. Através dessa convivência percebi a relevância da temática, tanto no que tange a entendimentos sobre seu conceito, como na compreensão de sua vivência na atualidade.

¹¹ O referido termo será discutido posteriormente.

Essas situações observadas e presenciadas suscitaram inquietações, as quais fizeram com que eu quisesse saber mais sobre “as coisas” que aconteciam e que se referiam à sexualidade. Percebia olhares, palavras, atitudes e comportamentos, constituindo um emaranhado de representações com inúmeros significados e que poderiam ser observados e minuciosamente descritos.

A partir de minha aproximação e apaixonamento pelas pessoas da casa, surgiram interrogações referentes às suas (não) vivências, o que só foi possível pela minha imersão nesse lugar que para mim mostrava-se complexo e instigante para ser pesquisado. E assim, entendi que a sexualidade se mostra como um elemento que de alguma maneira influencia e interfere na vida das pessoas, pois ela é uma realidade presente ao longo de toda vida, está ali, mesmo quando fingimos não ver.

A questão da velhice institucionalizada ainda é percebida com olhar desconfiado e de forma estigmatizada, existe uma associação entre asilo (lar, casa de repouso, etc.) e abandono, exclusão, e até mesmo, lugar de espera da morte.

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2005) as instituições de longa permanência para idosos objetivam garantir as condições mínimas de atendimento ao idoso com idade igual ou superior a 60 anos, mas percebi que na instituição pesquisada residiam pessoas com idade inferior a 60 anos e isso acontece por diferentes motivos, seja por ausência de familiares, incapacidade física ou mental o que demanda cuidados específicos. Assim, a instituição torna-se uma residência coletiva de pessoas com diferentes idades e necessidades.

Da mesma forma que a velhice institucionalizada, as questões sobre sexualidade também são melindrosamente observadas e pesquisadas em âmbito acadêmico, as temáticas ainda provocam olhares curiosos e receosos, e quando se fala em sexualidade de pessoas idosas institucionalizadas, além da curiosidade, percebem-se olhares desconfiados.

Em virtude disso, as temáticas tornaram-se foco de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, tanto no campo das ciências da saúde como das sociais. Em revisão sistemática da literatura sobre gênero, sexualidade e envelhecimento, Juliana Fernandes, Karoline Barroso, Amanda Assis e Fernando Pocahy (2015), consideraram artigos publicados na base de dados Scielo no período de 2001-2013, nos idiomas Português, Espanhol e Inglês. Utilizaram a combinação dos descritores: gênero; sexualidade; gay; lésbica; travestis; transexualidade; *and* envelhecimento;

velhice. Foram analisados 39 artigos dos quais 66,6% foram produzidos no período de 2010 a 2013, confirmando o aumento nas produções sobre as temáticas de gênero e envelhecimento. As análises dos artigos demonstraram variadas abordagens e pressupostos teórico metodológicos, além de, expor a necessidade de políticas públicas e ações voltadas para as pessoas que vivenciam a sexualidade no envelhecimento.

Na mesma direção, na pesquisa relativa às produções sobre sexualidade na velhice nos últimos 24 anos, foi verificado que 69 pesquisas foram feitas com a temática, sendo 62 dissertações e 7 teses, apresenta-se através dessa pesquisa um panorama sobre sexualidade que reflete a forma como é entendida, a qual frequentemente é expressa através do discurso da saúde e doença, influenciado por políticas de saúde pública, as quais são pensadas e elaboradas, muitas vezes, pelo viés das ciências biológicas (FLORES, Talita; LOPES, Zaira, 2013).

A pesquisa mencionada foi realizada através de levantamento no Portal da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com as palavras-chave “envelhecimento e sexualidade”, “envelhecimento e representações sociais” e “envelhecimento e gênero” divididas em categorias¹². Em relação à categoria permanência da sexualidade na velhice, o conteúdo dos trabalhos estava vinculado ao significado da sexualidade na velhice, foram encontradas 09 dissertações e 1 tese. Ao realizarem as análises desse material, Flores e Lopes (2013) observam que algumas produções apresentam discussões positivas sobre a vivência da sexualidade na velhice, em outras os resultados apontam uma visão preconceituosa e limitada em função de valores e crenças, tanto por parte das próprias pessoas idosas, como de outras partes da população.

Diante dessas constatações, que aliadas ao meu desejo em pesquisar sobre as vivências da sexualidade de pessoas idosas institucionalizadas, que este projeto foi adquirindo materialidade, através da busca de referencial teórico e leituras sobre as temáticas, percebi movimentos e mudanças que desafiam o *status quo* (re)modelando as formas como a sexualidade é configurada e conceitualizada, fornecendo outros olhares para investigação.

¹² Dentre as outras categorias, foram localizadas 6 dissertações relacionadas ao corpo e a sexualidade; na categoria envelhecimento, sexualidade e AIDS foram 15 dissertações produzidas e sobre sexualidade, envelhecimento e gênero, o maior número de produções, 32 dissertações e 6 teses.

A partir dessas reflexões, corroboro com Guacira Louro (2001, p. 5) cuja afirmação diz: “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política”. Segundo a autora trata-se de uma “invenção social” e suas possibilidades são socialmente situadas e codificadas, [...] é “aprendida, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”.

A sexualidade pode ser entendida como uma construção social, uma invenção histórica, e que tem base nas possibilidades do corpo (WEEKS, Jeffrey, 1990), e “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções” (LOURO, 2001, p. 11).

Essas concepções acerca da sexualidade serão utilizadas nessa pesquisa, e reafirmam a importância em pensar a sexualidade como componente constante e inextricável da vida das pessoas idosas, a qual muitas vezes demanda adaptações, e se reconstrói conforme a necessidade ou desejo de suas vivências. Na esteira desses conhecimentos, podem-se pensar os diferentes matizes e possibilidades que a sexualidade assume na vivência dos desejos e prazeres desses(as) idosos(as).

A vivência possui ligação imediata com a vida, de modo que não se vivencia algo através de lembranças e nem através de algo externo, distante, mas o que é sempre experimentado, e o que é vivenciado tem uma magnitude de tal modo significativa, que transforma inteiramente o conjunto da existência (VIESENTEINER, Jorge, 2013). Vivência pode ser entendida como o conhecimento adquirido através da experiência vivida.

Considero que a instituição pesquisada se constituiu como alicerce do estudo, contudo não me limitei em analisar somente a casa, mas interpretei-a como locus privilegiado para percepção das vivências da sexualidade das pessoas idosas que ali estão. O caminho percorrido para a escolha da temática foi no mínimo desafiador, pois traduz meu percurso acadêmico, profissional e pessoal, numa complexa interação de elementos atuantes dentro e fora do campo da pesquisa.

Para isso, nesse estudo, foram abordadas as vivências do cotidiano e da sexualidade de pessoas idosas institucionalizadas, norteadas pelo seguinte questionamento: Como idosos e idosas institucionalizados(as) vivenciam o cotidiano e suas sexualidades?

Imbuída dessas reflexões, vivências e questionamentos esse estudo objetiva compreender como pessoas idosas institucionalizadas vivenciam o cotidiano e suas sexualidades. Mediante tais colocações esta pesquisa justifica-se por buscar

visibilizar e discutir as temáticas em questão e, por conseguinte, construir conhecimentos no campo da gerontologia, pois acredito ser importante que conheçamos sobre o processo de envelhecimento, sobre a velhice e sobre as pessoas idosas.

Almejo com essa pesquisa apresentar “o meu olhar”, sobre questões como a associação entre instituição/asilo – abandono, possibilitando assim, outros possíveis olhares, onde as instituições/asilos possam ser vistas também como uma possibilidade/necessidade para/da população idosa. Além disso, pretendo discutir sobre a ideia bastante difundida em nossa sociedade que é a da inexistência da sexualidade na velhice, o que em meu ponto de vista, ainda é pouco investigada e debatida no campo científico como elemento constituinte da vida, independentemente da idade.

Espero com isso, expor alguns elementos norteadores de reflexões, entendimentos e indagações, trazendo em foco a sexualidade e a velhice institucionalizada, temáticas complexas, instigantes, desafiadoras e indelévels.

Ao desenrolar desse estudo, pretendo que a pessoa leitora mergulhe nas temáticas da sexualidade e do envelhecimento em uma instituição para pessoas idosas, mas tenho a intenção de tornar a leitura prazerosa e instigante, para isso descrevi as cenas observadas e relevantes como forma de organização dos capítulos dessa dissertação.

Minha intenção com essa forma de apresentação é a de tornar o texto criativo e fluído, para tanto utilizei metáforas para descrever os capítulos e realizar minhas análises sobre as fontes de pesquisa observadas, descritas e analisadas.

Para dar seguimento na apresentação desse estudo, após essa introdução que representa o prelúdio, nomeada de Sadharana, na qual fiz uma breve exposição das temáticas, bem como minha trajetória acadêmica e profissional, explico como surgiu à vontade em realizar essa pesquisa, apresento os caminhos metodológicos, na qual utilizei metaforicamente¹³ o Kama Sutra. Obra literária escrita na Índia há cerca de dois (2) mil anos, originalmente foi cunhada para a nobreza Indiana por Mallanaga Vatsyayana. Escolhi utilizá-la como referência em virtude de sua temática sobre as interações afetivas eróticas entre homens e mulheres. A obra apresenta um detalhamento rebuscado, e na maioria dos capítulos do livro o autor abnega a ideia

¹³ Metáforas são figuras de linguagem utilizadas em textos literários que caracterizam comparações no sentido figurado (SEVERINO, 2007).

do enlace sexual para procriação, trata apenas do prazer. A meu ver uma obra inspiradora.

Seguindo esse raciocínio, apresento o tipo de estudo e a seguir busquei descrever o mais detalhado possível: onde (O Palco do Amor), como e com quem (Os cidadãos, idosos e idosos e as/os intermediárias/os, a equipe de trabalho) a pesquisa foi realizada. Na intenção de manter o sigilo das pessoas participantes da pesquisa, utilizei nomeações existentes no Kama Sutra e que apresentem alguma particularidade com as pessoas idosas que participam desse estudo. Para as pessoas da equipe de trabalho da instituição não utilizarei essa nomenclatura apenas farei alusão a sua colocação profissional (enfermeira, técnica em enfermagem do turno, cuidadora, estagiária/o).

Dando sequência à escrita metafórica, nos próximos itens apresento o referencial teórico, as cenas observadas e suas análises as quais estão organizadas em dois tópicos (Cenas do Cotidiano em uma ILPI e o “Congresso Amoroso”). A analogia utilizada no segundo item refere-se ao início do enlace entre os amantes e o encontro sexual. Para ambos os tópicos a ordenação foi feita a partir de momentos do cotidiano e de falas das pessoas da instituição. Para encerrar, exponho as considerações finais que foram representadas pela “Sala de banho”, que caracteriza o momento final do congresso amoroso.

2 O KAMA SUTRA E A INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA: ONDE, COMO E COM QUEM?

[...] esta obra não deve ser usada apenas como instrumento para a satisfação de nossos desejos. Aquele que conhece os verdadeiros princípios desta ciência, que preserva seu Dharma (virtude ou mérito religioso), seu Artha (bens mundanos) e seu Kama (prazer ou satisfação sensual), e que respeita os costumes, certamente conseguirá dominar seus sentidos (VATSYAYANA, 2012, p. 19).

A obra Kama Sutra ou Aforismos sobre o amor foi tomado como uma representação dos procedimentos metodológicos adotados na realização desse estudo, já que esse livro milenar se apresenta como uma obra clássica da literatura erótica hindu, escrito por volta do século III por Mallanaga Vatsyayana, e poderia ser chamada de “tratado sobre homens e as mulheres, suas relações mútuas e ligações entre si” (BURTON, Richard; ARBUTHNOT, Forster, 2012, p. 337).

Segundo os autores supracitados, os quais realizaram intensas pesquisas até chegar nessa versão clássica do livro, o Kama seria o deleite usufruído através dos cinco sentidos, auxiliados pela mente e pela alma, seria o prazer, o qual deveria ser aprendido através do Kama Sutra e de sua prática. O livro expõe além das diversas ilustrações de posições sexuais, o que lhe conferiu popularidade no mundo ocidental, também traz proposições sobre como se relacionar e comportar-se sexualmente e socialmente:

Há na poesia e no drama sânscritos uma certa dose de sentimento poético e de romance que, em todos os países e em todas as línguas para as quais foram vertidos, conferiram-lhes suma aura de imortalidade. Mas o tema é tratado aqui de uma forma franca, simples e objetiva (VATSYAYANA, 2012, p. 13).

Deve-se considerar que essa obra foi escrita em uma determinada época e cultura, direcionada à nobreza indiana, refere-se a um dos princípios essenciais da religião hindu, o Kama, que alude à obtenção do prazer sexual, os outros princípios aspirados são o Dharma, a conquista das virtudes o qual seria o maior objetivo e Artha, que está ligado à aquisição de bens materiais.

Em seus capítulos apresenta lições sobre a arte do amor e do sexo, posições sexuais, hábitos e costumes da população indiana, além disso, seu desígnio consiste em indicar modos de alcançar a felicidade e o prazer. O Kama Sutra

mostra-se como uma importante contribuição histórica e literária à cultura universal e de alguma forma influenciou (ou ainda influencia) na construção da sexualidade das populações orientais e ocidentais.

A pesquisadora sobre hinduísmo e mitologia, Wendy Doniger¹⁴ (2015), ressalta que o Kama Sutra consiste em um texto sofisticado e corajoso, que desafia muitas convenções, e nele Vatsyayana ignora o pensamento de sexo para procriação e preocupa-se com o prazer.

A meu ver, o Kama Sutra pode ser interpretado de várias maneiras e com diferentes objetivos, além disso, e por isso, foi uma obra precursora, organizada, minuciosa, objetiva e poética. O livro foi utilizado metaforicamente pelo fato de orientar e propor maneiras para se chegar a um objetivo (o prazer), e do mesmo modo entendo que tais orientações se aplicam à metodologia escolhida para o desenvolvimento deste trabalho. Além disso, valoriza o prazer em sentido amplo, que inclui o sexual.

Considerando a metáfora, destaco que a presente pesquisa é inspirada na abordagem etnográfica, uma vez que buscou investigar as vivências cotidianas e de sexualidade de pessoas idosas moradoras de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos situada no município de Santa Maria – RS.

Os estudos etnográficos, ao utilizarem-se do olhar e da escrita do(a) pesquisador(a) como instrumento privilegiado para produção das fontes de pesquisa, também produzem representações sobre os atores sociais que fazem parte do estudo.

De acordo com José Magnani (2009, p. 135) a etnografia é uma maneira particular de atuar em que o pesquisador adentra e participa do universo dos pesquisados, para “numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente”.

Clifford Geertz (2008, p.4) ressalta que a definição sobre a prática etnográfica está no esforço intelectual para elaborar uma “descrição densa”, esse empenho do(a) pesquisador(a) na contemplação sobre o grupo, a captação das atitudes e, enfim sua relação com a teoria. O autor ressalta que:

¹⁴ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_kama_sutra_feminista_fn>. Acesso em 16 de Julho de 2016.

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p. 07).

Na intenção de decodificar certas incongruências, empenhei meu olhar em cada detalhe do cotidiano daquelas pessoas idosas que vivenciam seu processo de envelhecer em uma instituição. Além das atividades do dia-a-dia, ao longo do estudo serão relatadas algumas comemorações e ocasiões de interação, como festa de aniversário, festa junina e a roda de chimarrão. Esses momentos extravasam as usualidades habituais, aproximam as pessoas e de certa forma quebram a rotina estabelecida.

Dessa forma, é importante ressaltar que a minúcia da descrição etnográfica não está simplesmente relacionada a relatar a estrutura ou o espaço físico, mas referem-se às formas de interação, organização e nas relações. É preciso estar atenta em relação às cenas do cotidiano e tentar distinguir e captar atitudes, falas, gestos e olhares que possam contribuir como fontes de pesquisa.

Para Cornelia Eckert e Ana Luiza Rocha (2008) a observação está ligada a interação com o outro:

O observar na pesquisa de campo implica na interação com o Outro evocando uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o Outro no fluxo dos acontecimentos. Isto implica em estar atento(a) as regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder. (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 3).

Busquei realizar a presente pesquisa seguindo o rigor e a postura ética exigida em qualquer abordagem metodológica, e superando algumas de minhas limitações durante esse caminho percorrido.

Para Claudia Fonseca (2004, p. 14),

Relativizar as práticas de pessoas que partilham de nosso universo é questionar nossos próprios valores; é admitir as contradições de um sistema econômico e político que cria subgrupos com interesses opostos. Nossa abordagem não deve ser confundida com um relativismo simplista. Procurar entender certas dinâmicas não significa louvá-las, nem advogar sua preservação. Significa, antes, olhar de forma realista para as diferenças culturais que existem no seio da sociedade de classe – sejam elas de gênero, etnia ou geração; significa explorar o terreno que separa um

indivíduo do outro na esperança de criar vias mais eficazes de comunicação.

A descrição etnográfica envolve a dinâmica entre o contexto observado, seus sujeitos, fatos do cotidiano, objetos, comportamentos, e a partir da análise desses elementos, conjuntamente com autoras e autores, embasam e fornecem os conhecimentos necessários para discutir as fontes de pesquisa produzidas.

A seguir apresento o lugar, onde foi realizada a pesquisa.

2.1 “O PALCO DO AMOR”¹⁵: A CASA

A “casa” é o palco desse estudo, um Centro de Convivência para idosos, o qual iniciou suas atividades no dia 03 de abril de 2009, na cidade de Santa Maria – RS, através de iniciativa familiar de três irmãos. Em junho de 2011, as duas irmãs e o irmão, inauguraram um novo espaço na cidade para dar prosseguimento à prestação de serviços à terceira idade.

A instituição de longa permanência para idosos pesquisada é de caráter privado com fins lucrativos, cujo aluguel/mensalidade era de, em média, R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) de aluguel/mensalidade, esse valor pode variar de acordo com o tipo de quarto (individual ou com mais pessoas, suíte), com as necessidades e cuidados especiais (uso de fraldas, tipo de alimentação, acamados). A capacidade de atendimento é de 50 pessoas. Na época em que realizei a pesquisa, contava com 39 residentes na casa, sendo 25 mulheres e 14 homens, e 1 homem e 1 mulher que passam o dia na casa e à tardinha retornam para suas residências, totalizando 41 pessoas recebidas na casa.

Segundo informações constantes na página da instituição na internet, “a empresa é referência no cuidado ao idoso, em nível regional e nacional, pois somos movidos pelo desafio de prover um ambiente familiar, saudável, afetuoso e carinhoso com as pessoas que cuidamos”¹⁶. Possui como missão, proporcionar assistência geriátrica na busca constante pela excelência dos serviços prestados. E possui como valores: a ética, humanismo, seriedade, responsabilidade e o compromisso com a qualidade de vida, têm como estrutura e serviços: hotel

¹⁵ Obra literária hindu redigida pelo poeta Kullianmull durante o século 15 ou 16 e citada como a mais recente das obras em sânscrito sobre o tema, famosa no Ocidente, conhecida como Anunga Runga (VATSYAYANA, 2012, p. 12).

¹⁶ Informações disponíveis no site da instituição, o qual não foi referenciado para manter o sigilo.

residencial temporário e permanente; quartos privativos e semiprivativos; atendimento pós-hospitalar; acompanhamento médico; alimentação balanceada (6 refeições diárias) e acompanhamento nutricional; pista de caminhada; SOS Unimed 24h; câmeras de vigilância; recreação e ginástica; lavanderia, desinfecção e higienização; fisioterapia.

A instituição dessa pesquisa se intitula Centro de Convivência para idosos e em virtude das modalidades oferecidas para permanência no local o torna um lugar de convívio. Existem pessoas que ficam de segunda a sexta durante o dia, outro que vai três (3) vezes na semana, outro que mora ali por vontade própria, alguns ficam de segunda a sexta e passam os finais de semana com a família, outros ficam na casa somente até recuperarem-se de cirurgia e depois voltam para sua casa, etc. Um dos idosos que reside na casa por sua vontade tem a disponibilidade de sair e voltar a hora que quiser, quanto as outras pessoas idosas residentes nessa instituição não possuem autorização para saírem sozinhas.

São opções oferecidas e que transformam esses lugares (asilos, lares, casa geriátrica, centro de convivência, etc.) em espaços¹⁷, as quais influenciam as formas de conviver das pessoas que ali residem ou permanecem. Além disso, transforma a organização através dos encontros e desencontros, do entra e sai de pessoas, das pessoas que vão e voltam e das que ficam até ir ao encontro de Yama¹⁸.

Percebi que uma das premissas da instituição é mantê-la com ares de casa, e não de clínica ou hospital. Os ambientes não são assépticos, as paredes são pintadas, existem cortinas, enfeites, bibelôs, vasos com flores artificiais, jardim com flores, pomar. Além disso, os móveis não são padronizados, assim como a roupa de cama e toalhas. Esses elementos fazem com que as pessoas que ali estão sintam-se acolhidas e em casa, tanto que a nomeiam de casa, apesar de algumas delas, pedirem para voltar para suas casas.

2.2 COMO FOI FEITO...

¹⁷ O espaço é entendido como a prática do lugar, ou seja, como os sujeitos o transformam a partir das suas ocupações, apropriações e vivências (CERTEAU apud REIS, 2013). Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/6969/5108>. Acesso: abril de 2016.

¹⁸ Personificação da morte para os indianos (VALERA, 2012). Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/15877/9088>. Acesso: Março de 2016.

Após a definição do local, conversei com a proprietária da instituição sobre a pesquisa (objetivo, temáticas, metodologia, sujeitos), ela foi receptiva e concedeu autorização. O presente estudo está registrado no Gabinete de projetos do Centro de Educação Física e Desportos sob o número 041627 e foi aprovado pelo Comitê de ética e pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Santa Maria sob o nº 5224.9816.90000.5346.

As observações iniciaram no mês de março do ano de 2015 até abril do ano de 2016, duas vezes por semana em dias alternados e turnos variados. Geralmente, eu permanecia por cerca 1 hora na casa, totalizando cerca de 100 horas de observação o que resultou em 164 páginas de diário de campo.

A produção de fontes de pesquisa deu-se através de observação participante, os fenômenos observados foram descritos no diário de campo, conjuntamente, realizei conversas informais na intenção de qualificar a obtenção dos dados, os quais foram incorporados na discussão e interpretação das fontes de pesquisa obtidas, com o propósito de apresentar com maior clareza possível o que era notado e ouvido.

Durante os momentos na casa, procurei circular entre os ambientes, conversar com as pessoas, sentava para assistir televisão, tomar chimarrão, observando e ouvindo¹⁹. Conversávamos sobre vários assuntos e eu esperava uma brecha ou gancho para provocar o assunto sobre sexualidade, nem sempre conseguia instigar algum comentário. Apesar de não falarem quando eu perguntava algo sobre o tema (o que já me mostrava algumas pistas), se expressavam por olhares, gestos e atitudes, o que de certa forma ao meu olhar, representava e dizia muito.

Na ocasião das observações, sentia um misto de confiança e dúvida, percebi o quão árduo e meticuloso é o trabalho etnográfico, foi preciso exercitar minha condição de pesquisadora, busquei ter um olhar atento, ouvidos afiados e intuição apurada, na intenção de descrever todas essas impressões detalhadamente no diário de campo, na tentativa de enxergar de perto e de dentro buscando um olhar minudenciado, com intuito de aproximar-se do modo de vida desses atores sociais (MAGNANI, 2009).

¹⁹ Esses momentos serão descritos posteriormente.

Através das atividades que desenvolvia e da estadia na casa, busquei conversar de maneira informal com as pessoas que estavam no espaço, exercitei a observação participante, e procurava registrar no diário de campo, atentando para os detalhes observados (gestos, cutucões, olhares atravessados, expressões faciais, cochichos, etc.).

As incursões na casa foram realizadas principalmente no período da tarde, devido a maior disposição e interação das pessoas idosas nesse turno. Estive em algumas manhãs na instituição a fim de ampliar a visão sobre a vida cotidiana, observei que nesse período os quartos estavam sendo limpos e arrumados pela equipe de limpeza, enquanto as pessoas idosas encontravam-se envolvidas com as atividades cotidianas de banho, café da manhã, fisioterapia, visitas do médico geriatra e de familiares.

Percebia que no turno da tarde, as pessoas mostravam-se mais dispostas para conversar, e à tardinha como já era hábito, tomavam o chimarrão. Inseri-me na roda, fui convidada pelo dono do mate, Bali²⁰.

À medida que tinha elementos provenientes das observações e conversas, buscava elaborar novas questões a serem respondidas com intuito de dar continuidade ao trabalho de campo. Ao mesmo tempo, procurava aporte teórico em outros estudos etnográficos e no aprendizado sobre etnografia na intenção de melhorar/qualificar o trabalho etnográfico.

De acordo William Whyte (2005):

A observação participante implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para “negociar” sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar ulterior da pesquisa. O tempo é também um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos: para se compreender a evolução do comportamento de pessoas e de grupos é necessário observá-los por um longo período e não um único momento (WHYTE, 2005, p. 320).

Durante as observações na casa, procurei atentar para as ações das pessoas e as características físicas, com o propósito de registrar e analisar as informações obtidas. Tive oportunidade de participar de algumas situações da rotina da casa,

²⁰ Foi um demônio que conquistou Indra e tomou-lhe o trono, porém mais tarde foi dominado por Vixenu (VATSYAYANA, 2012, p. 37). Esse idoso (66 anos) foi caracterizado assim, pois queria seu “trono” novamente, pretendia voltar para sua casa e reassumir seus bens, segundo ele, “um pedaço de terra pra botar uns boizinhos”.

assisti televisão, participei de festas de aniversário, café da tarde, visitas aos quartos e locais de convivência coletiva, foram aspectos relevantes para as observações e registros. Estar na casa e participar de momentos do cotidiano permitiu-me penetrar nesse espaço instigante e revelador, sendo assim:

[..] a experiência do(a) etnógrafo(a) de misturar-se no seio do grupo social, colocando-se em perspectiva a partir de conversas, diálogos que nascem das interações sempre na expectativa de compreender as intenções e motivações que orientam as ações dos Outros e as suas. Desvenda aos poucos os acontecimentos (rituais, cerimônias, eventos, conflitos, solidariedades, etc.) particulares, interpretando os sentidos nele contidos (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 13).

Após as observações, registrava detalhadamente no diário de campo os acontecimentos observados. Empenhei-me em elaborar as descrições que fossem as mais minuciosas possíveis, registrando cada pequeno detalhe das situações que presenciei ou das conversas que entabulei. Debruçava-se atentamente sobre as impressões e sensações que o contexto me impunha.

Nessas experiências sensoriais uma se destacava e tomava conta de mim, refiro-me aos cheiros da velhice que impregnavam a casa. Dentre os vários odores que circundavam e invadiam os ambientes, um deles era o mais forte, marcante, penetrante, impregnante, desagradável: o cheiro de fezes²¹. Embora seja algo que todas as pessoas fazem quase que diariamente, guardamos na memória resquícios de que não cheira bem, podia naquela ocasião configurar-se como um elemento tão perturbador. Os elementos observados, habituais ou incomuns, fazem parte do cotidiano dessa instituição, compõem cenas do dia-a-dia as quais foram meticulosamente descritas no diário de campo.

O diário de campo, segundo Eckert e Rocha (2008, p. 15) consiste em:

[..] instrumento de transposição de relatos orais e falas obtido desde a inserção direta do(a) pesquisador(a) no interior da vida social por ele ou por ela observada. Muitos destes cadernos de notas e diários contendo dados brutos de observações diretas em campo conduziram os antropólogos ao estudo e a pesquisa, por exemplo, com as gramáticas e os vocabulários que constituem os diferentes dialetos de uma mesma língua falados pelas sociedades por eles pesquisadas, com as genealogias de parentesco que organizam seu corpo social; os mitos e os rituais que vivificam o sentido coletivo de suas vidas, etc.

²¹ Essa situação será descrita posteriormente.

O texto etnográfico não possui neutralidade, e está enredado e permeado por relações de poder, é a obra resultante das relações entre pesquisadora e pesquisado(a), e se institui numa concretização das relações de poderes constituídas entre as pessoas envolvidas.

Clifford Geertz (2008) considera a descrição das interações realizadas e dos comportamentos observados como textos vividos e ilustrados como teias de significados. Assim, a escrita etnográfica aponta as vertentes teóricas e o posicionamento político da pesquisadora, estão presentes na escrita e são fatores determinantes nas escolhas dos discursos.

Nesse estudo intentei adequar-me a normas éticas pré-estabelecidas e considerei o processo ético construído de maneira dialógica entre pesquisadora e pesquisados/s, fundada no respeito e aos valores desses sujeitos. Busquei observar atentamente as relações e vivências de cada pessoa idosa nesse contexto cultural específico em que convivi, vi, escutei, andei e analisei embasada em referenciais teóricos qualificados.

Realizei conversas informais em momentos distintos, algumas vezes iniciadas por mim e em outros fui procurada pelas pessoas idosas para conversar sobre assuntos variados, percebi o quanto essas pessoas gostam de contar suas experiências, dores, alegrias, necessidades ou só jogar conversa fora mesmo, o que era muito bom, pois me aproximava delas.

Para Geertz (2009):

A natureza altamente situacional de descrição etnográfica – um dado etnógrafo, em tal época e tal lugar, com tais informantes, tais compromissos e tais experiências, representante de uma dada cultura e membro de uma certa classe – confere ao grosso do que é dito um caráter do tipo “é pegar ou largar” (GEERTZ, 2009, p. 16).

Compreendo esse estudo como uma construção complexa e dinâmica, produzida a partir da relação recíproca entre pessoas em um lugar e momento específicos, assim, apresento as descrições e análises a partir das concepções teóricas escolhidas e do lugar de onde eu falo.

2.3 OS CIDADINOS²²: IDOSAS E IDOSOS

Segundo Camarano et al (2010) a baixa proporção de pessoas idosas asiladas, ocorre devido a fatores como pouca disponibilidade de instituições, custos altos, pensamentos preconceituosos e receosos, atrelados à vontade das pessoas idosas de serem cuidados pelas famílias.

Participaram da pesquisa quinze (15) pessoas idosas de ambos os sexos, sendo nove (9) mulheres e seis (6) homens com média de idade de setenta e um (71) anos, treze (13) são residentes e duas (2) não residentes²³ na casa. São idosas e idosos de classe média e classe média alta e em alguns casos as/os filhas/os ou parente que tem um bom poder aquisitivo pagam os custos.

Relativo ao estado civil das mulheres oito (8) são viúvas e uma (1) solteira, dos homens três (3) solteiros e três (3) casados, entretanto, as esposas destes não residiam na casa, sendo que dois (2) deles recebem a visita da esposa e o outro idoso permanece na casa durante o dia e à tardinha volta para casa.

Em relação à escolaridade, no grupo das mulheres uma (1) possui ensino médio, e oito (8) ensino fundamental incompleto e dos homens, um (1) tem curso técnico, (1) nível superior, um (1) ensino médio incompleto, um (1) ensino fundamental completo e dois (2) ensino fundamental incompleto.

Sobre as suas profissões ou ocupações, no grupo de mulheres oito (8) eram donas de casa e uma (1) servidora pública federal, no caso dos homens, dois (2) comerciantes, um (1) contador, um (1) servidor público estadual, um (1) servidor público federal e um (1) produtor rural.

Essas pessoas participavam das atividades físicas, recreativas e de lazer que desenvolvo na casa, e foi a partir dessa proximidade e de certos episódios acontecidos durante as atividades é que esse estudo iniciou, primeiramente com um estranhamento, depois a curiosidade e finalmente, um projeto de pesquisa. Exposto assim parece simples, mas o caminho percorrido tinha curvas, descidas e subidas, às vezes um labirinto, foram essas sinuosidades que adornaram a concretização dessa pesquisa.

²² Tema do Capítulo IV: A Vida do Cidadino, da Parte I do Kama Sutra e traz como conceito, termo que aplica-se aos habitantes do Indostão em geral e não apenas a pessoa que mora em uma cidade (VATSYAYANA, 2012, p. 49).

²³ Foi explicado anteriormente.

O perfil das pessoas idosas que residem em instituições apresenta-se em sua maioria como mulheres com idade avançada, sendo que a proporção aumenta com a idade, e fica maior na faixa etária dos 80 anos ou mais (IPEA, 2008).

Essa característica também está presente na instituição estudada, pois 63% são mulheres e segundo a enfermeira responsável, quase a metade possui 80 anos ou mais, e a idade das pessoas atendidas na casa está entre 59 e 104 anos.

Frequentei a casa por três (3) anos, e algumas dessas pessoas idosas eu conheço desde que iniciei minha atuação como professora, pois a maioria delas já morava na casa quando comecei. Em virtude disso, tivemos proximidade e tempo de convivência significativos, o que me proporcionou intimidade, confiabilidade e liberdade para falar sobre as temáticas da pesquisa.

As pessoas participantes desse estudo foram selecionadas a partir dos seguintes critérios de inclusão: pessoas idosas de ambos os sexos com idade igual ou superior a 60 anos, residentes ou que estivessem na instituição há pelo menos três meses e que aceitassem participar da pesquisa.

No diário de campo, nas descrições que fiz das pessoas que participaram deste estudo, nomeei cada uma delas com nomes fictícios escolhidos metaforicamente, de acordo com personagens constantes no livro Kama Sutra. A escolha foi devido às características das pessoas idosas que participaram dessa pesquisa se assemelharem com algumas características descritas na obra.

Segundo o Kama Sutra, nas questões amorosas, o homem deve fazer o que for agradável para as mulheres dos diferentes lugares, cada lugar confere as mulheres características específicas (VATSYAYANA, 2012). Para as mulheres, utilizei os nomes dessas cidades de acordo com as características indicadas.

O anonimato dos sujeitos de pesquisa, segundo Claudia Fonseca (2010) pode ser uma estratégia muito mais como autoproteção da pesquisadora, do que proteção real para as pessoas participantes do estudo, o uso de nomes fictícios não garante o anonimato, pois a descrição densa está ligada a riqueza do detalhamento do local e dos informantes.

2.4 AS (OS) INTERMEDIÁRIAS²⁴ (OS): A EQUIPE DE TRABALHO

A equipe de trabalho da casa contava com vinte (20) profissionais contratados, sendo nove (9) técnicos em enfermagem (5 são estagiários do técnico ou da graduação em enfermagem), uma (1) enfermeira (gerente), uma (1) nutricionista, uma (1) fisioterapeuta, um (1) médico geriatra (atende na casa 3 vezes na semana), duas (2) funcionárias da limpeza, duas (2) da cozinha e duas (2) da lavanderia e um (1) serviços gerais que é motorista, jardineiro, pintor, pedreiro, eletricitista, etc.

A casa conta com dois (2) professores de educação física (um deles é estagiário) e uma terapeuta ocupacional que são prestadores de serviço. Uma das idosas tem uma cuidadora particular, contratada pela família que fica no quarto atendendo as necessidades da idosa durante todo dia, inclusive nos finais de semana que ela não vai para a casa dos familiares.

As pessoas que trabalham na casa me parecem muito dispostas e ativas, possuem uma demanda grande de trabalho, da qual precisam dar conta, como dar banho, trocar fraldas, fornecer alimentação e medicamentos conforme prescrição médica. Percebi uma rotatividade muito grande de estagiários, pois alguns não ficam por muito tempo, de acordo com a enfermeira responsável isso se deve ao fato de que “eles não aguentam o tranco”, referindo-se a rotina de atividades a serem realizadas no trabalho.

A casa é um espaço de circulação de pessoas idosas, equipe de trabalho, familiares e visitantes, todas essas pessoas de alguma maneira se relacionam. Considerei em minhas descrições, as pessoas que estiveram no espaço da casa e presentes nas ocasiões observadas ao longo do trabalho de campo.

Em meio a essas pessoas, além das idosas e idosos que fizeram parte do estudo, colaboraram também a cuidadora, e três (3) funcionários da instituição, bem como, algumas pessoas da família durante sua visita ao ente idoso, foram consideradas no estudo, na medida em que conheciam e faziam parte do cotidiano e forneceram subsídios importantes para a pesquisa, através de conversas informais e da atuação direta com as pessoas idosas da casa.

²⁴ A pessoa intermediária é aquela que facilita a aproximação ou encontro de pessoas que se interessam uma pela outra, ela tem a intenção de aproximá-los e estimula a relação entre as duas pessoas, utiliza-se de suas faculdades intelectuais e sua conversação artificiosa, pode ser contratada pelo homem ou pela mulher, essa passagem está no Capítulo IV: Das funções da Intermediária da Parte V do livro (VATSYAYANA, 2012, p. 231-234).

Este cenário constitui um espaço carregado de significados que compõe um emaranhado de insígnias de rotinas, costumes, crenças, e de rituais. Sua compreensão demanda muita atenção nas observações e na escuta, para decodificar os comportamentos e sentimentos das pessoas que ali circulam.

3 CENAS DO COTIDIANO EM UMA ILPI

No campo dos estudos acadêmicos que focalizam o processo do envelhecimento, esforços têm sido empreendidos com o intuito de analisar, problematizar e propor novas formas de compreensão das diferentes fases da vida. As contribuições procedem das mais diversas áreas de atuação profissional, como: Psicologia, Enfermagem, Educação Física, Fisioterapia, Sociologia, Antropologia e Medicina, sem deixar de mencionar a emergência de mais uma área de conhecimento: a Gerontologia.

O termo gerontologia trata do estudo do envelhecimento, envolvendo profissionais e/ou pesquisadores/as de várias especialidades, empenhados/as nos mais diversos aspectos que envolvem esse processo, a fim de se alcançar um envelhecimento bem-sucedido (DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro, 2012). O entendimento conferido pela cartilha da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG (2003), afirma que Gerontologia se refere ao estudo do envelhecimento em todos os seus aspectos (biológicos, sociais, psicológicos e outros), envolvendo profissionais com formações diversificadas que interagem entre si e com os geriatras.

Em consonância com o exposto acima, ao se pensar sobre esse universo complexo e dinâmico, que é o processo de envelhecimento, o exercício Cartesiano faz-se necessário para entendê-lo: fragmentá-lo para aprofundá-lo. A partir disso, ampliam-se os saberes individualizados, mas cada profissional “enxerga” do seu lugar e aporta com seus conhecimentos.

Se pensarmos a Gerontologia como área de conhecimentos com capacidade de intervenção definida, que consiste relacionar um conjunto de saberes acadêmicos com inserção concreta, com olhar interdisciplinar, partindo de um ponto de vista abrangente, somam-se gerontologia e geriatria na busca de uma melhor leitura do campo (PRADO; SAYD, 2006).

Nesse esmiuçar de sentidos, cabe mencionar o surgimento de categorias etárias, as quais se encontram relacionadas ao processo de ordenamento social que teve curso nas sociedades ocidentais durante a época moderna, até o início do século XIX, fatores demográficos, sociais e culturais combinavam-se de tal modo que nas sociedades pré-industriais não ocorriam separações nítidas ou

especializações funcionais para cada idade, não eram efetuadas fragmentações do curso da vida em etapas determinadas (HAREVEN, Tamara, 1995).

A obra do historiador Philippe Ariès (1978) é apontada como um trabalho paradigmático nos estudos sobre envelhecimento. Trata-se de uma obra histórica sobre a construção social de uma etapa de vida. Nela, a infância é pensada como fase distinta da idade adulta, com suas peculiaridades. Tal fato conduziu a transformações na esfera familiar e na distinção entre os espaços público e privado, que culminaram em novas relações entre os membros da família moderna, ponto de partida para estudos históricos sobre outras categorias etárias, dentre elas, a velhice.

Saliento que o conceito de velhice faz parte de um processo histórico, que inclui também outras categorias etárias como, por exemplo, a infância e a adolescência. Como toda a categorização, o conceito de velhice passa a produzir, no espaço social, imaginários e estereótipos de grupos e pessoas. Pelo menos dois processos foram de vital importância para esta construção: a formação de um saber médico que passou a se ocupar do corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias (SILVA, Luna, 2008).

Hareven (1995) aponta que a consolidação das categorias etárias se deu no século XX, com marcos de transição mais definidos entre as diferentes idades e a institucionalização de ritos de passagem, como o ingresso na escola, universidade e aposentadoria. Silva (2008) destaca que o processo de institucionalização da aposentadoria, surgido ao longo dos séculos XIX e XX de forma mais veemente, é considerado o segundo fator fundamental para o surgimento da categoria velhice como fase etária diferenciada e, posteriormente, na definição do termo terceira idade.

Nesse sentido, a Organização Mundial de Saúde (1984) utiliza o critério cronológico para estabelecer a fase da velhice. Desta forma, nos países desenvolvidos, é considerado idoso o indivíduo com idade igual ou superior a 65 anos, já aqueles que residem nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, são considerados idosos com 60 anos ou mais, conforme aponta também o Estatuto do Idoso (BRASIL, LEI Nº 8.842, DE 4 DE JANEIRO DE 1994).

Porém, cabe salientar o fato de que a idade e o envelhecimento estão relacionados a fenômenos biológicos, mas seus significados são produzidos social e culturalmente. Para Debert (1999), em todas as sociedades existe a presença de

agrupamentos etários, mas essas grades de idade não são as mesmas em diferentes culturas, pois guardam significados específicos conforme cada grupo social, devendo ser entendidas em função do contexto histórico em que foram desenvolvidas.

De acordo com Anita Liberalesso Neri (1997) existe um longo caminho a ser percorrido em relação à superação do estereótipo de abandono, tristeza e incapacidade, passando para uma visão de protagonismo social. Essa visão distinta do processo de envelhecimento poderá acarretar contribuições significativas para qualidade de vida da pessoa idosa e favorecer a sua mudança de identidade.

Considerando o contexto hodierno, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) adotou a expressão “Instituição de Longa Permanência para Idosos” (ILPI) para designar o antigo “asilo”. Essa instituição é definida pela SBGG como estabelecimento para atendimento integral institucional, destinada para pessoas de ambos os sexos com idade igual ou maior que 60 anos, dependentes ou não, que não dispõem de condições de residir com a família ou em domicílio unicelular.

Sabe-se que, no Brasil, não existe consonância quanto à definição de uma ILPI, como destacam as pesquisadoras Ana Amélia Camarano e Solange Kanso (2010). Originalmente o termo estava vinculado aos asilos para população necessitada que carecesse de amparo, obras da beneficência cristã perante a carência de políticas públicas. O que abona a deficiência financeira e a falta de residência entre as causas mais importantes para a busca, assim como o fato de a maioria das instituições brasileiras serem filantrópicas (65,2%).

Segundo as autoras referenciadas, as instituições de longa permanência para idosos podem ser entendidas como “residência coletiva, que atende tanto idosos independentes em situação de carência de renda e/ou de família quanto aqueles com dificuldades para o desempenho das atividades diárias, que necessitem de cuidados prolongados” (CAMARANO; KANSO, 2010, p. 234).

De acordo com as normas técnicas para o funcionamento das instituições, estas devem propiciar o exercício dos direitos humanos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e individuais de seus residentes (BRASIL, 2005).

A regulamentação do funcionamento dessas instituições é algo recente, visto que as normatizações que regulam o funcionamento das casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições que prestam atendimento de idosos, consta na

Portaria nº. 810 de 22 de setembro de 1989 (BRASIL, 1989). Alguns anos depois, foram nomeadas de ILPI na legislação vigente da RDC nº. 283 de 26 de setembro de 2005, que institui os critérios mínimos para o funcionamento (BRASIL, 2005).

Historicamente essas instituições prestavam-se ao assistencialismo de pessoas necessitadas de moradia, de alimento e de cuidados, tornaram-se conhecidas como asilos ou albergues, e esses termos ainda são carregados de cargas negativas, preconceitos, articulam ideias de pobreza e abandono.

De acordo com Adriana Alcântara (2004), a primeira instituição criada para população idosa no Brasil destinava-se a abrigar soldados (velhos e cansados), inspirada na obra de Luís XIV destinada aos heróis de guerra, era um modelo que atendia militares idosos e não à velhice. Existem outras (poucas) concepções que divergem sobre o surgimento das instituições no Brasil, e o fato de a temática em questão possuir poucos estudos, dificulta um levantamento preciso sobre quando exatamente tenha começado a ocupação dos asilos pela população idosa.

A velhice, antes percebida como decadência física, invalidez, isolamento afetivo e social, passa agora a ser significada como momento de realização pessoal e lazer que não pôde ser vivenciado na juventude. O velho passa a ser idoso, criando-se assim novas representações do que é ser sujeito nessa idade, ressignificando suas identificações, comportamentos e modos de pensar (DEBERT, G., 2003).

O envelhecimento constitui-se em um processo heterogêneo, fluído e dinâmico, está carregado de transformações em vários aspectos (físicos, sociais, psicológicos, etc) provocadas pelo tempo que passa e é alheio as nossas vontades, mas que necessita ser compreendido, internalizado e ressignificado.

Entrelaçado a esse arcabouço teórico, apresento no decorrer do estudo as cenas do cotidiano da casa (instituição) o qual é feito de rotinas que se traduzem em momentos que invariavelmente se repetem, dia após dia. Segundo Agnes Heller (2008) o cotidiano caracteriza-se pelo viver de todos os dias e de todas as pessoas. Nesse contexto, desenvolvem-se os aspectos da personalidade e, para vivenciá-los, são usados sentidos, aptidões mentais, capacidades manipulativas, emoções, paixões e ideologias.

A partir da inserção da pessoa idosa na casa, inicia-se um processo de adaptação a uma nova rotina, de interação com outras pessoas, com os espaços e objetos, enfim, todo o complexo contexto da instituição. A mudança desacomoda,

pode causar certo temor inicial em relação ao desconhecido, que, aos poucos, vai se transformando em conhecido. Para tal será necessário aprender a conviver nesse novo cenário e reconstruir seu cotidiano.

Atrelada ao conjunto dessas asseverações Susy Rodrigues (2013, p. 32) assinala para as inúmeras possibilidades de descobertas que o cotidiano pode oferecer: “a temática do cotidiano permite descobrir e redescobrir as múltiplas expressões que a repetição do dia a dia e as atividades rotineiras assumem sobre a vida do homem”. Ao refletir sobre as novas e experiências e os hábitos do cotidiano, a autora ressalta:

A partir da participação do sujeito nas experiências novas, que serão repetidas, por intermédio do cotidiano, será estabelecida a confiança em situações desconhecidas ou inéditas. Ao pensar na rotina, no cotidiano, atribui-se uma relação de confiança entre o mundo e o ser humano, pois nas experiências limite, nas quais encontram-se alguns obstáculos para agir, seja por questão de insegurança, ou pelo desconhecimento do novo, a partir da relação com os objetos de uso permanentes que existem no mundo, os sujeitos conseguirão sentir segurança em si mesmos, nos outros sujeitos e no mundo. (RODRIGUES, 2013, p. 33).

Tudo que faz parte do cotidiano e que é reproduzido torna-se familiar ao indivíduo, aproveitando-se de algo que é seguro, contrário ao que é estranho. Assim, Hannah Arendt (2013 apud RODRIGUES, 2013) considera aspectos importantes da vida cotidiana: ao passo que o repetitivo pode ser cômodo para pessoa na constituição da confiança no mundo, consigo e com outras pessoas, e na relação com objetos de uso. Vislumbra-se a habilidade criativa que emerge da rotina, alterando o que era conhecido em algo novo e distinto. São possibilidades em compreender a importância do cotidiano na construção do contexto social, principalmente no que tange o viver em uma instituição, onde se faz necessário pensar em transformação, inventividade, segurança e confiança, capacidades humanas que fazem parte das relações sociais em sua totalidade.

A seguir apresento recortes do diário de campo nos quais as cenas do cotidiano na instituição estão expostas e discutidas. O título da cena foi retirado do conteúdo descrito nesse item.

3.1 A ESPERA DE...

Ao chegar em frente à casa, deparei-me com os portões fechados e com uma placa na grade pedindo gentilmente que o portão fosse mantido fechado. Para entrar era preciso acionar o interfone e ter paciência, pois o mesmo estava quase sempre com problema, era preciso apertar muitas vezes para abrir. Enquanto esperava, ao olhar pelas grades, era possível ver o jardim pouco cuidado, à direita, algumas roseiras brancas florescidas ao lado de uma luminária vertical, à esquerda, plantas altas que pareciam coqueiros, arbustos e uma estátua de uma mulher no centro do jardim e a imponente fachada da casa um pouco desgastada pelas intempéries do tempo, carecendo de alguns cuidados, assim como, seus(uas) moradores e moradoras.

A casa é uma construção de alvenaria em estilo colonial, pintada na cor verde claro e com detalhes em tijolos à vista, destacando-se grandes portas e janelas de ferro e vidro pintadas de verde claro, com três andares, era rodeada por muros pintados de verde e grades altas. Estava localizada em um bairro de classe média alta, e, passeando pela vizinhança, pode-se perceber que era uma das mansões do bairro que foi adaptada para contemplar normas legais e as necessidades das pessoas idosas e da equipe de trabalho.

Na fachada destacava-se uma varanda que abrangia toda a extensão frontal da casa, sustentada por colunas quadradas e arcos arredondados. Um convidativo sofá posicionado de frente para a rua instituía a varanda como um dos espaços mais disputados da casa, frequentado por um grupo de pessoas idosas que ficam olhando para a rua e, ansiosas, esperam a chegada de alguém. Quando qualquer pessoa se aproximava do portão de entrada, imediatamente era anunciada em coro, juntamente com o toque do interfone: “tem gente no portão”, “abre o portão”. Cenas como essa me recepcionavam toda vez que chegava à instituição, pois também era anunciada antes mesmo de adentrar o portão. Se me enxergavam, avisavam: “é a professora”, “a professora chegou”, como mostra a cena registrada no diário de campo:

Havia pessoas sentadas na área externa do centro de convivência, tive que tocar mais de duas vezes o interfone, a equipe devia estar atarefada... Quando entrei já ouvia os comentários: “é a professora de ginástica”, “mas hoje é dia de fazer física?” (Diário de campo de 13 de abril de 2015).

O anúncio de quem chegava normalmente era realizado pelo grupo que estava sentado no sofá com estrutura de madeira e forrado de tecido verde escuro e marrom. Era um sofá forte e grande que ocupava bastante espaço. Esse sofá que estava na varanda ficava dentro da casa e fora substituído por outros novos, menores e com forração que imitava couro na cor preta. O sofá substituído repousava na varanda e tornou-se um espaço de convivência frequentado por algumas pessoas quando a temperatura permitia, caracterizei-as como “grupo do sofá” conforme relato do grupo, “gostam de ficar ali esperando...”.

Do portão avistei o grupo do sofá, já gritei: adivinha quem é? Olhares atentos para o portão e sorrisos...”Ah! É tu!? Estavam o Dandakya²⁵, ao seu lado, extremamente próxima, Maharashtra²⁶, e a Dravida²⁷ sentadinhos esperando algo acontecer ou nada acontecer, curtindo o tempo passar, “a espera de...” (Trecho do diário de campo de 07 de dezembro de 2015).

Essa cena se repetia quando a temperatura estava amena e sem chuva. Os lugares no sofá eram concorridos entre idosas e idosos, que ficavam sentados nele à espera que algo acontecesse, que alguém passasse na calçada, na rua, ou que alguém entrasse na casa, um familiar ou amigo. Como destaca a cena a seguir:

[...] ficam ali olhando a rua, os carros, as pessoas que passam e olham com ar desconfiado... algumas até abanam, outras olham e chegam a balançar a cabeça em movimentos de negação ou desaprovação. Maharashtra fala em voz alta para que ouçam da rua: “o que tão olhando, hoje sou eu, mas amanhã é tu que pode tá aqui!” (Trecho do Diário de Campo de 13 de abril de 2015).

A partir dessa cena e da fala de Maharashtra, a qual reverberou em meu âmagô, pensei que, amanhã, talvez meus pais possam estar ali, mas depois, sou eu quem pode estar à espera de... Estamos envelhecendo e devido às novas

²⁵ Rei da dinastia Bhoja, se entregou unicamente ao prazer, arruinou e perdeu seu reino por sequestrar a filha de um brâmane por motivos vis, perdeu-se por prazer, foi amaldiçoado pelo pai e sepultado com seu reino sob uma chuva de pó (VATSYAYANA, 2012, p. 38). O idoso (74 anos) caracterizado, impulsivo e possui certo poder na casa, pois ele fica somente durante o dia e três vezes por semana, está sempre bem vestido e cheiroso é cobiçado entre as idosas.

²⁶ As mulheres de Maharashtra dizem palavras grosseiras e gostam que o amante lhes fale no mesmo tom, tendo um forte desejo de prazer (VATSYAYANA, 2012, p. 107). A idosa nomeada (68 anos) demonstra seus desejos e busca um parceiro para se satisfazer, possui personalidade forte, fala o que pensa e não gosta de ser contrariada, briga com as outras pessoas quando isso acontece.

²⁷ As mulheres de Dravida, embora acariciadas e apertadas no momento do jogo sexual, seu desejo flui lentamente, e praticam o coito com muita lentidão (VATSYAYANA, 2012, p. 107). A idosa (72 anos) em questão, é calma, fala pouco e em voz baixa, é muito querida por todos, fica na casa durante o dia.

conformações familiares e estilos de vida, emergiram diferentes disposições sobre o morar e (con)viver da pessoa idosa.

No que se referia às visitas dos familiares e amigos, a instituição orientava-os para que fossem realizadas preferencialmente até as 19h00min, devido à realização das atividades como jantar, medicação e organização da troca de turno de funcionárias/os. Familiares e visitantes podiam circular por toda casa e permanecerem nos quartos ou salas.

A partir dessas asseverações, cabe aqui ressaltar a definição de Goffman (2010) sobre instituição total, a qual é organizada com regras minuciosas, institui afastamento em relação ao mundo exterior e homogeneização do cotidiano. Muitas relações (casamento, por exemplo), possuem essas características também, evidentemente, assim como outras definições ou conceitos, não deve ser adotado sem algum julgamento crítico. A instituição pesquisada possui algumas regras, mas as pessoas idosas não ficam isoladas completamente dos acontecimentos exteriores, pois ouvem rádio, assistem à televisão, recebem visitas e algumas pessoas possuem autorização para sair²⁸.

Para Solange Kanso et al (2010, p. 4), “o grau de totalidade” das instituições depende muito da condição de dependência da pessoa, aquelas que estão acamadas têm sua vida regida pela instituição, o que aconteceria se estivessem em suas casas. Ter a vida gerida por outras pessoas, segundo as autoras provém da ausência de capacidade de gerir a própria vida e não essencialmente da característica de residir em uma instituição.

Dentre as alternativas oferecidas no panorama atual, ILPIs, casas e residenciais geriátricos, centros de convivência, asilos, etc., mostram-se por vezes, como uma opção (ou por falta de outra opção) em meio às necessidades exigidas pela pessoa idosa e/ou relações familiares permeadas de conflitos e contradições.

A instituição pesquisada apresenta características peculiares, e, dentre elas, um elemento se destacou e se fez perceber durante as cenas observadas e sentidas. Sua presença cominava desconforto e perturbação, a seguir, em cena, o cheiro.

²⁸ Um dos idosos tem autorização para sair sozinho, outros saem acompanhados para consultas, compras, visitas e passeios.

3.2 OS CHEIROS...

Na calçada que margeia a entrada da casa desponta uma grande lixeira de ferro, sempre cheia, com sacos de lixo, muitas vezes rasgados e seu conteúdo esparramado, podia-se perceber muitas fraldas descartáveis expostas e caixas de remédios. Nos dias quentes o cheiro das fraldas usadas, dos detritos e dos restos de alimentos fermentavam e misturavam-se, marcando com notas desagradáveis o olfato já no portão de entrada da residência.

Ao adentrar o portão e percorrer o caminho traçado com arbustos podados e roseiras brancas que nos levam até a varanda, notava-se que, apesar das flores, era o cheiro incompatível com as mesmas que, com diferentes nuances, marca o trajeto. Esse odor, apesar de não ser constante, era marcante e difícil de habituar-se, pelo menos para mim, que não estava acostumada. O cheiro que se apropriava do ambiente era o de fezes, mas o cheiro de urina também se fazia presente, como retrata o trecho a seguir:

O dia estava nublado, abafado, pesado e preguiçoso. Cheguei e o portão da garagem estava aberto, estavam retirando os sacos de lixo para lixeira, aproveitei e entrei por ali. [...] Entrei na sala e senti um cheiro forte de urina, ao abraçar Ganda²⁹, ela relatou que estavam trocando a fralda de Maharashtra, que não dava para aguentar o fedor e ela não queria trocar (Diário de campo, 23 de novembro de 2015).

O cheiro tornava-se quase que um morador da casa, estava presente nos cômodos, no banho, nas conversas, discussões, em várias ocasiões. Como que uma sombra, fazia-se notar por todas as pessoas, como retrata Rubem Fonseca (1979) em seu conto *Onze de Maio*³⁰, sobre a vida em um asilo, quando destaca que “a pobreza tinha um cheiro, a velhice tinha um cheiro, a morte tinha um cheiro - e todos eles pairavam misturados no ar do corredor, como uma espessa neblina rançosa invisível”.

Em uma das observações, uma cena, um protagonista, o cheiro:

²⁹ As mulheres de Ganda têm corpos suaves e falam com doçura (VATSYAYANA, 2012, p. 107). As características representam à idosa (70 anos), muito querida e carinhosa, uma senhora magra e vaidosa.

³⁰ *Onze de Maio* é o título de um dos contos de O cobrador livro de contos publicado em 1979. Passa-se numa espécie de casa de repouso para velhos e todos vivem em cubículos. O autor põe em ação um personagem-narrador que, internado num asilo, relata os sofrimentos e humilhações dentro daquele estabelecimento. Disponível em: <http://marijane.com.br/o-cobrador/>. Acesso: maio de 2016.

Estávamos na sala da frente, eu, Bali, Dandakya, Pithamarda³¹ e Maharashtra conversando, estava frio, aquecedores ligados, mantas estampadas e coloridas mudavam o cenário da sala. Algumas frestas das janelas abertas ventilavam os ambientes, dentre as frestas o vento passava impiedoso e desconfortante, mas necessário para circular o ar dentro da casa. Inesperadamente fomos surpreendidos na sala com a chegada colossal e impactante de um odor incomensurável e junto dele um dos idosos residentes com as mãos embebidas de fezes apontadas para nós, como se as oferecesse! Ele tinha colocado as mãos dentro de sua fralda após defecar e veio mostrar sua façanha. Fui chamar a técnica, ela já tinha sentido o cheiro. Ela conduziu o idoso para o banheiro, lavou suas mãos no chuveiro e em seguida ele tomou banho. Mas o odor permanecia ali, imóvel, intocável. Abrimos as janelas e a porta da frente, esperamos uns minutos, na sala imperavam o frio e a fetidez, os quais fizeram desertores: Bali subiu para o quarto, Pithamarda e Maharashtra foram para a sala de televisão. Dandakya permaneceu, pois já estava na hora de ir para casa, ia esperar o táxi ali. (Trecho do Diário de campo de 20 de julho de 2015).

As fragrâncias eram muitas e se misturavam. Quando o cheiro é desagradável, parece que o local não está limpo e tampouco as pessoas. Entretanto, aprendi com as pessoas da casa a lidar com a situação, elas falavam do cheiro e pediam para deixar a porta aberta para que ele pudesse desmanchar no ar. Dentre os vários odores, alguns eram bons, como o cheiro de limpeza pela manhã:

A senhora que faz a limpeza, estava limpando o banheiro da frente, o cheiro era de limpeza. Um sofá novo foi colocado na sala, juntamente com uma mesa lateral com um vaso cheio de girassóis artificiais. Evidenciou o ar de casa, senão fossem as grades na escada, as barras de segurança nos banheiros e acessos, o piso antiderrapante nas escadas... (Diário de campo de 16 de março de 2015).

Segundo Maria Helena Lenardt, Mariluci Willig, Scheilla da Silva, Adriano Shimbo, Ana Tallmann e Gláucia Maruo (2006, p. 122) de maneira geral, a higiene integra os princípios básicos para uma convivência harmoniosa, ressaltam ainda que “os odores exalados pela ausência de banho tornam a convivência pouco agradável e até mesmo motivo para gerar conflitos entre os idosos”. Em suas análises, as/os autoras/res explicam que os conhecimentos sobre higiene, sobre o que é limpo ou sujo, na concepção das pessoas idosas é diferente daquelas aprendidas e exercidas pelos profissionais da saúde, os quais possuem consciência da sua necessidade.

³¹ É o homem sem riqueza, sozinho no mundo, cuja única propriedade é Mallika, um banco em forma de T (VATSYAYANA, 2012, p. 56). O idoso (63 anos) caracterizado é uma pessoa muito simples e querida, pode-se dizer que é desprovido de vaidades.

Há insuficiência de informações sobre o que a falta de higiene pode causar ou piorar dependendo da condição de saúde da pessoa idosa. É importante ressaltar que:

A identidade dos idosos referente à sujidade é confirmada, quando ela está visível; muitos deles pertencem à geração que não estudou o micróbio (microbiologia) e tampouco adquiriram conhecimento que permite a compreensão de que existem “bichos invisíveis” (microrganismos) capazes de provocar doenças (LENARD et al, 2006, p. 120).

A questão da higiene dos ambientes é algo que, quando está presente, não aparece, mas quando não ocorre, torna-se superlativa. Contudo, todos esses aspectos fazem parte do cotidiano da casa, assim como os móveis, os objetos e seus ornamentos, os quais possuem significados e serão referenciados nas cenas a seguir.

3.3 ENTRE ALMOFADINHAS E BIBELÔS

A casa apresenta, no terceiro andar, um amplo corredor com vista para o jardim interno. A maioria dos quartos fica nesse andar, há suítes e banheiros. As pessoas ocupantes desses quartos conseguem subir e descer as escadas, cada porta tem o nome de seu morador, alguns têm televisão, ar-condicionado, ventilador e rádio que são das pessoas idosas, não possuem tapetes. Em alguns quartos, há cortinas e almofadas, de alguma forma, mostra a personalidade da pessoa que o habita.

De acordo com Lucas Graeff (2007), nos quartos pode-se deparar com artefatos que representam o universo singular deles, servem como arrimo para recordação e previnem a perda da identidade ao entrarem na instituição. Diferentes composições foram observadas nos aposentos, onde seus residentes possuem maior privacidade e guardam seus objetos pessoais, conforme mostram os registros do diário de campo:

[...] Bali foi fazer o mate e retornou para conversa, Andhra³² disse que ia voltar para sala de televisão queria ver o que estava passando, ela sempre senta ao lado de Ganda, minha companheira de quarto (é como elas se

³² As mulheres Andhra tem corpos suaves, gostam de diversões e de prazeres voluptuosos (VATSYAYANA, 2012, p. 108). A idosa (70 anos) caracterizada é viúva e era muito apaixonada pelo marido, vaidosa, alegre e comunicativa.

intitulam). Dormem no mesmo quarto e estão sempre juntas, Andhra conta que ela cuida da almofadinha e do lugar dela no sofá, chegam a brigar se alguém senta no lugar que intitularam de seus. A almofadinha é carregada junto com ela aonde ela vai. Inclusive quando Andhra vai ao banheiro, Ganda toma conta do seu lugar no sofá e não deixa ninguém sentar na almofadinha dela. Elas cuidam-se, trocam bolachinhas e preservam o que é da outra, como se o objeto fosse parte da pessoa. (Trecho do diário de campo de 19 de agosto de 2015).

Os outros dormitórios têm vistas variadas dependendo de sua posição arquitetônica, com vista para a frente da casa com sacada, ou para o pátio do fundo e da pista de caminhada, são quartos amplos com janelas de ferro e portas de madeira. Em sua maioria, possuem camas de solteiro em madeira (algumas são claras e outras de madeira escura). Alguns colchões são forrados de um material impermeável, para facilitar a higiene. Ao lado da cama fica um criado-mudo, um guarda-roupa, que é dividido pelas pessoas ocupantes do quarto, assim como a cômoda com gavetas. Se a/o idosa/o preferir, pode levar para a instituição os seus pertences, desde que seja compatível com o tamanho do cômodo.

A identidade de cada pessoa, suas características e personalidade estão expostas nos objetos em cima da cômoda ou pendurados na porta, nas roupas, adornos, no guardanapo de crochê, no criado-mudo, ou no rosário pendurado na cama, no chinelinho de pelúcia ao lado da cama, nas revistas, livros e no radinho de pilhas na cômoda, na “comadre” embaixo da cama (às vezes com urina), no cheiro de talco e de urina misturados, aromas agradáveis ou nem tanto, mas onipresentes e diáfanos.

Como destaco em um fragmento do diário:

[...] Maharashtra estava reclamando para enfermeira que um dos idosos tinha entrado em seu quarto e tirado seus bibelôs da cômoda e colocado dentro de uma das gavetas, estava preocupada porque podiam quebrar e quem deu para ela, não daria mais, pois já tinha morrido. Eram recordações da sua mãe, dois cavalinhos de porcelana, um branco e um preto. (Trecho do Diário de campo de 12 de agosto de 2015).

Esses objetos presentes nos aposentos ou que adornam seus utentes estão impregnados de significados e lembranças. Cada artefato desses, muito mais que madeira, tecido, metal, papel, linha, cor, enfim, são constituídos de representações que definem o sujeito a qual ele pertence ou é significado. É como se cada pessoa demarcasse seu lugar e quem ela é a partir deles, e por mais ínfimos que possam

parecer, esses objetos nos lembram de que cada pessoa é uma e traz consigo uma história de vida.

A pessoa idosa que, por diferentes motivos deixa sua casa e vai morar em uma instituição, transfere os sentimentos para as recordações e memória que os objetos lhe trazem. Criam estratégias de adaptação referentes ao cotidiano, ao espaço e as novas amizades.

Em estudo realizado por Naiana Santos, Margrid Beuter, Nara Girardon-Perlini, Lisiane Paskulin, Marinês Leite e Maria Budó (2014) com pessoas trabalhadoras de uma ILPI acerca da família, observaram que a institucionalização muitas vezes, torna-se a única opção da família. Devido às variadas circunstâncias que contribuem para essa situação (perdas da capacidade funcional e cognitiva da pessoa idosa, condições específicas de higiene e alimentação, necessidades de local de moradia e contato social, modificações dos arranjos familiares e acompanhamento de saúde), e como consequência, em alguns casos, ocorre que a família não se sente mais responsável pelo ente institucionalizado.

A casa torna-se um espaço para iniciar novas amizades e fortalecer vínculos. É notório que, ao possuir vínculos de amizade, a adaptação ao cotidiano da casa torna-se mais fácil e agradável, pois o fato de ter alguém para dividir as angústias e alegrias torna a pessoa idosa fortalecida e com mais vigor para enfrentar as adversidades da vida, assim como a questão religiosa, que configura as cenas a seguir. O título refere-se à fala da idosa que protagoniza uma das cenas.

3.4 “OBRA DO SENHOR”

As cenas a seguir versam sobre a religiosidade e sua prática realizada pelas pessoas residentes da casa. Essa temática possui uma forte ligação com as pessoas na velhice. Ao buscar um melhor entendimento sobre o que é religiosidade, Kátia Celich, Leoni Zenevitz, Vilma Beltrame e Sáskia Souza (2008, p. 180) conceituam:

[...] é uma das formas de expressão ou manifestação da espiritualidade. O conceito de espiritualidade remete a uma reflexão quanto ao significado da existência, ao passo que a religiosidade estabelece uma relação com o transcendente, tem uma dimensão institucional e está associada a uma crença.

Em meio ao mobiliário, destaca-se a escadaria de mármore branco e corrimão de madeira, uma grade de proteção rasura a imponência de seus nobres materiais. Embaixo dela fica um armário de madeira onde são guardados lençóis e toalhas, ao lado na parede com prateleiras, estão expostas várias imagens da religião católica, um altar em madeira ricamente talhado, onde fica uma imagem grande de Nossa Senhora Aparecida. Existem ali uns panfletos com preces espíritas e um exemplar da Bíblia Sagrada.

A dimensão religiosa possui um significado maior na velhice, pois, com o passar dos anos, idosas/os tornam-se mais propensas/os a pensar e repensar sua história e os acontecimentos da sua vida, voltando-se para si mesma (CELICH, Kátia et al, 2008).

Na casa todas as manifestações religiosas eram respeitadas, cada pessoa idosa era livre para professar sua fé da maneira que quisesse, conforme mostra o trecho do diário de campo:

[...] cheguei à porta do quarto e vi que ela estava lendo a Bíblia em meio ao silêncio calmante, estava sentada junto a uma mesa redonda de madeira, segundo a idosa, essa tarefa é realizada diariamente, gosta muito de ler e por ser evangélica precisa dos ensinamentos de Jesus, pois só está viva e bem, por obra do senhor. Sobre a mesa estavam alguns livros com temática religiosa e jornais informativos, a cama estava estendida, o travesseiro recostado na cabeceira e algumas roupas dobradas em cima da cama, esperando serem guardadas. (Diário de campo de 11 de setembro de 2015).

Esse relato vai ao encontro do estudo epidemiológico realizado por Baptista (2004), que encontraram associação positiva entre envelhecimento e religiosidade como medida de proteção à saúde mental. Perceberam que, ao longo dos anos, as pessoas idosas que se tornaram mais religiosas tinham menor probabilidade de sofrerem de problemas mentais.

A pesquisa realizada por Joseane Alves, José Junges e Laura López (2010) sobre a dimensão religiosa e a percepção dos profissionais da saúde demonstrou que vários grupos culturais, ao longo do tempo, criam ritos religiosos com intenção de cura para suas moléstias e do bem-estar físico, psicológico e espiritual. A saúde é um fator importantíssimo para as pessoas na velhice, e através da sua fé buscam mantê-la ou buscá-la, como mostra o parágrafo abaixo retirado do diário:

Fui convidada para ir ao quarto de Lat, ela queria me mostrar à imagem de Nossa senhora Aparecida que tinha ganhado da filha que foi para o santuário e trouxe para ela, ressaltou que era uma imagem benzida e que tinha muita fé nela. Ela deixou do lado da cama para ficar perto, e que rezava para ela várias vezes ao dia, para agradecer e para pedir saúde que é o que interessa. Diz que se sentia em paz e enquanto falava segurava com muito cuidado a pequena imagem nas mãos. (Trecho do Diário de campo de 24 de novembro de 2015).

De acordo com Dulcinéia Monteiro (2007) alguns dos benefícios da religiosidade é manter a autoestima e a qualidade de vida no envelhecimento. Alicerçar o significado da vida em alguma crença ajuda a fortalecer pessoas fragilizadas.

Com base nas discussões acima se pode dizer que existe uma influência positiva da religiosidade na vida dessas pessoas. Pois fornece força, alegria, motivação, fé e tranquilidade para enfrentar situações difíceis da vida.

Conversei com Vita³³ e sua esposa que tinha vindo visitá-lo, ela é uma senhora muito elegante, cabelos castanhos curtos escovados, maquiagem leve e perfume suave, é professora do estado aposentada. Ela estava sentada junto dele no sofá de 2 lugares, seu braço direita repousava nos ombros de Vita, de vez em quando ela fazia um cafuné no cabelo. Ela disse que tinha vindo namorar, que sente muita saudade dele, que sofreu e sofre muito com a decisão de deixar ele ali na casa, com os olhos marejados confessou que não foi fácil decidir, conversou com familiares e filhos, e no início sentia vergonha de dizer que ele estava no asilo. O sofrimento é imenso, mesmo sabendo que não tinha mais condições de cuidar e suprir todas as necessidades dele. [...] mas a força a gente tira de Deus, sem ele não ia conseguir enfrentar tudo isso (Trecho do Diário de campo de 13 de janeiro de 2016).

A decisão de retirar seu ente de casa para residir em uma instituição é uma decisão que causa sofrimento e geralmente é determinada quando a pessoa idosa possui incapacidades funcionais. Mesmo quando seu parente idoso já possui comprometimentos físicos e mentais, mesmo assim, ficam relutantes na decisão, pois a carga negativa e estigmatizante que as instituições carregam, assombram a família.

Como destacado no estudo de Santos et al (2014), o cenário das ILPI's, possuem diversidade em realidades sociais e culturais, apontar divergências e consonâncias a partir de múltiplos olhares sobre o contexto da velhice institucionalizada.

³³ É o homem que desfrutou os prazeres da fortuna (VATSYAYANA, 2012, p. 57). O idoso (72 anos) caracterizado possui nível superior, era profissional autônomo e tinha um padrão de vida elevado, é reservado e sensível.

Percebe-se que a religiosidade ameniza o impacto das mudanças que acontecem com o envelhecimento e oferece instrumentos para enfrentar as novas situações. Pode-se dizer que a religiosidade oferece apoio às exigências da velhice, mantendo o equilíbrio integral desses(as) idosos(as), confere sentido e significado à vida, superando ideias e pensamentos negativos.

Da mesma maneira que a religiosidade oferece sustentação para usufruir a vida com bem-estar, a comida também traz acalanto e memórias afetivas agradáveis.

3.5 BOCAS OCUPADAS

Se as bocas estão ocupadas, ou elas estão falando ou mastigando, nesse caso as duas coisas. Com intenção de organizar a rotina e facilitar o trabalho das pessoas da equipe, a instituição tinha uma rotina de horários para as refeições, o café da manhã era servido às 8h30min, a seguir o almoço às 11h30min, o lanche da tarde às 15h30min e o jantar às 19h. As pessoas que ingerem alimentos pastosos eram as primeiras a receber alimentação, a qual era fornecida pela equipe de trabalho em recipientes já servidos na cozinha e consumidos pelas(os) idosas(os) no lugar onde elas(es) estavam sentadas(os) com apoio de um babero amarrado ao pescoço. Essa atividade demandava tempo, pois algumas pessoas se negavam a comer, não engoliam, enfim era uma tarefa que exigia da equipe de atendimento astúcia e paciência.

A cozinha ficava no primeiro andar, era espaçosa, possuía fogão industrial e panelas enormes. Duas pessoas preparavam as refeições do dia, e, antes de cada refeição, organizavam os alimentos e os transportavam para o refeitório que fica no segundo andar. Toda a alimentação servida para as pessoas da casa era orientada por uma nutricionista.

Nas refeições o ritual se repetia, o cheiro bom de comida invadia o recinto e a movimentação acontecia e em cena o alimento:

Quando a cozinheira passa pela sala em direção ao refeitório com os recipientes com a comida, idosas e idosos são enfeitiçados pelo cheirinho bom de temperos caseiros que preenchem os ambientes e os faziam lembrar de suas casas. Muitos deles começam a se dirigir para o refeitório, sentam e ficam aguardando a hora, ansiosos, para que os pratos encham-se e suas bocas fiquem ocupadas (Trecho do Diário do dia 04 de outubro de 2015).

Maria Eunice Maciel (2001) realizou uma revisão sobre a antropologia da alimentação, na qual cita Claude Fischler que fala da intimidade contida no ato de comer. Acredito que, assim como a autora, a discussão por ele proposta vai ao encontro da cena observada e seus significados:

Comer: nada de mais vital, nada de tão íntimo. “Íntimo” é o adjetivo que se impõe: em latim, *intimus* é o superlativo de interior. Incorporando os alimentos, nós os fazemos aceder ao auge da interioridade. [...] O vestuário, os cosméticos, estão apenas em contato com o nosso corpo; os alimentos devem ultrapassar a barreira oral, se introduzir em nós e tornar-se nossa substância íntima. Há então, por essência, alguma gravidade ligada ao ato de incorporação: a alimentação é o domínio do apetite e do desejo gratificados, do prazer, mas também da desconfiança, da incerteza e da ansiedade. Fischler (2001 apud MACIEL 2001, p. 145-146).

Percebi a satisfação que a comida proporcionava, sentavam ao redor das mesas, o silêncio do contentamento era quebrado pelo som dos talheres e conversas paralelas, no final, o prazer era contemplado com o agradecimento à pessoa que proporcionava aquele momento, a cozinheira.

Em estudo realizado por Valcilene da Silva e Carmen de Cárdenas (2007), sobre aspectos simbólicos da comida em idosos com restrições alimentares, as autoras identificaram que a comida é um componente essencial para o prazer e bem-estar na velhice, por estarem carregada de afeição, sentimento, alegria e sociabilidade. Quando falamos dos alimentos e da alimentação, estamos falando da vida e da narrativa humana por meio de uma atividade habitual que, além de prover os nutrientes necessários para viver, é um momento no qual o ser humano contenta e manifesta suas emoções e costumes.

No entrelaçar dessas reflexões, entre alimento e sentimento, o momento e a cena:

[...] Antes do almoço, quando o cheiro de comida já interpelava os ambientes da casa, Dandakya e Bali disseram que gostavam da comida, Ganda elogiou o tempero e o gosto que era de comida caseira, e que além da comida ser boa, a cozinheira era muito querida e atenciosa com ela, e com todas as pessoas da casa (Trecho do diário de campo de 12 de agosto de 2015).

No tocante à cena acima descrita, Maciel (2001) em seu estudo identificou também o uso de algumas expressões que, ao serem ditas, transbordam

representações de saudosismo e emoção. Segundo a autora a comida envolve emoção, aviva e estimula as lembranças e os sentimentos e observa:

As expressões “comida da mãe” ou “comida caseira” ilustram bem esse caso, evocando infância, aconchego, segurança, ausência de sofisticação ou de exotismo. Ambas remetem ao “familiar”, ao próximo, ao frugal; o “toque caseiro” é o toque mais íntimo, o toque “da mãe” é uma assinatura que implica tanto o que é feito, como na forma como é feito, que marca a comida com lembranças pessoais (MACIEL, 2001, p. 151).

As principais refeições eram servidas no refeitório, cujo espaço também era utilizado como salão de festas. As comemorações realizadas nesse lugar tingiam o espaço com balões coloridos pendurados no varão da cortina e os quitutes ficavam dispostos sobre a mesa coberta pela toalha de oleado estampada com flores. Quando a festa comemorava o aniversário de uma pessoa da casa, os familiares levavam os petiscos e o bolo, e quando a festa era promovida pela instituição como a festa junina, os alimentos eram feitos na cozinha da casa. As festas aproximam familiares e idosas/os, promovem a integração entre as pessoas residentes ou que permanecem na casa, pessoas convidadas e a equipe de trabalho. Conforme mostra o trecho abaixo:

Na chegada percebi uma movimentação diferente, havia pessoas diferentes sentadas na varanda, mas como era sábado à tarde, pensei que eram visitantes. As idosas estavam com as roupas de sair, como falam: “roupa boa e sapato bonitinho, mas ordinário, me aperta, mas não vou caminhar”, anéis, pulseiras e colares saíram das gavetas e esvaziaram os porta-joias, grampos nos cabelos, cheiro de hidratante no ar... Era comemoração do aniversário de 79 anos de uma idosa acamada. Estavam presentes sua irmã, suas duas filhas, genros e netos. O refeitório estava arrumado, algumas pessoas idosas já estavam sentadas ao redor das mesas, estavam esperando o bolo. (Trecho do Diário de campo de 21 de maio de 2015).

Nota-se, a partir da descrição acima, que existia uma preparação para a festa. Era um dia de confraternização entre as pessoas da casa e as convidadas para a comemoração. Assim, segundo Maciel (2001, p. 150), o “comer juntos, é o momento de reforçar a coesão do grupo, pois ao partilhar a comida partilham sensações, tornando-se uma experiência sensorial compartilhada”.

Percebi que as/os idosas/os aproveitavam as festinhas para comerem tudo o que normalmente não podiam ou não era ofertado para comer ou beber diariamente, deliciavam-se com os quitutes, conversavam, ofereciam bolo uns aos outros, compartilhavam o mesmo prato e o mesmo copo. O momento constituía-se de

apreciação de cada migalha no cantinho do prato, na colher ou caída sobre a roupa. As dores, angústias e tristezas, tudo era esquecido, “amanhã eu penso nisso!”³⁴

No estudo de Silva e Cárdenas (2007) as entrevistas por elas analisadas mostraram que a comida está intimamente vinculada à complexidade existencial de cada pessoa, transpondo a necessidade nutricional, e propõem que, na seleção dos alimentos a serem oferecidos às pessoas idosas, sejam considerados os valores simbólicos da comida.

Considerando as diferentes culturas, a comensalidade além de ser festiva e comemorativa, pode ser também um ritual realizado para momentos em que a tristeza também é dividida,

[...] Para beber, em sendo casa rica, além do café pode haver cerveja ou vinho, um copo e tão-somente para acompanhar a canja e a frigideira. Jamais champagne, não se considera de bom tom. Seja velório rico, seja pobre, exige-se, porém, constante e necessária, a boa cachacinha; tudo pode faltar, mesmo café, só ela é indispensável; sem seu conforto não há velório que se preze. Velório sem cachaça é desconsideração ao falecido, significa indiferença e desamor”. JORGE AMADO (1966 apud MACIEL, 2001, p. 154-155).

E por falar em morte, visita quase sempre inesperada, inoportuna, abominada, mas, que aparece e entra, sem ser convidada, sorrateiramente como veremos abaixo.

3.6 QUANDO “ELA” VISITA A CASA

Ao descer as escadas, ao lado da garagem visualizavam-se duas salas amplas com repartições e camas (de ferro e altas, com regulagem de altura, como as camas de hospital) para as pessoas idosas que ficam acamadas³⁵ (as quais não saem da cama, recebem alimento, higiene e cuidados ali mesmo). Esses quartos foram construídos no lugar onde ficava a biblioteca e uma sala de convivência que dava acesso ao pátio e a pista de caminhada, isso ocorreu pela grande demanda de cômodos para novos moradores.

³⁴ Essa é a resposta de Maharashtra enquanto devorava uma fatia fina de bolo de chocolate, quando indagada por Aparatika sobre sua diabete.

³⁵ Essa caracterização foi relatada pela enfermeira responsável, e seria a forma de distinção das pessoas idosas, acamados e não acamados, o que influencia os cuidados e os valores pagos.

Na casa, 16 pessoas estão acamadas, e sabe-se que esse é um dos motivos que levaram os familiares a institucionalizar seu(ua) parente idoso(o), pois a demanda pelas instituições está diretamente associada à gravidade da condição de dependência da pessoa idosa (IPEA, 2008).

A realidade descrita acima, e propositalmente, dá início as alterações sobre a morte conforme demonstra a conversa abaixo apresentada:

Estava conversando com Ganda na varanda da casa. O dia estava bonito com sol e a temperatura amena da primavera. Convidei-a para caminhar na pista lá no fundo, ela respondeu que não queria, ia ficar ali olhando o movimento e além do mais não gostava de descer lá, 'já que quem vai pra lá, só sobe para o céu! Não volta pra cá...'. Percebi a associação do acamamento com a morte, pois em sua concepção (e muitas vezes acontece) as pessoas que precisam descer para o primeiro andar acabam morrendo. (Trecho do Diário de Campo de 04 de outubro de 2015).

A partir do relato, pode-se perceber o motivo pelo qual esse andar não é muito visitado pelas pessoas residentes, a não ser pela equipe de trabalho.

Em seu estudo sobre o envelhecimento no contexto asilar, Graeff (2007, p. 20) também faz alusão às enfermarias, nas quais despontam os aspectos mais dramáticos da velhice e ressalta:

É lá que saltaram aos olhos as imprevisibilidades do cotidiano, onde o núcleo organizador dos códigos de distinção/identificação – o temor da senilidade – apresenta seu caráter concreto. Lá, o tempo apresentou sua faceta inexorável: as mortes e doenças indicam que os ritmos sucessivos do corpo não durarão para sempre, transformando-se até atingir a imobilidade. A construção social do luto na cultura asilar passa, assim, pelo testemunho sistemático da finitude. São tais vicissitudes dramáticas da vida que estabelecem os limites da produção e interpretação de sentidos do envelhecer.

No que concerne à morte, percebi que o assunto é evitado. A equipe de trabalho se esforçava para que quando ela (a morte) visitasse a casa, as idosas e idosos não presenciassem o fato.

Não obstante a isso, Elisabeth Kubler-Ross (2008, p. 19,) em seu livro sobre a morte e o morrer, discorre sobre a temática:

Há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano. Às vezes, é até mesmo difícil determinar tecnicamente a hora exata em que se deu a morte.

A autora supracitada destaca que os fármacos e as tecnologias ampliam o tempo de vida, que até pouco tempo era mais breve, assim como transformam a forma de atendimento das pessoas doentes, e as relações no final da vida tornaram-se impessoais e solitárias. Conforme a autora, nossa sociedade é tendente a evitar a morte, e grande parte dos profissionais de saúde possui problemas em contar para os(as) residentes o fato ocorrido.

Desde que comecei a frequentar a instituição, duas das pessoas que realizavam as minhas aulas faleceram, surpreendentemente, eram a idosa e o idoso mais ativos e falantes. Ele, Bali teve um ataque cardíaco e faleceu.

Conforme relato da enfermeira, as pessoas da casa não viram o acontecido, pois antes de todos acordarem, as medidas cabíveis já tinham sido tomadas. Ela me pediu para que eu confirmasse o que ela havia dito para todas/os, que ele tinha ido para o hospital e quando saísse de lá iria para a casa da irmã. A equipe prefere não contar aos demais para que não fiquem nervosos, mas Dandakya, Andhra, Aparatika e Pithamarda sabiam do fato e com certeza comentariam depois com os demais. Nesse dia, Dandakya em voz baixa falou para Andhra, que estava ao lado, 'a morte é a certeza da vida! Todos vão morrer um dia, só não se sabe quando. Eu quero que demore ainda minha hora'. (Trecho do Diário de Campo de 14 de dezembro de 2015).

Ao pesquisar a compreensão sobre a morte por idosos institucionalizados, Juliana Soares, Rilza Silva, Larissa Rosa, Érica Galvão e Raquel Ribeiro (2009) notaram que a maior parte deles, ao responderem sobre o significado da morte, ficaram incomodados e associaram-na à tristeza. Poucos idosos demonstraram naturalidade ao lidar com a questão, ou seja, entendendo-a como um acontecimento que faz parte da vida de todas as pessoas assim como no relato de Dandakya na cena apresentada: "é a certeza da vida!".

Apesar da consciência sobre a certeza da finitude, a notícia da morte de Bali me deixou muito triste, assim como a equipe de trabalho, pois além de ser uma pessoa alegre e com bom coração, ele tinha muitos planos para realizar, a casa perdeu o anfitrião da roda de chimarrão e o guardião do material do bingo (ele guardava no armário dele a caixa com o jogo, assim eu não precisava ficar carregando). Presenciei o momento em que sua irmã foi até a casa buscar seus pertences:

Estávamos sentados na varanda, quando ela, a irmã dele, desceu do quarto, abraçou e agradeceu a enfermeira, despediu-se das pessoas idosas que estavam na sala. Maharashtra perguntou como ele estava, ela respondeu sem graça que ele estava bem e tratou de sair da sala. Foi caminhando pela rampa, carregando no braço esquerdo uma sacola de papel com alguns pertences, segundo a enfermeira era o radinho de pilha, o relógio, o óculos e a bíblia; as roupas e calçados deixou para doação. Na outra mão, segurava o ventilador e, no coração, acredito que o que carregava era tristeza e a certeza de que uma vida toda coube em uma sacola. (Trecho do Diário de Campo de 14 de dezembro de 2015).

Nesse dia, apesar de a maioria das pessoas não saberem sobre o triste fato, o clima estava nebuloso, uma névoa de consternação pairava no ar, e, inebriados(as) pelo ambiente ermo, tornaram-se atônitos(as), vozes embargadas, atitudes contidas e olhares perdidos. O sossego retumbava e as palavras não ditas podiam ser veementemente ouvidas: quem seria a próxima? O silêncio gritante permaneceu, ao seu redor, enredados tristeza e saudade.

Dessa forma, do descanso eterno vamos ao findável repouso. A hora de não fazer nada, ou fazer o que, ou ainda, nada fazer, ou querer fazer nada, mas talvez não querer fazer nada, contudo, fazer sem querer nada...

3.7 ENTRE OS NADA FAZERES E OS FAZERES NADA...

Esse momento caracteriza-se como a hora da escolha, pois pode-se dizer que é a ocasião na qual escolhem o que vão fazer ou simplesmente não fazem nada. As pessoas idosas que residiam no andar superior normalmente ficavam em seus quartos, ouviam rádio, assistiam à televisão, liam, dormiam, descansavam, sentavam na sacada, arrumavam seu quarto, o guarda-roupa, limpavam o banheiro, enfim....Realizavam o que tinham vontade de fazer. Interagiam com os demais somente na hora das refeições ou das atividades físicas e da terapia ocupacional.

Os residentes do andar do meio e os que permaneciam na casa circulam entre a varanda, na parte externa, a sala da frente e a sala de televisão. As idosas e idosos que utilizavam cadeira de rodas ou que precisavam ficar contidos(as) permaneciam na sala de televisão, as demais se dividiam entre a sala da frente e a varanda quando o tempo permitia. Assim, mostra o fragmento do diário:

Na sala de televisão, ficam muitas pessoas, principalmente as que possuem pouca mobilidade, as quais repousam sonolentemente em cadeiras retráteis, os olhos ficam semiabertos, assim como os lábios, por onde timidamente escorre a saliva que repousava na boca espaçosa e ociosa.

Algumas delas gemem, outras balbuciam algumas palavras incompreensíveis, umas assistem à televisão, enquanto outras observam seu entorno, como se estivessem procurando alguém ou alguma coisa. Talvez em busca de si mesmas, de quem foram, ou em quem se transformaram, enfim, sua ipseidade. (Trecho do Diário de Campo de 19 de agosto de 2015).

A sala de televisão possui vários sofás, uma lareira que foi fechada, a televisão de plasma fixa na parede com os sofás organizados à sua frente. É o espaço onde as pessoas ficavam por mais tempo, só saíam para as refeições (e algumas comiam ali mesmo) e para dormirem a noite, pois a sesta da tarde era feita nas mesmas cadeiras retráteis. Era frequentada pela equipe de trabalho, já que sua sala ficava bem ao lado, assim como o escritório da enfermeira responsável. Então ao saírem de suas salas passavam obrigatoriamente pelo recinto. Além das pessoas da casa e equipe, a dinâmica da sala era realizada também por visitantes, entregadores, familiares, amigos e por profissionais que prestavam serviço ali.

Em meio “aos nada fazeres”, a vontade era superada pelo imperativo do vício, o fazer nada se transforma em querer fazer, satisfazer um desejo quase incontrolável como destaca a cena:

Observei a ansiedade de um idoso, ele estava inquieto batia os pés como se estivesse marchando em frente o escritório da enfermeira, mastigava a saliva. Seu olhar dançava entre a sala vazia da enfermeira e a sala da equipe, esperava angustiado, balançava a cabeça, os olhos não piscavam com receio de perder algo, até que a enfermeira apareceu na sala. Ele, estático, movimentou a mão direita em direção à boca, com gesto repetitivo expressando a tragada em um cigarro. Era isso que ele aguardava esperançosamente. A enfermeira pediu para ele esperar, entrou na sala e saiu com um cigarro na mão, foi até a copa, ascendeu-o cigarro na boca do fogão e entregou para o idoso, que pegou o cigarro e o colocou prazerosamente na boca e desceu contente a escada em direção ao pátio. (Trecho do Diário de campo de 22 de junho de 2015).

No tocante ao querer fazer, algumas atividades eram oferecidas para as pessoas que queriam realizá-las, as quais aludem à educação física e terapia ocupacional, buscavam desenvolver capacidades como força, coordenação motora, agilidade, cognição, memória, criatividade, funcionalidade, diversão, entre outras. Existia uma preocupação por parte da administração da casa em manter profissionais das referidas áreas atuando no espaço, pois acreditavam que o trabalho desenvolvido influenciava positivamente no bem-estar, de forma integral, das pessoas que participavam dessas atividades.

O bem-estar pode derivar de atitudes simples que promovam sentimentos importantes como a autoestima. Era nítida a felicidade das idosas quando elogiadas, percebidas e acarinhadas, a atenção era sempre retribuída com sorrisos espontâneos, palavras ingênuas de incentivo e descontração. Como mostra a seguinte cena:

A tarde estava insuportavelmente quente! Entrei na casa sem olhar para os lados, louca para ficar no ar condicionado. Na sala da frente estavam Vita e sua esposa, Lat, Ganda e Andhra, dei um abraço suado em cada pessoa e fui até a sala de televisão, tomei água, falei com as pessoas que estavam ali e voltei para sala da frente. Percebi que Andhra estava com as unhas pintadas, elogiei, falei que estava muito bonita, e ela rapidamente respondeu: Bonita igual cú de cabrita! E sorriu. As outras pessoas que estavam ali também sorriram, foi tão espontâneo. Ela é uma senhora de 70 anos, possui uma personalidade forte, fala bastante, reclama, chama, ela não caminha usa a cadeira de rodas, é carinhosa gosta de ser abraçada e beijada, retribui com gratidão (Diário de campo, 12 de janeiro de 2016).

A velhice ativa é algo discutido entre as pessoas idosas da casa, pelo menos entre as pessoas que participam das atividades físicas e recreativas, e, entre elas, os relatos são positivos, segue um, por exemplo:

[...] depois da atividade de alongamento, ficamos conversando. Aparatika falou que acha importante se movimentar para não enferrujar e falou que se sente muito bem depois de fazer a aula, fica mais disposta e parece que até fica mais fácil para levantar e sentar, pois ela fica muito tempo sentada. Dandakya, Bali e Vidushaka concordaram com ela e Dandakya completou: “além de fazer bem para todo corpo, também usamos a cabeça, ocupamos nossa mente, isso é o mais importante”. Ele disse que viu na televisão que precisa exercitar a mente para não ficar “caduco”. (Trecho do Diário de campo de 13 de abril de 2015).

A participação em atividades físicas, mentais e sociais, proporcionam socialização e novas experiências para as pessoas idosas participantes e torna-se um espaço diferenciado para acadêmicos e profissionais na constituição de saberes e qualificação (MATSUDO, Sandra; MATSUDO, Victor; MARIN, Rosangela, 2008).

Dessa forma, à população de mais idade passou a ser vista como possíveis clientes de inúmeros produtos e serviços, dentre eles, aulas de dança, pilates, viagens, casas de repouso, tornando-se um contingente a ser atendido.

Em pesquisa sobre atividade física e qualidade de vida de mulheres idosas, Giovana Mazo (2003) identificou relação positiva entre atividade física e melhora na qualidade de vida, o que exalta a necessidade de sustentação das atividades durante o processo de envelhecimento.

Atualmente, tem-se uma nova visão para velhice, a qual é estimulada à participação social, ativa e hábitos saudáveis, a velhice não está mais relacionada à idade cronológica, ela passa a ser uma questão de atitude (DEBERT, 1999).

Ao residir em uma instituição o cotidiano em muitos momentos, é vivido coletivamente, e, apesar das instituições terem, geralmente, vários ambientes, a privacidade nem sempre é conseguida. A busca por privacidade pelas pessoas residentes em uma instituição foi observada no estudo de Graeff (2007), onde o quarto tornava-se o lugar de refúgio, a ocasião de intimidade para fazer o que desejasse ou nada fazer, usufruindo seu almejado isolamento, o autor destaca:

Mas foi preciso reconhecer que a solidão e o silêncio costumam andar juntos com a intimidade, proporcionando o repouso necessário à habitação de um espaço privado. E, nesse repouso, constituía-se uma certa autonomia. Era um silêncio a ser interpretado em sua positividade, desde que percebido enquanto um mistério íntimo, muitas vezes carregado de valor social (GRAEFF, 2007, p. 18).

A casa tinha aparência e características de lar, para algumas pessoas, doce, para outras nem tanto. Dentre suas particularidades possuía um jardim com uma estátua feminina, roseiras de várias cores, um banco de ferro branco descascado, um pequeno pomar nos fundos que circundava a pista de caminhada, a qual era interpelada pelas roupas e lençóis esvoaçantes dos varais cheios. Dali ouvia-se o canto dos pássaros e contemplava-se o azul do céu no bocejar de uma boca que se abria e se fechava, muitas vezes durante um dia!

Sobre as características das instituições para pessoas idosas, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2008), mais de 90% das instituições brasileiras declararam possuir refeitório, jardim, pátio, quintal e salas de televisão e de vídeo, sendo o refeitório o espaço mais utilizado.

Penso que essa disponibilidade de ambientes permite que a pessoa tenha opções de escolha para utilizá-los de acordo com o que se destinam ou ressignificando-os, como fazemos ao realizar o jogo do bingo no refeitório ou ao usarmos as rampas de acesso para caminhar, entre outras, isso possibilita a apropriação dos lugares, os quais se tornam espaços de convivência e integração entre as pessoas.

A cena do próximo item adota como cenário o banheiro. E possui uma dinâmica peculiar, iniciam-se com as cadeiras enfileiradas, conduzidas e manejadas,

as cadeiras e seus cadeirantes aguardam a sua vez. O raiar do dia prenuncia, quem diria que um dia, no banho, alguém te lavaria!

3.8 O BANHO...

O banho era realizado pela manhã para quem não conseguia tomar sozinho(a); para quem conseguia, poderia fazê-lo a hora que preferisse. Alguns quartos têm banheiro interno. Esses arranjos buscam melhorar a organização da equipe de trabalho e atender às necessidades básicas das pessoas idosas da casa, procurando atender as particularidades de cada pessoa.

Existia uma preparação da equipe que realizava o banho, geralmente eram duas técnicas em enfermagem: calçavam botas emborrachadas brancas e luvas. Enquanto uma delas dava o banho, a outra tirava a roupa da próxima pessoa a banhar-se. O banho era realizado no banheiro do corredor, pois era maior e não tinha box nem barreiras no piso. As pessoas idosas que não conseguiam ficar em pé tomavam banho na cadeira, e a maioria possuía suas amenidades de banho (sabonete, xampo e desodorante), as quais eram transportadas junto com o(a) idoso(a). Quando a temperatura permitia, idosos(as) vestiam as roupas após o banho nos quartos, e, quando a temperatura era baixa, vestiam-se no banheiro. Como demonstro com a cena:

[...] cheguei à porta do quarto e a técnica estava ajudando Maharashtra a tirar a roupa para tomar banho. Perguntei se podia acompanhar, ambas responderam que sim. Estava sentada na cadeira de banho somente de blusa e sutiã que já estavam sendo retirados, a sacola com os produtos de banho estava pendurada na cadeira. Em seguida, a cadeira foi empurrada pelo corredor. No banheiro, outra técnica a esperava com chuveiro aberto, sorriso, botas e roupas brancas. Ela puxou a cadeira cuidadosamente para debaixo do chuveiro, a idosa exclamou que a água estava boa, mas queria mais quentinha. Fiquei na porta para o lado de fora do banheiro e somente o olhar lá dentro atento. A técnica retirou o sabonete da sacola e entregou para a idosa que o segurou e iniciou sua incursão pelas vastas partes do corpo. A espuma tomou conta das superfícies corpóreas e a água escorria levando a espuma para o piso, a seguir o xampo foi requisitado e colocado na palma da mão e nos cabelos molhados. A cadeira foi recolocada bem embaixo do chuveiro e a água escorria, carregando a espuma, o suor do dia, detritos, sujidades e quiçá algumas dores. Assim que a espuma se extingue, o banho termina. Ela recebe a toalha com seu nome e sai, outra pessoa que estava sendo preparada entra no banho, quase uma produção em série de pessoas lavadas. Maharashtra chega de volta no quarto, sai da cadeira com ajuda da técnica e senta em sua cama, começa a se secar vagorosamente, parece estar aproveitando a nudez, está calor. As peças de roupa escolhidas por ela estão sobre a cama, recoberta com uma colcha floral azul e branca. A técnica avisa que se ela precisar de ajuda é só

chamar, ela pediu para a deixarmos se trocar, pois demoraria, estava sem pressa. Dei um sorriso envergonhado e saí. (Trecho do Diário de campo de 24 de novembro de 2015).

Igualmente na cena acima, a etnografia de Tatiane Limont (2011), realizada em dois asilos, demonstra que algumas pessoas possuem seu próprio *kit* de higiene pessoal (xampu, condicionador, sabonete). As pessoas dependentes recebem ajuda de alguém da equipe de trabalho do asilo para tomar banho. Assim como na casa, no estudo referenciado as peças de roupa são assinaladas com os nomes dos residentes e guardadas nas cômodas que ficam ao lado de cada cama.

Algumas pessoas idosas da casa mentiam sobre o banho, diziam que já tomaram para não precisarem banhar-se. Entretanto, diferentes estratégias eram utilizadas para que aceitassem o banho, como por exemplo: diziam que receberiam visita de alguém, um filho ou neto, ou até do médico.

As idosas adoravam o geriatra, admiravam sua beleza e chegavam a inventar alguma dor ou sintoma para que fossem examinadas por ele. Notava que estavam com boa disposição e conversando com outro(a) morador(a), mas quando o profissional chegava para visita médica, algumas delas falavam que estão com tosse ou dor de cabeça apenas para vê-lo. Os atendimentos do médico geriatra aconteciam três vezes por semana e sempre na parte da manhã.

A íntima e até sensual experiência de banhar-se aqui foi desconstruída, nessa ocasião o erotismo foi literalmente por água abaixo. Dessa maneira, finalizo a apresentação das cenas que retratam o cotidiano observado e todas as relações e representações que estão imbricadas no rico contexto da casa.

As nuances reveladas corroboram com a ideia de que a velhice, desnecessariamente, será assinalada pela sabedoria conquistada a partir das experiências, a capacidade de aconselhamento, fragilidade, debilidade física, ou seja, a velhice é identificada por ser uma etapa virtuosa, mas indesejável. “Deve-se viver para ser velho” (FOUCAULT, 2004, p.134).

Ao privilegiar o cotidiano da casa (instituição), observar a rotina, os objetos, as relações e as pessoas e, a partir disso, analisar o que se repetia o que era corriqueiro e que fazia parte do dia a dia, permitiu-me pensar em questões ligadas à mudança, à criatividade, à segurança e à confiança. Assim sendo, percebi a representatividade dessas habilidades humanas entranhadas nas minúcias do cotidiano das relações sociais do contexto.

Seguindo com cautela o desenrolar das ideias e conceitos expostos, as quais permitiram o desnudamento de diferentes perspectivas e configurações teóricas, e proporcionaram o encontro com as cenas observadas no contexto da instituição. Existe uma fronteira tênue em que se interpelam o cotidiano da instituição e a vivência da sexualidade. É sobre essas vivências que tratarei nas cenas que se desenrolam a seguir.

4 O CONGRESSO AMOROSO³⁶:

As regras do Kama Sutra aplicam-se enquanto a paixão do homem é mediana, mas, quando a roda do amor volta a girar, não há então nenhuma regra nem ordem alguma. (VATSYAYANA, 2012, p. 90).

A visibilidade dada à temática da sexualidade, proporcionada por algumas pesquisas, motivou discussões e olhares diversos, possibilitando, assim, se rever e se repensar concepções ou verdades ditas absolutas, na intenção de entender alguns paradigmas para poder desconstruí-los.

Na busca de entendimentos sobre sexualidade, torna-se imprescindível compreender sua construção de forma não linear através dos séculos. Assim, percebe-se que, na história da sexualidade ocidental, são evidenciados diversos aspectos em torno do sexo, o qual, por inúmeras vezes e por muito tempo, foi contido, ajustado e silenciado.

Utilizo nesse referencial, entre outros autores, ideias e pensamentos Foucaultianos. Não sou uma conhecedora em profundidade de suas obras, mas relativo à história da sexualidade, julgo serem contribuições inextricáveis com a discussão sobre envelhecimento e velhice. Faço essas ponderações modestamente, no tocante à dissociação entre sexo e procriação, sobre o caráter utilitário do sexo e como o prazer passa a ter como propósito a si mesmo.

Assim, Foucault (2014, p. 139) assinala que a sexualidade:

[...] é o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa, deve-se reconhecer que esse dispositivo não funciona simetricamente lá e cá, e não produz, portanto, os mesmos efeitos.

A sexualidade pode ser compreendida a partir de um enfoque amplo e abrangente, manifesta-se por toda vida, e, dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte. Não é benefício de um determinado grupo etário, o das pessoas jovens, todas as pessoas têm liberdade para viverem ou não sua sexualidade da maneira que quiserem, de acordo com suas necessidades, vontades, disponibilidade e criatividade.

³⁶ Realiza-se quando duas pessoas se unem de acordo com as preferências dos amantes e por todo o tempo que desejam. (VATSYAYANA, 2012, p. 141).

Segundo Foucault (2014), o lugar dos prazeres da carne era entre as quatro paredes do quarto dos pais, estava confinado à união conjugal, com objetivo de reproduzir.

O autor ressalta o controle sobre a sexualidade:

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de maneira que não seja ordenado em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar de sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga, apenas administra-se. (FOUCAULT, 2014, p.30).

Desse modo, criam-se formas de controlar o crescimento da população, o sexo deixa de ser assunto do ambiente privado e torna-se tema a ser debatido publicamente, desde que seja com o olhar científico, permitindo, assim, ser vigiado e controlado pelo estado.

Retomando a compreensão Foucaultiana (1988), o autor observa que, a partir do século XVIII, houve a propagação dos discursos sobre sexo. Isso só foi possível devido à incitação dos discursos pelo poder, através da igreja, da escola, da família e do consultório médico, ou seja, buscava-se regular o sexo, não pela proibição e sim por meio de discursos úteis, na intenção de fortalecer e aumentar a força do Estado.

O filósofo francês não faz afirmações negando a existência da repressão do sexo, mas destaca que essa interdição não se constitui como elemento fundamental, a partir da qual poderia se historiar o sexo na modernidade. Ele descreve que os dados negativos referentes à sexualidade (proibição, repressão, etc.) funcionam como técnica de poder e numa vontade de saber.

Conforme Foucault (1988), de maneira prática, o motivo pelo qual se buscava regular o sexo, foi o surgimento da população como problema econômico e político, necessitando assim se avaliar taxas de natalidade, idade de casamento, precocidade e frequência das relações sexuais, bem como maneiras de torná-las mais fecundas.

Quando se trata de envelhecimento, diferentes saberes especializados concordam que a sexualidade não se esgota com o passar dos anos, apenas ocorre um declínio da frequência da atividade sexual. A gerontologia e outras áreas do

conhecimento afirmam que esse decréscimo é substituído por uma intensidade ampliada do prazer sexual (DEBERT; BRIGEIRO, 2012). Os autores ressaltam que o processo de erotização da velhice conduzido pelos saberes especializados reproduz simultaneamente uma heteronormatividade sexual e prescreve um envelhecimento bem-sucedido. Defendem, ainda, que a sexualidade não está sujeita à idade dos sujeitos, e, ao mesmo tempo, sustentam a ideia de que o envelhecimento provocaria uma experiência sexual mais gratificante. Desvincula-se simbolicamente a sexualidade da idade, em seu sentido excludente, para reinseri-la positivada nas fases mais avançadas do curso da vida.

O que está em voga no cenário atual da velhice é que passamos do pensamento do mito da velhice assexuada e instauramos a erotização da velhice. Conforme destacam Debert e Brigeiro (2012), esse contexto de transição está mergulhado em um amplo panorama, sairíamos da visão de transgressão e subversão das convenções de gênero e sexualidade para cultuar o erotismo em prol da qualidade de vida.

Dentre as mudanças que ocorrem no processo de envelhecimento, incluem-se as referentes às sexualidades, possíveis em todas as idades e expressas de forma singular e diversa. Os sentimentos, as emoções, sensações, a vivência da sexualidade pode constituir implicações positivas para as pessoas idosas, pois se tratam de momentos de afeto, contato e admiração com/por outra pessoa.

Em relação ao significado da sexualidade, em um estudo realizado em Israel em uma instituição para pessoas idosas, a temática é encarada como uma extensão natural do seu modo de vida, as pessoas colaboradoras do estudo ressaltaram a necessidade de toque, abraços e beijos. Eles enfatizaram a importância de se reconhecer o significado da sexualidade, que normalmente é negligenciada na idade avançada (EHRENFELD et al, 1999). Pensar a respeito da sexualidade, é pensar que esta não se reduz às características biológicas do sexo, abrange aspectos psicológicos, culturais, sociais e afetivos.

No mesmo estudo, Ehrenfeld et al (1999) entrevistaram a equipe de trabalho da instituição e apontam que muitos desses jovens trabalhadores têm uma atitude negativa em relação à sexualidade das pessoas idosas, e, para alguns entrevistados, é algo considerado até imoral.

Convergindo com o estudo acima, Dóris Rabelo e Claudia Lima (2011), em pesquisa a respeito do conhecimento de estudantes da área da saúde sobre

sexualidade na velhice, observaram o rompimento do mito da velhice assexuada por parte dos jovens, constataram uma atitude progressista, em aspectos gerais, os estudantes demonstraram conhecimento razoável.

Os referidos estudos revelam a multidimensionalidade e a complexidade que abrangem a sexualidade na velhice, tanto no que se refere à vivência pessoal de cada idoso ou idosa como no que concerne às relações.

De acordo com Mahieu, Elssen e Gastmans (2011), ao entrar e morar em uma instituição para pessoas idosas, o desejo e a necessidade de afeto não acabam instantaneamente, ainda que muitas vezes inclua a perda da liberdade, sobretudo no que se refere ao envolvimento sexual.

A escassez e/ou a falta de informação a respeito do tema sexualidade na velhice acaba contribuindo para a produção de uma visão única sobre o assunto. Nota-se que essa carência em “conhecer” está presente em nossas casas, nas escolas, nas universidades, na sociedade de maneira geral.

O termo “sexualidade” passou a existir no século XIX, ocasião em que os discursos sobre esta se expandiram e invadiram as instituições sociais, e foi por meio deste instrumento de linguagem que a história da sexualidade foi construída, como destaca Foucault (1984).

A construção das sexualidades é um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008).

Para Debert e Brigeiro (2012), ao se problematizar a sexualidade na velhice, instaura-se uma nova dimensão nas discussões dos especialistas sobre envelhecimento bem-sucedido. Os argumentos desses especialistas baseiam-se nas propostas da Organização Mundial da saúde, o modelo de Envelhecimento Ativo e o de Saúde Sexual e ressaltam que:

Na orientação dada por tais modelos, a sexualidade na velhice se define prioritariamente como um recurso para o bem-estar subjetivo. A experimentação do prazer proposta aos mais velhos está fortemente subordinada à gestão individual do envelhecimento segundo as noções contemporâneas de “qualidade de vida” e “vida saudável”, com seus preceitos e critérios. Ao tratar a sexualidade pensando em seus pretensos benefícios para a saúde e o bem-estar vem progressivamente se popularizando e integra uma diversidade de discursos dirigidos à promoção da saúde. (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 50).

Os discursos referidos acima dizem respeito a um olhar lançado sobre a sexualidade na velhice, a qual contribui para a boa qualidade de vida. Isso é um fato, mas precisamos ser comedidos nas asseverações para não instituímos um novo modelo a ser seguido/obedecido em prol da promoção da saúde, afinal, estamos falando de velhice. Esses novos modelos, ainda que hodiernos, privilegiam relações heterossexuais e, particularmente, a marital monogâmica.

Em estudo realizado por Carlos Henning e Guita Debert (2015, p. 16), sobre as tendências de pesquisas sobre velhice e gênero, a antropóloga e o geógrafo observaram que a maioria dos periódicos analisados acredita na extinção da vida sexual na velhice:

O panorama atual configura-se de modo distinto: a inclusão da velhice no curso da vida sexual é um imperativo que marca a reflexão dos especialistas sobre o tema. A respeito das discriminações identificadas contra as pessoas mais velhas, considera-se que reprimir sua sexualidade seria próprio de sociedades como as nossas. Tal repressão não apenas seria exercida pelos mais jovens, mas também por parte das próprias pessoas mais velhas. Independente do enfoque conceitual adotado, a maioria das publicações em questão menciona a existência de uma concepção do fim da vida sexual na velhice, a qual é considerada pela literatura em questão uma concepção generalizada e equivocada.

Entende-se que algumas mudanças de atitudes, pensamentos e comportamentos são necessárias para que ocorra a desconstrução dos mitos e tabus que cercam o tema sexualidade, superando a ideia de vivê-la apenas para a reprodução, sem satisfação sexual e prazer. A sexualidade influencia a saúde, a qualidade de vida e a satisfação de viver a vida – por parte de mulheres e homens que estão envelhecendo.

Relacionado à qualidade de vida destaco o estudo de Pricilla de Almeida Moreira (2014), a qual analisou a qualidade de vida de idosos institucionalizados e destacou algumas questões principais que influenciam a qualidade de vida, como a constituição e a conservação de vínculos significativos e a necessidade de que a intimidade seja respeitada. A autora ressalta que a instituição deve ser um ambiente seguro em que a velhice possua valores positivos e os idosos sejam gestores da própria vida.

As atividades sexuais, segundo Beauvoir (1990), possuem uma pluralidade de fins, os ganhos de cada indivíduo com suas atividades sexuais são os mais diversos e ricos. Em algumas situações, a pessoa idosa almeja a atividade sexual na

esperança de se sentir de volta à juventude e reviver momentos felizes do seu passado. Mas isso só se torna possível para as pessoas que atribuíram ao longo da vida um valor positivo à atividade sexual, do contrário, se desprezavam as práticas sexuais, acabam valendo-se da velhice para abdicar da vida sexual ativa. Assim, a plenitude da vida sexual delonga-se de acordo com as vivências felizes e ricas durante a vida.

Em estudo etnográfico sobre uma rede de sociabilidade de homens idosos, Mauro Brigeiro (2000) mostra que entre esses homens parece se praticar um padrão de masculinidade hiperviril. Para eles, o valor da sexualidade está vinculado à tentativa de conservação dos interesses e valores da masculinidade e a um movimento de oposição a velhice que incapacita.

Relativo ao universo masculino, a literatura analisada por Debert e Henning (2015) aponta para a desgenitalização da sexualidade masculina (DEBERT; BRIGEIRO, 2012) em defesa de uma sexualidade mais prolixa e complexa. No caso das mulheres, a continuidade das atividades sexuais na velhice estaria ligada a desvinculação da prática sexual a vontade somente do parceiro, mas em favor de seu próprio desejo, além de sobrepujar os princípios restritivos e morais nos quais sua educação foi alicerçada.

Cabe destacar as considerações de Teresa Negreiros (2004), que fala da sexualidade das pessoas idosas de hoje, as quais foram educadas num código de sexualidade ainda muito rígido e binário, ou seja; próprio ou impróprio; natural, agradável e normal ou danoso, excessivo e insultuoso; aquilo que é passível de admiração, aceitação ou, inversamente, de repulsa e negação.

É provável que vejamos uma nova e radical mudança nos modos como nos relacionamos com nossos corpos e necessidades sexuais. O desafio será compreender, de forma mais efetiva, os processos que estão em ação nesse campo. Ao pensarmos a respeito da sexualidade da pessoa idosa, portanto, é preciso discutirmos vários aspectos, os quais possuem raízes profundas e pressupostos fixos, aceitos, difundidos, controlados e institucionalizados. A sexualidade está vinculada aos corpos, às relações, afetos, dentre outros aspectos importantes na compreensão hodierna do processo de envelhecimento.

Entender as formas de gestão da velhice na contemporaneidade traz como exigência, segundo Debert (1999), um engajamento em direção à elucidação de como os múltiplos discursos sociais atuam na construção social do envelhecimento.

Há, segundo a autora, um consenso quanto às inúmeras transformações na experiência do envelhecimento ao longo do século XX, resultando na mudança de paradigma sobre a velhice e numa maior variedade de possibilidades e alternativas de modelos.

Em meio aos numerosos discursos, desponta a sexualidade transcendendo a idade, tangenciando a linha entre o permitido e o proibido, que, de acordo com Foucault (2014, p. 139), pode ser a sexualidade entendida como:

[...] conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa, deve-se reconhecer que esse dispositivo não funciona simetricamente lá e cá, e não produz, portanto, os mesmos efeitos.

Sendo assim, nessas novas configurações de relações vivenciadas pela população idosa contemporânea, faz-se necessário o acesso a informações e a superação de tabus e preconceitos relacionados à expressão e às vivências da sexualidade na velhice.

O envelhecimento não pode ser entendido apenas por fatores demográficos e econômicos, pois estes não conseguem abranger a complexidade do processo nem contemplar a diversidade das experiências individuais e grupais cingidas com a velhice enquanto categoria analítica. Assim, a velhice é uma construção social caracterizada pelas diferenças e não mais a consequência do ciclo de vida. (DEBERT, 1999).

Portanto, além dos conhecimentos históricos sobre o processo de envelhecimento humano, para analisar qualquer prática vinculada à sexualidade, é essencial entender seu significado para quem a exerce, considerando o momento histórico e o contexto cultural.

Considerando o arcabouço teórico apresentado, no qual apoio o embasamento conceitual para realizar as profícuas altercações entre os(as) aludidos(as) autores e autoras com as cenas observadas e descritas empiricamente. Nesse emaranhado de conceitos e saberes gerados a partir do cotidiano nu e cru exponho as cenas da vida privada sobre a intimidade (nem tão íntima assim), o desejo, o fetiche e o amor. A seguir, em cena, a sexualidade:

4.1 FALANDO SOBRE...

Os desafios da gerontologia, no campo da sexualidade, apontados por Debert e Brigeiro (2012) dizem respeito à patologização das disfunções sexuais, bem como sua medicalização, enriquecendo a indústria farmacêutica; outro desafio seria convencer homens e mulheres de mais idade de que a vida sexual não se extingue na velhice. Embora ocorra uma diminuição da frequência, há uma intensificação do prazer pelo corpo repleto de zonas erógenas a serem desenvolvidas, liberando-se assim das amarras de certas moralidades vigentes.

Marisa Feriatic e Maria Gotter (2003), em seu estudo feito com coordenadores de grupos de idosos sobre a sexualidade na velhice, verificaram que a conduta sexual é bastante intrincada, abrangendo aspectos físicos e emocionais. Assim como todos os outros órgãos do sistema, na velhice, os órgãos sexuais sofrem mudanças, o que não extingue sua função. Envelhecer não é sinônimo de adoecer.

Ao permanecer na casa, muitas vezes percebi que, em virtude das atividades cotidianas realizadas pela equipe de trabalho, como trocar fraldas, fornecer alimentos, dar banho, medicação, etc. as pessoas idosas que moram ali, são, muitas vezes, infantilizadas, até comparadas a crianças. Os profissionais para se reportarem aos residentes utilizam palavras no diminutivo (pezinho, chininho, remedinho) e acabam por não os perceber como seres sexuais. Em muitas situações, o interesse ou a expressão da sexualidade dessas pessoas é interpretada como doença/loucura e não como necessidade humana de amor e intimidade.

Assim como as asseverações acima, Adriano Rozendo e José Justo (2012, p. 29) observaram em sua pesquisa excrescências de atitudes de infantilização de pessoas idosas:

Chamou nossa atenção a fala infantilizada, tanto da parte dos idosos quanto dos cuidadores; o uso de brinquedos e bonecas, a utilização de fraldas, o contato com fezes, urina e tantas outras habitualidades típicas da infância que pudemos notar em todas as instituições que observamos. À primeira vista, parece se configurar um quadro acentuado de infantilização da velhice confinada em asilos.

É comum ver idosas e idosos desanimados e indiferentes ao cotidiano. Em muitos aspectos, os(as) cuidadores(as) realizam as atividades básicas de maneira

que essas pessoas não precisem ter qualquer preocupação em realizá-las, renunciando aos mais simples atos que são constituintes da vida.

Numa tarde de inverno, aquecidos(as) pelo calor constante dos aquecedores ligados, estavam sentados nos sofás frios da sala da frente, Dandakya, Maharashtra, Bali, Dravida, e Aparatika³⁷, lado a lado, bem próximos, ancas encostadas, ombros e braços esfregando-se, aproveitei a proximidade e disse que gostaria de saber o que eles(as) entendiam ser sexualidade, destarte, deu-se a cena:

[...] após pensaram por alguns segundos, Dandakya respondeu para mim: 'é tá junto com alguém, em relação né, dormindo junto, com intimidade'. Para Aparatika, 'é sexo e amor, entre um homem e uma mulher, daí vem os filhos, depois os netos, é ter uma família'. E Dravida completou: 'quando a gente fica velha, nem pensa mais nisso, é como se a gente deixasse de ser mulher'. (Trecho do Diário de Campo de 12 de agosto de 2015).

As falas apresentadas demonstram concepções diferentes, mas que se originam e convergem, da/na mesma direção. As concepções são frutos de uma educação conservadora e dentro da "normalidade" heterossexual, conjugal e monogâmica. De acordo com Weeks (2000), a heterossexualidade foi institucionalizada nas sociedades ocidentais com caráter compulsório, vista como normal e apropriada, constituindo, assim, um tema insuficientemente debatido, portanto, como qualquer preceito, seu significado só se torna acessível a partir da marcação daquilo que ela não é. Desse modo, Weeks (2000) demonstra que a partir do processo de criação da homossexualidade como anormalidade que se permitiu que a heterossexualidade se estabelecesse como normalidade.

Foucault (2014) não garantiu a existência de um sistema de ideias implícito ao discurso da sexualidade, o autor buscou a compreensão das estruturas que produziam uma determinada sexualidade em detrimento de outras. Existe um enquadramento das maneiras sobre as quais se deve vivenciá-la, impostas por instituições como a escola, a igreja, a medicina, o campo jurídico. O que fica a margem de, é patologizado, desponta aqui a sexualidade dos(as) idosos(as).

Faz-se necessário compreender a sexualidade na velhice como algo natural, já que existem discriminações, seja por parte da família, seja por parte da

³⁷ As mulheres de Aparatika são apaixonadas. (VATSYAYANA, 2012, p. 141). A idosa (64 anos) caracterizada é romântica e delicada.

sociedade. Parece oportuno destacar que os(as) idosos(as) que conseguem lidar e conviver com as modificações físicas mantêm uma vida sexual ativa, permitindo-se novas vivências amorosas, nas quais valorizam mais o companheirismo, o afeto e o cuidado do que a relação sexual propriamente dita. (OJEDA, BEVILAQUA, JAEGER, 2013).

Os entendimentos acima estão no topo do sistema hierárquico apresentado por Gayle Rubin (2003), onde as sociedades ocidentais modernas avaliam e valorizam os heterossexuais maritais e reprodutivos, os quais repousam sozinhos no topo da pirâmide erótica. Dessa forma, as pessoas idosas estariam excluídas, pois estariam na classificação não-procriativa, o que, de certa forma, ainda embasa pensamentos de que as pessoas são assexuadas na velhice. Essa afirmação está relacionada ao pensamento de que o único papel da mulher seria o de procriar, e, quando essa possibilidade se extingue, o “ser mulher” se extingiria junto com essa condição.

Para Peter Stearns (2010), a modernidade ocasionou mudanças expressivas na história da sexualidade humana, nesse período surgiram formas de controle da natalidade, como a camisinha e o diafragma. Proporcionando, assim, separar o sexo da reprodução e possibilitar o sexo como prazer, uma evolução extremamente complicada. Os temas relacionados à sexualidade constituem desafios enormes sobre a conduta individual e coletiva da sociedade.

Dentre os vários elementos relacionados à sexualidade, saltou aos olhos a questão relacionada à aparência física destacada por Maharashtra, a qual compõe a cena:

[...] estava lá, sentada na cama, olhando em direção à janela, Maharashtra deslizava a escova de plástico desgastada pelos curtos e poucos cabelos castanhos iluminados por ralos fios brancos. Em tom de desabafo diz que não se olha mais no espelho, só no do banheiro que é pequeno, e dá pra ver só o rosto, e faz tempo que não vê seu corpo por inteiro refletido no espelho. ‘Mas para que olhar, eu me sinto como um pêssego murcho, por fora, mas por dentro eu me sinto viva e penso até naquilo, eu tô viva! É isso que importa não é?’ (Trecho do Diário de campo de 13 de abril de 2015).

Com base nesse relato, atentei para o fato da inexistência de espelhos na casa. Alguns banheiros têm um pequeno armário acima da pia, que reflete o rosto, mas espelhos grandes são escassos, um deles percebi em um dos quartos na porta de um guarda-roupa. Talvez seja para ocultar algo que está exposto, talvez para não

reafirmar o que se quer esconder, como o ditado popular “o que não é visto não é lembrado”.

As pessoas com mais idade não querem ter a beleza de um rosto “marcado pelo tempo” como “um pergaminho”, com aparência desgastada e à espera da morte, não costumam associar a velhice a ganhos, benesses ou experiências. (MOTTA, Alda da, 2002, p. 41).

É preciso compreender que o corpo é algo que está extremamente relacionado com a consciência, que sofre grande influência da representação social, condicionando os indivíduos a exaltar o que a sociedade preconiza: a juventude. Por isso, as pessoas idosas buscam desnaturalizar e ressignificar sua condição.

O relato de Vidushaka complementa as alterações expostas anteriormente:

[...] Vidushaka estava no quarto, estendendo a cama vagorosamente e com certa dificuldade. Relatou que sentia muita dor na coluna, nos joelhos e nas pernas, cada dia uma dor. Mas segundo ele, ‘antes tinha um corpo, jogava bocha, caminhava pra lá e pra cá, saía lá de casa e ia na Acampamento³⁸ a pé, agora tô virado em dor, uma carcaça’. (Trecho do Diário de campo de 9 de março de 2015).

Na velhice, parece que tudo se desvaloriza e o corpo passa a ser visto e sentido através de rugas, da flacidez, dos cabelos brancos e das dores sentidas. Segundo Paula Sibilia (2011, p. 91), nesse atroz processo, “ocorre uma gradativa descapitalização de nossas púberes virtudes”. A autora ainda ressalta que se “hoje proliferam as técnicas dedicadas a evitar essa catástrofe, é porque essa evidência está se tornando cada vez mais verdadeira, mais pesada e absolutamente indiscutível” (SIBILIA, 2011, p. 93). Com isso, a pessoa que envelhece necessita, o quanto antes, buscar formas consideradas saudáveis como componente imperativo do “cuidado de si”.

Muitos dos pontos fixos pelos quais nossas vidas sexuais foram organizadas têm sido radicalmente questionados durante o último século. É difícil separar os significados particulares à sexualidade das formas de controle que somos submetidos. Existe uma profunda mudança nas relações familiares, divórcio e constituição de novas famílias. A construção das sexualidades é um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e

³⁸ É o nome de uma rua comercial no centro da cidade de Santa Maria, RS e sua residência ficava no bairro Chácara das Flores.

médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008).

O cotidiano pode trazer gratas surpresas, desencontros e encontros, namoros, interferência familiar na relação, enfim... Apresento a seguir cenas da vida real...

4.2 NOVAS CONFORMAÇÕES: NAMORO E AMIZADE

Dentre as peculiaridades da casa, destaca-se o casal, formado ali mesmo, entre duas pessoas residentes. Ele, um senhor de 84 anos, casado, estatura mediana, magro, mas com certa proeminência abdominal, ouve com dificuldade, cabelos sempre penteados, na roupa carrega algumas migalhas de pão, sobras do café... Ela, uma senhora de 69 anos, viúva, unhas e cabelos pintados, roupas elegantes, anéis, brincos e pulseiras adornam seu corpo magro. Iniciaram o relacionamento sentados na sala, lado a lado, conversando, depois mão na mão, logo veio o abraço, mais a frente subiram para o quarto.

O casal estava sempre junto, ele andava sempre à frente dela, faziam as refeições juntos, sentavam sempre ao lado um do outro, tomavam banho juntos. Ele mostrava-se bastante autoritário, não permitia que ela conversasse com outros homens e tinha que estar junto dele onde ele estivesse.

Ao permanecer e transitar pelos ambientes, lugares e espaços, na tentativa curiosa de ver e/ou ouvir alguma cena ilustrativa de comportamentos e atitudes, pude presenciar o desenrolar da relação na cena em que a nova conformação foi composta e exposta:

Quando cheguei à casa, o casal Satakarni e Malayevati³⁹ estava na sala, começaram namorar ali na casa, convidei para a roda de conversa, mas agradeceram e foram subindo as escadas para o quarto. Ela segurou meu braço e em tom moderado de voz, disse que não era nada comigo, mas é que o marido dela era muito ciumento e não gosta que ela fique se mostrando, disse que obedecia para não dar briga. Antes do namoro realizavam as atividades físicas, ela gostava e participava ativamente, ele também participava. Satakarni é casado, presenciei a visita da esposa dele na casa no dia que ele apresentou a namorada para a esposa. A esposa apoiou a relação, disse que ficava feliz por ele ter uma companhia, já que

³⁹ Casal que reinou no primeiro século da era cristã, sua esposa morreu durante o congresso amoroso, em meio à prática do amor. (VATSYAYANA, 2012, p. 19). Assim é o casal caracterizado, passional e voluptuoso. Ela, Malayevati (69 anos) e ele (84 anos).

entre eles agora só existia amizade. (Diário de campo de 15 de junho de 2015).

As atitudes e expectativas destacadas acima caracterizam plena e genuinamente as vivências da sexualidade do casal. A relação destacada está em consonância com o estudo de Lucimêre Almeida e Lucia Patriota (2009), que constataram que a velhice seria o momento favorável para a libertação sexual, pois os conhecimentos acumulados e o fenecimento da função reprodutiva aceitariam a restrição de certas convenções reguladoras do contexto feminino.

Sempre que podia, Malayevati queixava-se sobre suas peripécias afetivas e sexuais e não tinha vergonha de expor suas dificuldades. O melindre era em relação ao parceiro, pois não queria que ele soubesse da lamúria. A cena a seguir revela o desejo dela pela ereção do parceiro, se obtivesse êxito, o ato poderia se consumir:

[...] mas ele não funciona mais! Eu pego, puxo, puxo, mas dá em nada, daí a gente fica na vontade'. O relato dela foi reafirmado por uma das funcionárias, que confirmou que ela manipula o pênis dele no banho que chega a cortar, ele reclama e ela vai pedir pomada para passar. Segundo ela: 'minha filha diz que ele tá pior que eu, o que eu quero com ele?' A família não é favorável à relação, pois ele é casado e já tem 84 anos, mas ela não se importa com a opinião da família, disse que continuaria com o namoro. (Trecho do diário de campo do dia 15 de junho de 2015).

Alguns dias após o depoimento, ela ficou doente e foi para o hospital, quando recebeu alta, a família a levou para a outra casa, uma filial da instituição que fica em outro bairro da cidade. Nota-se que as famílias não sabem como lidar com a situação, algumas ainda têm um pensamento conservador (e ciumento) sobre novas relações na velhice. Outras ficam apreensivas com relação aos bens materiais:

A possibilidade de que elas se envolvam com homens inescrupulosos ou abusados, que as iludam, passem a mão no seu dinheiro e provoquem danos a sua reputação. Persiste a preocupação com a moral feminina e uma desconfiança generalizada quanto aos seus critérios de escolha. A família se julga no direito (ou dever) de intervir, bem mais do que faria no caso do homem. (FRAIMAN, 1994, p.133).

A partir dessas observações e reflexões, percebe-se que vivenciar ou não a sexualidade na velhice possui forte ligação com a vida sexual ao longo da vida. A pessoa que gostava dos jogos sexuais e gozou de boas experiências dará continuidade a elas, adaptando-as de acordo com as limitações impostas. Para algumas das pessoas observadas, o que eram preliminares na juventude tornam-se

o ápice da relação na velhice. O que era coadjuvante (toques, carícias, olhares, beijos, masturbação, sexo oral, dentre outras nuances) transforma-se em protagonista, o prazer e a satisfação são provenientes dessas atuações. Assim, acreditamos que a sexualidade na velhice deve ser vista sob uma nova perspectiva não limitada por fatores biológicos, uma vez que se trata de uma construção social (FOUCAULT, 2014).

No início do relacionamento do referido casal, os comentários circulavam em meio às rodas de conversas da casa, comentavam e fantasiavam sobre o namoro e o desempenho dos dois. Vidushaka⁴⁰, que reside no quarto ao lado de Satakarni opinou romanticamente:

Eu acho bonito os dois, eram companheiros, mas ele era muito ciumento, a gente não podia conversar com ela. Eu queria uma companheira, pra esquentar meus pés no inverno, tomar mate, conversar, ficar junto. E Pithamarda completa: 'se eles tavam juntos, era como marido dela, tá certo em cuidar o que é dele não acha? E ela tinha que respeitar ele e fazer como ele queria né, isso é ser companheira'. (Diário de campo de 11 de setembro de 2015).

A sexualidade supera a questão dos estímulos corporais e emocionais relativos ao ato sexual. Para muitas pessoas com mais idade, oportuniza, além da paixão, expressar afeição e lealdade (BEAUVOIR, 1990). Sexualidade significa também a relação sexual, pois, mesmo na velhice, os desejos continuam semelhantes aos da juventude, porém, existem limitações em virtude de mudanças fisiológicas e patológicas que tolhem momentos íntimos. Idosas e idosos descobrem outros prazeres, adaptam-se a sua condição, conseguem descobrir para cada nova situação um novo jeito de viver. (NERY, Valeria; VALENÇA, Tatiane, 2014).

Os relatos supracitados demonstram, dentre outras coisas, uma relação pautada em carinho e erotismo. O casal permitia-se desfrutar dos prazeres, apesar das agruras que circundavam a relação, e, diferentemente desse casal, um outro chamou minha atenção pela cumplicidade e resiliência, é o que mostra a cena que poderia ser de um filme de romance, daqueles em que nos derramamos em lágrimas... Como veremos a seguir.

⁴⁰ É o companheiro humilde, versado em algumas artes, um bufão que merece a confiança geral (VATSYAYANA, 2012, p. 57). O idoso (80 anos) caracterizado é um senhor com descendência italiana, solteirão e cuida zelosamente da irmã.

4.3 O AMOR É LINDO!

As personagens da cena protagonizaram um dos momentos mais bonitos que vi na casa. Ele, 72 anos, residente da casa, magro, cabelos grisalhos e sorridente. Ela, uma mulher elegante e bonita, não mora na casa, mas visita seu marido que está residindo na instituição. Ao eleger a instituição como moradia para seu ente idoso, as famílias precisam se adaptar à nova realidade, muitas vezes dolorida, mas possível:

Conversei com Vita e com sua esposa que tinha vindo visitá-lo, ela é uma senhora muito elegante, cabelos castanhos curtos escovados, maquiagem leve e perfume suave, é professora do estado aposentada. Ela estava sentada junto dele no sofá de 2 lugares, seu braço direito repousava nos ombros de Vita, de vez em quando ela fazia um cafuné no cabelo. Ela disse que tinha vindo namorar, que sente muita saudade dele, que sofreu e sofre muito com a decisão de deixar ele ali na casa, com os olhos marejados confessou que não foi fácil decidir, conversou com familiares e filhos, e no início sentia vergonha de dizer que ele estava no asilo. [...] Carinhosamente pegou na mão dele, olhou em seus olhos e perguntou quem ela era, e ele respondeu: é o meu amor! Ela sorriu e segurou o choro, foi um momento emocionante e inesquecível⁴¹. Mesmo com todo sofrimento, ela vem namorar, senta-se bem pertinho dele, abraça, beija seu rosto, olha apaixonadamente para aquela pessoa que às vezes não a reconhece. Ela frequenta a casa três (3) vezes na semana para ficar com ele, namorar, ler o jornal, e confidenciou que não consegue aceitar a situação, referiu-se à doença (Alzheimer) de maldita. Além do jornal, ela traz chocolate, pois ele gosta de doce e o preferido é chocolate. (Diário de campo de 13 de janeiro de 2016).

A cena relatada mostra que o namoro/casamento na velhice está intimamente ligado ao afeto, ao toque e intimidade, mostra-se na maneira de sentir, tocar, cheirar, olhar. O desejo sexual está presente em toda vida, mas na velhice não se reduz somente ao ato sexual e não objetiva o orgasmo, mas manifesta-se de formas diferentes e está associado à autoestima, bem-estar e qualidade de vida.

Em relação a modelos de sexualidade na velhice, Viviane Silva, Ana Paula Marques e Jorge Fonseca (2009) advertem sobre a possibilidade de homogeneizar uma experiência que é múltipla, e destacam:

⁴¹ Na hora lembrei-me do filme “Diário de uma paixão”, que conta a história de um casal que a idosa tem Alzheimer e o marido foi morar com ela na instituição para contar a história deles todos os dias e no final ele lê um poema: “Nada está perdido ou pode ser perdido. O corpo, indolente, velho, friorento... as cinzas deixadas pelas chamas passadas... arderão de novo”. Poema de Walt Whitman. Disponível em: <http://kdfrases.com/frase/118690>. Acesso: 20 março de 2016.

Para os que vivenciam sua sexualidade, também não existe obrigação de esta ser experimentada de forma única. Esta reflexão é importante para evitar que se migre da velhice assexuada para a obrigação de desempenho sexual, especialmente como necessário à manutenção da saúde, nem para a normatividade das sexualidades culturalmente hegemônicas (SILVA; MARQUES; FONSECA, 2009, p. 301).

O processo de envelhecimento produz transformações, mudanças e adaptações na vida das pessoas em diferentes aspectos, revelando uma vasta e ainda desconhecida área de conhecimento, seja pela sua amplitude seja pela complexidade, merecendo olhares cuidadosos e curiosos sob suas subjetividades, na busca de entendimentos. Nesse sentido, conforme avança o processo de envelhecimento, a sexualidade também vai assumindo novos contornos.

A temática da sexualidade tem adquirido expressiva relevância nos últimos tempos tanto na área das ciências sociais e humanas como na saúde. Contudo, essa relevância não significa necessariamente possibilidades múltiplas de vivenciar essa dimensão humana em todas as fases da vida, e contrariamente, propaga dispositivos de controle e enquadramento moral. (ANDRADE; Márcia; FRANCH, Mônica, 2012).

Percebe-se que na velhice há uma ampliação do interesse pelo toque e por outras formas de intimidade, que extrapola a objetividade do ato sexual propriamente dito, o que avigora a importância da cumplicidade na vivência da sexualidade pelas pessoas idosas. Joseph Gallo (2001) comenta em sua pesquisa que, contrariamente do discurso que impetra a maioria da população, os idosos não são assexuados e possuem interesse e desejo por toda a vida.

Corroboram as afirmações acima, as pesquisas de Perry e Potter (2005), e Dulcinéia Monteiro (2002), que demonstram que o coito é parte da sexualidade, mas, para grande parte, está, além disso. Segundo os estudos, a sexualidade na velhice é simples, mas complexa, uma vez que o corpo envelhece e as funções fisiológicas se modificam, porém, a capacidade de amar e desejar permanecem intactas até o final da vida.

A cena descrita e os resultados evidenciados nas diferentes pesquisas estão em consonância, uma vez que, como foi discutida, a sexualidade pode e deve, desde que se queira, ser vivenciada das mais diversas maneiras, independentemente da idade que possua. Assim, deve-se atentar para a variedade de experiências que as pessoas tiveram e que, na velhice, querem continuar

exercendo. No desenvolver da próxima cena, rompe-se com a sexualidade idealizada e outra forma de satisfazer os desejos desponha, jorra a realidade que fingimos não ver.

4.4 VIGIAR E DORMIR

A noite chega, janelas e portas se fecham. Camas dispostas para receber seus inquilinos, gordos, magros, barrigudos, carecas, grisalhos, dormentes. Preparam-se pijamas, medicamentos, fraldas e água. Esvaziam-se cadeiras, sofás e mesas. Despem-se corpos e bocas, dentaduras guardadas, o silêncio impera, mais um dia que terminou e menos um dia para viver.

Algumas pessoas jantam e vão para seus quartos e lá permanecem, refugiam-se na intimidade do cômodo para assistir televisão, ouvir rádio, ler, deitar ou dormir. O uso de medicamentos para dormir é feito com prescrição médica, e muitos dos residentes tomam remédio e logo após dirigem-se ou são levados para seus aposentos. Algumas pessoas ficam vagando pela casa durante a noite, o que acaba incomodando o sono de outras, essas precisam ser contidas fisicamente na cama com lençóis ou faixas.

As pessoas que gostam de assistir à televisão, como Pithamarda, ficam na sala de televisão assistindo à novela e a filmes com a equipe de trabalho. Quando está frio, as pessoas que dividem o quarto deitam-se e ficam conversando. As portas dos quartos ficam abertas ou entre abertas, não existe uma rigidez na hora de dormir, a equipe se divide e organiza as camas e a troca de roupa, e os(as) idosos(as) que precisam ser levados(as) para os quartos são os primeiros a serem preparados para serem entregues aos braços de Morfeu⁴².

A calma aparente da noite é aceirada pelo olhar vigilante das técnicas. Ficam sonolentemente à espreita, café, chimarrão, bolachas são subterfúgios para afastar o sono. Conversam em tom quase inaudível, vez ou outra um(a) residente transita, sem rumo, caminha, olha e pergunta que horas são? E o café? A resposta nem sempre é a esperada, então, são levados para o quarto. Os casais que estão na casa não dormem na mesma cama, apenas dividem o quarto.

⁴² Deus grego do sono.

E, com o apagar das luzes, o que acontece em relação à sexualidade? A cena elucidada:

Em conversa com uma das técnicas em enfermagem, perguntei se ela já tinha presenciado algum tipo de expressão da sexualidade por parte de algum(a) idoso(a). Ela ressaltou que existe um cuidado relativo ao que poderia ser algum tipo de abuso, quando percebem que a pessoa é mais saíndinha com as outras, ficam de olho. “À noite, na hora de dormir os quartos ficam com as portas abertas, é que muitos tomam medicamento para dormir, então fica tudo tranquilo, mas tem muita coisa que a gente finge que não viu e não ouviu e outras a gente acostuma”. Na casa tinha um senhor que se masturbava a qualquer hora ou lugar, então a gente o levava para o quarto e deixava terminar. Algumas idosas tinham medo dele, outras pediam para tirar ele da sala, mas a gente entende a situação dele, tá com vontade. Mas, à noite eu pedia para as gurias do turno ficar de olho nele. (Diário de campo de 12 de janeiro de 2016).

Em relação à masturbação, na casa, para esse idoso, ela se apresentava como talvez o único modo para obtenção de prazer sexual. Da mesma maneira que o sexo, ela compõe o conjunto de atitudes na busca pelo prazer e proporciona bem-estar e qualidade de vida. As pesquisadoras Ojeda, Quadros e Jaeger (2013) realizaram estudo com idosas de um grupo de convivência e apontaram que para essas mulheres a vivência da sexualidade é importante, e a masturbação foi mencionada como a forma de satisfação sexual, mostrando que o desejo e a atividade sexual continuam presentes.

Diante das peculiaridades da sexualidade das pessoas idosas que vivem na casa, percebia as distintas maneiras que utilizavam para usufruir da satisfação de seus desejos. São formas de adaptação que as limitações acarretam, exercitam o estímulo visual, o toque, elogios, entre outras.

O estudo de Clícia Gradim, Ana Sousa e Juliana Lobo (2007) observou que as pessoas idosas exercem sua sexualidade através de carícias e de troca de afeto, sendo estas as formas de satisfação na velhice.

Em função do desconhecimento, solidificam-se mitos e preconceitos, o que dificulta a compreensão de como a sexualidade pode ser vivenciada na velhice. Na busca de aproximação dessa temática, corroboro o conceito proposto por Louro (2001) de que a sexualidade está circunscrita às formas pelas quais homens e mulheres expressam seus desejos e prazeres, em diferentes tempos e lugares e nas diversas fases da vida. Muito mais que um fenômeno biológico, a vivência da sexualidade é resultado de uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas. (WEEKS, 2001).

É preciso considerar que existem fatores que influenciam a sexualidade. Mesmo que exista o desejo sexual, na maioria das vezes, esse sentimento é contido por razões advindas de diferentes instâncias por parte tanto da pessoa idosa como das pessoas próximas ou por temer o julgo alheio. Percebe-se que esses aspectos permanecem devido à desinformação e pelo entendimento errôneo sobre as mudanças acontecidas durante o processo de envelhecimento. E até mesmo quando possuímos conhecimentos sobre o assunto, carregamos alguns conceitos pré-concebidos os quais são resistentes às transformações. Despir-se dessas amarras não é simples, requer a incorporação de novos significados e a reconstrução constante do adágio sobre sexualidade.

As formas variadas de expressão da sexualidade apresentadas mostraram o quanto é complexo esse universo e o quanto precisamos pesquisar e discutir mais sobre a temática. Posteriormente, as cenas mostram desejos contidos, olhares controlados, intenções disfarçadas, flertes...

4.5 DEVANEIOS: CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA

De acordo com Clarice Peixoto (2006), na velhice institui-se uma representação ou significação de papéis na vida individual ou coletiva do ser humano que representa um determinado papel, adota certos valores e comportamentos que respondem às expectativas do outro e que abonam seu reconhecimento enquanto indivíduo. Sendo assim, os papéis sociais também permitem a oportunidade de acesso a lugares, pessoas e atividades ligadas à determinada etapa da vida. A representação da pessoa com mais idade sofreu várias transformações ao longo do tempo com as alterações nas políticas sociais para a velhice, demandando novas disposições, adaptadas à nova condição moral e à mudança na percepção sobre essas pessoas que estão envelhecendo.

Entre estas representações, destaco Bali, 66 anos, magro, careca, usava bigode sempre bem aparado, gostava de declamar versos e, quando tinha oportunidade, sempre declarava sua vontade de ter uma companheira. As pessoas da casa falavam que ele gostava de outra idosa, uma senhora muito querida que faleceu, mas passavam discutindo um com o outro, naquela época falavam que ele

gostava de Lat⁴³. Estávamos sentados na sala conversando e perguntei para Bali sobre sua vida amorosa:

‘Sempre fui chineiro, não tinha uma mulher, mas várias, fui noivo, mas ela não aguentou, por isso não casei, mas agora queria ter uma companheira, pra esquentar os pezinhos de noite (risos). Eu acho linda uma morena que vem aqui, é filha de uma das idosas acamadas, pra ela eu dava casa, comida e roupa lavada (risos), até me acalmava, podia ter filhos e eles me cuidarem’. Rapidamente Maharashtra exclamou: ‘eles não cuidam da gente, olha, eu tô aqui e tenho três filhos, o que adianta?’ (Diário de campo de 23 de março de 2016).

Como demonstra Adriana Azevedo (2000), na velhice, as pessoas idosas tendem a desejar estar junto de outra como forma de proteção, a sensação de ser cuidada além de ser agradável, proporciona bem-estar.

Segundo Perry e Potter (2005), tanto os(as) idosos(as) ativos(as) como os(as) debilitados(as) têm necessidade de expressar sua sexualidade, a qual está vinculada à identidade do indivíduo e valida a crença de que ele pode doar-se aos outros e ser querido por isso.

A idosa Vanavasi⁴⁴ tem 83 anos, olhos azuis, cabelo embranquecido, caminhava pouco, ouvia pouco, enxergava pouco. Ao pouco que lhe restava, estavam os cuidados afetuosos do irmão que dividia o quarto com ela. Ela se dedicou exclusivamente para a família e não vivenciou relações amorosas e/ou sexuais com outras pessoas, abdicou de si pelos outros, como representado na cena:

Cheguei na casa com chuva, apertei o interfone várias vezes até abrir. [...] subi para ver os irmãos, ela, Vanavasi e o Vidushaka, ele estava no banho e ela deitada, perguntei como estava, relatou as dores da artrose e que estava esperando o sobrinho para ir no mercado. Vai sempre no mesmo pois conhece o dono, segundo ela, um homem bonito, grifino, arrumado, ‘mas eu desse jeito o que vou querer, não posso ajudar ele e nem cuidar, meu tempo já passou. Quando eu era nova teve um militar do exército que queria me namorar, mas eu tinha que ajudar minha mãe, cuidava dos irmãos e trabalhava na empresa de fumo, não podia ir embora de casa, casar. E quando apareciam outros, só queriam me judiar e o tempo foi passando, vim pra Santa Maria ajudar a cuidar dos sobrinhos e agora tô aqui’. Perguntei o que era judiar, ela disse que era se aproveitar, tirar a mocidade. (Diário de campo de 6 de abril de 2015).

⁴³ As mulheres de Lat tem um desejo ainda mais apaixonado (VATSYAYANA, 2012, p. 108). A idosa (66 anos) caracterizada tem aparência jovial, vaidosa e impetuosa.

⁴⁴ As mulheres Vanavasi são moderadamente apaixonadas, praticam todas as formas de prazer, cobrem os corpos e insultam os que proferem palavras grosseiras, vulgares ou duras (VATSYAYANA, 2012, p. 108). A idosa (83 anos) caracterizada é recatada e delicada, é solteira e não teve filhos.

O sobrinho que ela esperava era o mesmo que ela ajudou a cuidar, era o responsável pelo cuidado dos tios, que eram solteiros e não tiveram filhos, sua família são os irmãos e sobrinhos(as). Nota-se que a velhice e a sexualidade, separadamente, já são multifacetadas e imbricadas, apresentam nuances variadas. Isso reflete nas atitudes relacionadas às maneiras de amar, de se entregar, de se relacionar. É provável que daqui há alguns anos, vejamos uma nova e radical mudança nos modos como significamos e nos relacionamos com nossa sexualidade. O desafio será compreender, de forma mais efetiva, os processos que estão em ação nesse campo.

Um momento interessante para revelar desejos e tentar satisfazê-los é no banho, ocasião de desnudamento e intimidade, a transparência da água carrega para o ralo a timidez, entra em cena a vontade.

4.6 A ÁGUA CAI E A ESPUMA ESCORRE: FRENESI COM SENADOR⁴⁵

O banho é um momento de intimidade e relaxamento associado, muitas vezes, ao erotismo, pela atmosfera nublada provocada pelo vapor, pela nudez, pelo toque. Uma das idosas falou sobre a sensação proporcionada pelo banho e falou também sobre o sabonete:

Tem uns aqui que eu sei que não gostam de tomar, até mentem que já tomaram. Eu adoro tomar banho, ficar limpa e cheirosa, trocar de roupa, se pudesse, tomava três banhos por dia, na minha casa eu tomava. Minha filha manda meu sabonete, aquele perfumado, vem numa caixinha é bom para guardar, o Senador, eu uso fazem muito anos, é muito bom o cheiro, faz bastante espuma e ele dura bastante. (Trecho do Diário de Campo de 04 de outubro de 2015).

Segundo Robert Butler e Myrna Lewis (1985), o afeto, o calor e a sensualidade não devem se extinguir com o passar dos anos, e, contrariamente, podem até aumentar. Dessa forma, o sexo na velhice torna-se mais emocional, criativo e sensível, envolvendo vários aspectos, o que possibilitam novas experiências. A ocasião do banho permite que a pessoa idosa seja vista, tocada pelo

⁴⁵ O sabonete Senador foi relançado em 1979 pela empresa Memphis. Em 1949, um perfumista alemão e quatro sócios compraram a fabricante do creme Memphis, empresa que desde então se diferencia em produtos, embalagens e tecnologia. Disponível em: <http://www.memphisbr.com/pt/produtos/marca/classic>. Acesso: 20 de março de 2016.

sabonete e esfregada pela toalha, consiste em uma experiência com significados voltados à consciência de estar viva.

As pessoas que trabalham nas instituições presenciam e participam de várias cenas, em muitas delas, são importunados pelas pessoas idosas as quais estão cuidando e ajudando. Através das observações e conversas informais, notei que esses(as) agem com naturalidade e, em algumas ocasiões, com desconsideração:

O técnico em enfermagem que trabalha na casa relatou que algumas idosas querem que ele dê o banho nelas, e, durante o banho, fazem insinuações verbais e gestuais, pedem para ele passar o sabonete várias vezes pelo corpo e em partes específicas (aproximou a mão da região genital e do peito). Ele disse que leva tudo com bom humor, que hoje acha isso normal, mas no início ficava um pouco constrangido. Perguntei se na formação dele em algum momento tinham sido desenvolvidas as temáticas, ele respondeu que foi trabalhado algo relacionado com doenças. (Trecho do Diário de campo de 24 de agosto de 2015).

Para Jailson Sousa (2008), a preocupação com a saúde relacionada com a sexualidade, como já foi retratado anteriormente, tem um cunho de prevenção de doenças, e hoje está muito ligada às questões referentes às revoluções sexuais, principalmente a masculina, com o surgimento dos medicamentos para disfunção erétil. Existem hoje medicamentos que contribuem para uma vida sexual plena e ativa, mas que também colaboram no aumento dos casos de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) entre a população idosa.

De acordo com o Boletim Epidemiológico divulgado em 2013 pelo Ministério da saúde (MS), a AIDS vem avançando em indivíduos com idade superior a 60 anos. O número de casos na população idosa já supera o índice da doença entre os adolescentes de 15 a 19 anos que estão iniciando a vida sexual. (BRASIL, 2013).

A anuência do fato de que existe vida sexual ativa na velhice é algo recente, assim como a preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis. Durante muito tempo, admitiu-se que, com o advir dos anos, a prática sexual era inimaginável e até vista como imoral e inquestionavelmente absurda. (Buttler; Lewis, 2003).

O desejo continua ardente e a possibilidade de sua realização exige da pessoa idosa adaptações, e, por parte de algumas pessoas, ressignificação de sua concepção de sexualidade. Nas cenas que virão, exponho algumas possibilidades de prazer, dentre os múltiplos contornos que a plasticidade da velhice na contemporaneidade permite... O fetiche.

4.7 NA VELHICE, O FETICHE

O termo fétiche vem do francês, que por sua vez vem do português “feitiço”: sortilégio, artifício. O termo não poderia ser melhor escolhido, pois de certa forma, os fetichistas ficam “enfeitiçados” pelos objetos que os excitam. (SANTOS, Rosa Maria, 2011, p. 1, grifo da autora).

As cenas a seguir tratam-se sobre o fetichismo pelos cabelos longos. O meu cabelo, o qual se tornou objeto de desejo (fetiche) por um dos idosos da casa. O desejo por pegar, passar as mãos e cheirar os fios de cabelo, mesmo que estivessem presos ou trançados, tornou-se recorrente, assim como demonstra o trecho:

No dia 6 de dezembro de 2015, cheguei a casa e algumas pessoas estavam na sala da frente, pergunto se estavam me esperando. Quando entro na sala faço um agito, falo versos, abraço todas as pessoas dali. Mas, nem todos gostam e Koshola⁴⁶ reclama: ‘lá vem a gritona’. Minha intenção é essa, romper o sossego da casa, Maharashtra diz: ‘chegou a animação’. Nesse dia, Dandakya estava na casa, ele vem três (3) vezes na semana e fica durante o dia somente, além de ser um homem bem vestido, com roupa social e sapatos bem cuidados, usa um chapéu e está sempre cheiroso, ele sai da casa⁴⁷! Isso torna-o ainda mais desejado, possui um *status* de superioridade sobre as outras pessoas da casa. Ele usa muletas para caminhar devido a um problema no joelho direito, me perguntou se eu era casada, respondi que sim e perguntei se ele era casado, disse que sim, que sua esposa era doente. Ficamos conversando na sala, ele elogiou meu cabelo, disse que acha lindo mulher de cabelos compridos. Nesse dia, quando fui me despedir dele, pediu “três (3) beijos pra casar”. Dei um beijo apenas e rapidamente, quando fui me despedir de Maharashtra, ela confidenciou ao pé do meu ouvido que queria que ele pedisse três beijos pra ela também e sorriu. (Diário de campo de 30 de março de 2015).

De acordo com Rosa Maria Santos (2011), o significado do fetiche está em venerar ou cobiçar alguma coisa para satisfazer um desejo. Refere-se à imputação de significado erótico a roupas e objetos que em si mesmos, não possuem tal significado. O fetichismo consiste na atribuir simbolicamente a pessoas, a partes do corpo ou a coisas características que emanam de outros objetos ou indivíduos.

As ponderações acima vêm ao encontro do estudo de Valeria Nery e Tatiane Valença (2014), no qual destacam que idosos e idosas descobrem outros prazeres,

⁴⁶ As mulheres Koshola são de um desejo impetuoso e muito sensuais. (VATSYAYANA, 2012, p. 56). A idosa (71 anos) caracterizada é impulsiva e moralista.

⁴⁷ Esse idoso permanece na casa durante o dia, três vezes por semana, ele vai de manhã e às 17h um táxi vai buscá-lo.

adaptam a sua condição, conseguem descobrir, para cada nova situação, um novo jeito de viver.

Nesse dia, perguntei para Maharashtra porque ela queria os beijos de Dandakya, e ela respondeu:

Ele não é como os velhos daqui, ele nem é velho, caminha, vai aonde quer, volta pra casa dele e não depende de ninguém pra comer, ir no banheiro...ele seria um bom companheiro, porque eu não quero um velho de fralda, que não faz mais nada (fez um gesto com as mãos em forma de concha para baixo e para cima), nem que seja pra esquentar meus pés, beijar, fazer carinho e conversar, tu não acha ele um homem bonito? Bem arrumado e não tem cheiro de urina, eu tô certa ou não em querer uma pessoa assim? (Diário de campo de 30 de março de 2016).

A partir da cena descrita, percebia que Dandakya era visto de maneira diferente dos outros idosos, uma das causas era devido sua condição de permanente⁴⁸ na casa no fim do dia, possui boas condições de saúde, autonomia e independência, essas diferenças empoderam-no e ele não é considerado velho. Para Maharashtra estar ao lado de Dandakya é a conquista e demarcação de espaço, pois ela sentava ao lado dele e só levantava na hora das refeições quando o acompanhava, nem a fralda ela quer trocar, para não correr o risco de sair e perder seu precioso lugar. Enquanto ele não chegava na casa, ela sentava no sofá e ficava a espera dele.

Com relação a isso, Vicent Caradec (2011) discute como as transformações corporais demarcam o registro do corpo orgânico, na feição e na força. O sentimento de envelhecer não provém somente do olhar do outro, mas se perpetua, principalmente, através da percepção e interpretação dos sinais pelas pessoas que envelhecem. De acordo com o autor, pode-se pensar que envelhecer não é buscar permanecer jovem, mas não se tornar velha/o.

Conforme mostra Silva (2008), as tradicionais representações que atrelam os momentos mais tardios da vida ao descanso, à quietude e à inatividade, dão espaço a novos entendimentos que vão desde hábitos, imagens e práticas que associam o processo de envelhecimento a atividade, aprendizagem, flexibilidade, satisfação pessoal até vínculos amorosos e afetivos até então pouco vivenciados.

⁴⁸ Utilizei esse termo para explicar sua condição de não residir apenas permanecer, usando a sonoridade da palavra residente com a palavra permanecer, resultou em permanente. Seu significado de acordo com o dicionário formal é: que permanece, é duradouro.

As limitações físicas (adquiridas ou impostas), a perda de desempenho de papéis e a cessação de atividades, entre elas, a sexualidade, desqualificam a pessoa idosa, seja dentro ou fora da casa. Embora seja conhecido o declínio da frequência de atividade sexual com o avanço da idade, a gerontologia e outras áreas do conhecimento ressaltam que esse decréscimo é suprido pela ampliação das formas de sentir prazer (ERBOLATO, Regina, 1996).

Nesse sentido, qualquer atitude, gesto ou toque pode significar o último e derradeiro alento para disfrutar de um momento prazeroso. A cena mostra um contentamento descontente, sem limites ou interferências, o atrevimento, naquela hora era tudo ou nada!

4.8 SEDUÇÃO E OUSADIA...

Na cena abaixo será relatada a situação na qual me senti constrangida e, de certa forma, invadida, mas acredito ser importante discuti-la aqui, pois trata-se de sexualidade, e, como me propus a descrever as situações ocorridas na instituição, não poderia apenas fingir que nada aconteceu. Ao refletir sobre o acontecido, percebi a tênue fronteira existente entre o que seria um elogio/gesto sedutor ou assédio sexual. Independentemente dos conceitos ou caracterizações, o fato trouxe à tona um acontecimento veladamente sucedido em diferentes espaços e relações.

Cheguei ao portão e avistei Dandakya sentado na varanda sozinho, entrei e fui abraçá-lo, no ato, ele tentou roubar um beijo na boca, na hora me senti mal, invadida e disse a ele o que me veio na hora, que meus beijos eram para meu marido. Ele sorriu envergonhado, pediu para pegar meu cabelo, não deixei, estava digerindo ainda o que tinha acontecido e entrei. Pithamarda, Bali, Ganda, Dravida, Andhra estavam na sala, Bali levantou e disse que ia arrumar o mate, foi no quarto buscar o kit do chimarrão. Fui conversar com as demais pessoas e sentei na sala da frente, Dandakya veio para a roda de chimarrão, estava calado, não falei nada, conversamos, tomamos mate, rimos e, quando estava saindo, Dandakya pediu que eu fosse mais perto dele, então pediu desculpas pelo que tinha feito e que não era para eu ficar com raiva dele pois eu era uma mulher bonita e ele era homem, nada mais natural! Passou a mão lentamente pelo comprimento do meu cabelo preso, fechou os olhos, aproximou o nariz e cheirou profundamente, abriu os olhos e com ar de satisfação se despediu. (Diário de campo de 25 de janeiro de 2016).

Esse episódio me deixou atônita e sem ação, pois não sabia como agir e o que dizer. Passado o momento, ao refletir sobre o ocorrido, percebi como ele foi ousado e persuasivo, estava com vontade de me beijar e tentou. Talvez sua

satisfação esteja pontuada no tentar e não em conseguir, da mesma forma em que se satisfaz ao tocar e cheirar meu cabelo. Seu semblante é de plenitude e contentamento, para ele, aquele momento é muito prazeroso.

A violência contra as mulheres expressa a demonstração de poder dos homens e a ideia de que as mulheres são objeto de posse. É uma forma de reproduzir e manter o machismo e de dizer o tempo todo que a mulher é inferior. [...] As revistas femininas, vendidas às centenas de milhares por mês, permanecem em assuntos estereotipados: moda, beleza, decoração, culinária, como cuidar dos filhos e como agarrar, agradar e conservar o seu homem. São raros os artigos que saem das ideias dominantes. As mulheres aparecem muito nas capas das revistas femininas e masculinas, mas quase nunca na primeira página do jornal. Elas têm pouco poder político e econômico, mas nem esse pouco aparece na primeira página, reservada aos políticos, esportistas homens, banqueiros, empresários. (NOBRE, Dóris; FARIA, Claudia, 2007, p. 15-16).

Em estudo realizado sobre assédio moral e assédio sexual em empresas, o qual apresenta resultados de pesquisas realizadas na França e no Brasil, Maria de Freitas (2001, p.14) discute o assédio sexual:

O aspecto mais visível ou óbvio nas situações de assédio sexual é que, geralmente, não se trata de relações entre iguais, entre pares, nas quais a negativa pode ocorrer sem maiores consequências para quem está fazendo a recusa. Verificamos, ainda, que o assédio sexual é entre desiguais, não pela questão de gênero masculino versus feminino, mas porque um dos elementos da relação dispõe de formas de penalizar o outro lado. Constitui não apenas um convite constrangedor, que produz embaraço e vexame pois um convite, por mais indelicado que seja, pode ser recusado, mas também explicita a diferença entre convite e intimidação, entre convite e intimidação, entre convidar e acuar o outro.

A sedução consiste em desvio e violação, contudo, incide também cantar, cativar, fantasiar, prometer, é vincular o outro a sua própria vontade. A linguagem é fundamental na atuação de um sedutor. Freitas (2001, p. 16) ressalta: “uma cantada é algo pessoal, uma tentativa sedutora de conseguir um envolvimento amoroso e sexual, e o assédio, uma questão eminentemente organizacional”.

Para Freitas (2001, p. 16):

Confundir um com o outro é deslocar o eixo do problema e, portanto, a sua possibilidade de resolução. A sociedade, em geral, é hoje menos complacente com a estratégia do avestruz do passado, mesmo aquelas sociedades, como a nossa, que preferem contornar a confrontar os conflitos.

De acordo com o padrão cultural brasileiro, quando um homem demonstra intenção sexual e a mulher não demonstra oposição perspicaz e consistente, pensa-se que ela está anuindo com a relação sexual. (SOUZA, Eros de; BALDWIN, John; ROSA, Francisco da, 2000).

O contexto da velhice institucionalizada e as vivências da sexualidade apresentam nuances, pode-se dizer que são velhices e sexualidades que são atravessadas por relações de poder que foram historicamente construídas, nas quais o empoderamento de uma das partes abona o exercício da sua superioridade sobre a outra, é o que sugere a cena apresentada.

5 FINALMENTE, A SALA DE BANHO...

Ao final do congresso os amantes, com pudor e sem se olharem, deverão ir separadamente à sala de banho. Retomando depois seus lugares devem comer folhas de bétel. O homem deve aplicar, com suas próprias mãos, unguento puro de sândalo ao corpo da mulher, ou qualquer outro tipo de unguento. Deve, em seguida, envolvê-la com seu braço esquerdo e, usando palavras carinhosas, fazê-la beber da taça que terá nas mãos, ou poderá oferecer-lhe água. [...] Os amantes também podem sentar-se no terraço e apreciar o luar, conversando agradavelmente. Nessa ocasião, tendo a mulher deitada em seu regaço com o rosto voltado para a lua, o cidadão deve mostrar-lhe os diferentes planetas, a estrela matutina, a estrela polar, os sete Rishis, ou a Grande Ursa. Assim termina a união sexual. (VATSYAYANA, 2012, p. 142).

Com esse trecho do livro Kama Sutra, o qual descreve o momento final do congresso amoroso, inicio o processo imperioso de encerramento desse estudo. Contrária ao fragmento em destaque, encaminho-me para “a sala de banho” despidamente e com olhar atento, assim, busco delinear algumas reflexões que pude fazer sobre as vivências do cotidiano e da sexualidade com pessoas idosas institucionalizadas, as quais não são tão românticas e idealizadas como descreve Mallanaga Vatsyayana.

Começo com a escolha da epígrafe para referir algumas questões que ela me provoca. Uma delas refere-se à descrição sobre o cotidiano, as pessoas, suas atitudes, interações e comportamentos engendrados a partir das observações e conversas informais. A temática do cotidiano emergiu durante a construção da pesquisa, a fluidez, a maleabilidade e a diligência do processo mostraram-me como mote necessário. Como poderia falar das vivências da sexualidade sem apresentar o contexto repleto de possibilidades e minúcias, e, a meu ver, nessa pesquisa as temáticas constituíam-se inextricáveis.

A questão central de investigação dessa pesquisa foi: “como idosos e idosas institucionalizadas(os) vivenciam o cotidiano e suas sexualidades?” A qual foi abordada a partir de um referencial teórico que não busca comprovar ou instituir verdades absolutas, mas visibilizar e discutir as temáticas em questão imbricadas ao meu olhar e a minhas reflexões. Entretanto, o que considerei e apresentei compôs mais uma das várias formas de apropriação das temáticas, e tanto as minhas como as de outros(as) autores(as) serão parciais, mutáveis e transitórias.

Entre muitas vírgulas e poucos pontos finais, fui configurando esse estudo, o percurso, em algumas vezes, configurou-se tortuoso, foi também desafiador e

profícuo. Muitas vezes, pensei sobre a importância dessa pesquisa e suas prováveis contribuições, minhas dúvidas transformaram-se em motivação.

A ousadia de realizar uma pesquisa de inspiração etnográfica exigiu um olhar apurado e educado para enxergar o que não era visível e ouvir o que não era dito, mas algo escapava... Tarefa que não foi fácil e, por vezes, angustiante. Deparei-me com uma realidade nua e crua: páginas e páginas de descrições sem perceber o que “elas me diziam”, e, se não me interpelavam, o que isso significava? Na tentativa de encontrar possíveis elucidações, exercitei o pensamento cartesiano, limitei-me à questão central, que instigou e constituiu esse estudo e, a partir daí, consegui perceber o que estava além do escrito, o que estava subentendido, nas entrelinhas.

De tal modo, lancei um olhar apurado e a análise aprofundada revelou o que estava implícita, abafada, invisibilizada sob pacotes de fraldas e caixas de medicamentos, camuflada entre as dores sentidas e a falta de conhecimento sobre o assunto, pudica e dissimuladamente surgem as vivências da sexualidade das pessoas idosas da instituição. Esse cenário evidenciou a sexualidade como um aspecto de foro íntimo e privado, ela se faz presente, mas encoberta, o que demonstra que esse disfarce é atravessado por conceitos preestabelecidos e pela ideia (ainda persistente) de velhice assexuada. Essas implicações são advindas de vários lugares: tanto da parte da pessoa idosa como das pessoas que trabalham na instituição, familiares e, em alguns momentos, inclusive de mim.

Esses aspectos demonstram a necessidade de discutir a temática da sexualidade na velhice com os(as) profissionais que atuam com pessoas idosas e com os(as) próprios(as) idosos(as). Acredito que a mudança de comportamento aconteça a partir do conhecimento, sugiro a realização de rodas de conversa entre todas as pessoas que residem ou trabalhem em instituições. Pode-se iniciar a discussão com filmes, documentários, reportagens, imagens, etc. que tratem do tema, além de se problematizar aspectos importantes para o bem-estar da pessoa idosa, o que proporcionará aproximação entre idosos(as) e equipe de trabalho. Aqui, é importante ressaltar que a temática da sexualidade esteja contemplada nas disciplinas dos cursos de formação de profissionais que trabalham com pessoas idosas. O conhecimento sobre os diferentes aspectos da sexualidade que constituem o sujeito idoso proporcionará qualidade no atendimento, assistência e proposições que objetivam o bem-estar integral da pessoa idosa.

Defendo que a produção acadêmica e as intervenções estejam pautadas no respeito ao pluralismo que as sexualidades contêm, para que possamos fornecer novas proposições para modelos sexualmente instituídos. A sexualidade possui uma dimensão ampla, é histórica, social, inacabada e permite novas significações, e, talvez, ainda, configure-se como um silêncio gritante. Percebi ao longo da pesquisa que o grande desafio que envolve a temática é proporcionar às pessoas idosas manifestar sua sexualidade sem culpabilidade, com possibilidades e fluidez.

As instituições devem primar pelo respeito à individualidade e à diversidade, esse evidencia-se como principal desafio das instituições para pessoas idosas, é preciso olhar cada pessoa e seu contexto com intento de proporcionar o acolhimento, coletivo individualizado, com qualidade.

Outro ponto observado nesse estudo se refere à ideia de abandono e isolamento, ainda hoje difundida, que torna a institucionalização uma realidade estigmatizada e distante, mas que se anuncia como uma alternativa possível e até mesmo necessária às configurações familiares contemporâneas. Pode-se pensar como um lugar para construção de conhecimentos sistematizados e gerados de forma concreta.

As transformações ocorridas na velhice são resultados de outras tantas mudanças estabelecidas no processo de envelhecimento humano. Cabe, então, um olhar mais atento, que provoque enfrentamentos na busca de reelaborar, construir ou reconstruir novas formas de viver e de se relacionar. Mulheres e homens são seres únicos, que vivem e envelhecem de formas diferentes, pois cada um traz consigo seus valores, crenças e experiências, (re)construindo, a partir disso, o processo de envelhecimento, o qual não se pode eliminar, mas sim mudar a maneira de envelhecer.

Vive-se de diferentes formas, assim como se envelhece de diferentes maneiras, entende-se assim o envelhecimento como um processo singular e único, aonde cada indivíduo vai percebendo as mudanças, as limitações e realizam as adaptações necessárias, vivendo e envelhecendo. E, nesse contexto, a sexualidade é vivenciada pelas pessoas idosas das mais diferentes formas, estando associada a valores como amizade, carinho, diálogo, respeito, cuidado e atenção.

No caminho percorrido, com as reflexões e como professora de educação física, precisei redimensionar posicionamentos e práticas. Sou uma profissional apaixonada pelo meu trabalho e profissão, mas sempre tive inclinação para

atividades extensionistas e práticas, precisei me descobrir como pesquisadora e autora, o que não é simples, tampouco instantâneo.

Como pesquisadora estava inserida no cenário do estudo, que pode ser considerado comum, igual a tantas outras instituições, mas são cenas que não irão se repetir, afirmações que não serão feitas novamente, sentimentos que não serão percebidos da mesma forma. Observados, relatados e expostos, tornaram-se singulares e representam a vivência do cotidiano e da sexualidade daquelas pessoas, daquele determinado universo. De um ponto de vista amplo, anseio que minhas interpretações sobre a perspectiva das pessoas idosas dessa instituição sejam valorizadas e visibilizadas, e que também contribuam na construção de conhecimentos gerontológicos.

Almejo dar continuidade a esse processo constitutivo de minha identidade de pesquisadora, investigando outros cenários, outras personagens, novos desafios e inquietações. Por agora, como na epígrafe inicial, pretendo “sentar no terraço e apreciar o luar, [...] contemplar os diferentes planetas, a estrela matutina, a estrela polar, os sete Rishis, ou a Grande Ursa” (VATSYAYANA, 2012, p. 142).

Encerro com a fala de uma das idosas da casa, “hoje sou eu que estou aqui, amanhã pode ser tu!” Suas assertivas me marcaram e provocaram a reflexão: hoje são eles, amanhã serão nossos pais e mães e, depois, seremos nós!

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de O. **Velhos institucionalizados e família**: entre abafos e desabafos. Campinas: Ed. Alínea, 2004.

ALMEIDA, Lucimêre A.; PATRIOTA, Lucia M. Sexualidade na terceira idade: um estudo com idosas usuárias do programa saúde da família do bairro das cidades – Campina Grande/PB. **Qualitas**, v. 8, n. 1, 2009.

ALVES, Joseane S.; JUNGES, José R.; LÓPEZ, Laura C. A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. **O Mundo da Saúde**, São Paulo: SP, p. 430-436, 2010.

ANDRADE, Márcia A. R.; FRANCH, Monica. “Eles não estão mais pra nada”: Sexualidade e Processos de Envelhecimento na Dinâmica do Programa Saúde da Família. “Dossiê O final da vida no século XXI”. In: Mediações: **Revista de Ciências Sociais**. Vol. 17, n. 2, 2012, p. 41-56.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

AZEVEDO, J. R. D. Atividade física, 2000. Disponível em <www.boasaude.uol.com.br>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2016.

BAPTISTA, Adriana S. D. **Estudo sobre as práticas religiosas e sua relação com a saúde mental de idosos**: um estudo na comunidade. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, SP, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BETTINELLI, Luiz A.; TOURINHO FILHO, Hugo; CAPOANI, Priscila. Experiências de idosos após laringectomia total. **Rev. Gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre: RS, p. 214-220, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 810/GM/MS, de 22 de setembro de 1989. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/servicosaude/organiza/legis.htm>>. Acesso em: 08 de setembro de 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução da Diretoria Colegiada nº 283, de 26 de setembro de 2005. ANVISA. Disponível em: <<http://www20.anvisa.gov.br/seguranca/dopaciente/index.php/legislacao/item/rdc-283-de-26-de-setembro-de-2005>>. Acesso em: 08 de setembro de 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância Sanitária, Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico AIDS/DST**. Brasília (DF): Ministério da saúde 2013. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2013/55559/_p_boletim_2013_internet_pdf_p__51315.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro 2014.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Comunicado nº 93, maio 2011.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm>. Acesso em: 08 de setembro de 2014.

BRIGEIRO, Mauro. **Rir ou chorar?** Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

BRITTO DA MOTTA, A. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M. C. de S. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2002.

BUTLER, Robert N.; LEWIS, Myrna I. **Sexo e amor na terceira idade**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235 jan./jun. 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão; CARVALHO, Daniele Fernandes. Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. In: MORAIS, Maria da Piedade; COSTA, Marco Aurélio (Orgs.). **Infraestrutura social e urbana no Brasil: subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea, 2010.

CARADEC, Vicent. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 387, 2011.

CELICH, Kátia L. S.; ZENEVICZ, Leoni; BELTRAME, Vilma; SOUZA, Sáskia M. S. A dimensão espiritual no envelhecimento com qualidade de vida. In: BETTINELLI, Luiz Antonio (org.) et al. **Envelhecimento humano: múltiplas abordagens**. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.

COSTA, Maria Carla N. S.; MERCADANTE, Elizabeth F. O idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, p. 209-222, mar., 2013.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

_____. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 21, p. 133-155, 2003.

_____. BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 80, 2012.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (orgs.). **Ciências humanas: pesquisa e métodos**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2008.

EHRENFELD, M.; BRONNER, G.; TABAK, N.; ALPERT, R.; BERGMAN, R. Sexuality among institutionalized elderly patients with dementia. *Nursing Ethics*, n. 6, Tel-Aviv University, Tel-Aviv, Israel, 1999.

ERBOLATO, Regina M. P. L. (1996). Universidade da terceira idade: avaliação e perspectivas de alunos e ex-alunos. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, SP.

FERIANCIC, Marisa M.; GOTTER, Maria Elvira M. A sexualidade do idoso: uma responsabilidade social. II CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE PSICOGERONTOLOGIA. I CONGRESSO URUGUAIO DE PSICOGERONTOLOGIA. Encontro Regional de Grupos de Idosos. Montevideo, 2003.

FERNANDES, Juliana; BARROSO, Karoline; ASSIS, Amanda; POCAHY, Fernando. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Clínica & Cultura**, v. 4, n. 1, p. 14-28, 2015.

FLORES, Talita Meireles; LOPES, Zaira de Andrade. A produção científica sobre envelhecimento e sexualidade na base de dados da CAPES. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10. (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386786437_ARQUIVO_TalitaMeirelesFlores.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2015.

FONSECA, Claudia. **De afinidades a coalizões**: uma reflexão sobre a transpolinização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. *Ilha* 5(2), 2004, pp.5-31.

_____. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia "em casa". In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010, 232 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

_____. **Ditos e Escritos**: a ética do cuidado de si como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRAIMAN, Ana P. **Sexo e afeto na terceira idade**. São Paulo: Gente, 1994.

FREITAS, Maria Ester de. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 8-19, jun. 2001.

GALLO, Joseph. **Assistência ao idoso: aspectos clínicos do envelhecimento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. 13. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **Obras e Vidas: O antropólogo como autor**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

GRADIM, Clícia V. C.; SOUSA, Ana M. M.; LOBO, Juliana M. A prática sexual e o envelhecimento. **Cogitare Enfermagem**, v. 12, n.2, 2007.

GRAEFF, Lucas. Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva. **Est. Interdiscip. Envelhec.** Porto Alegre, v.11, p. 9-27, 2007.

HAREVEN, Tamara. Changing images of aging and the social construction of the life course. In: FEATHERSTONE, Mike; WERNICK, Andrew (Orgs.). **Images of aging: cultural representations of later life**. London: Routledge. p.119-135, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra; 2008.

HENNING, Carlos E.; DEBERT, Guita G. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **Mais 60: estudos sobre envelhecimento**. São Paulo, v. 25, n. 63, 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013>. Acesso em: 22 de março de 2015.

KATZ, Steven. **Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo (SP): WMF Martins Fontes, 2008.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. A gerontologia e o problema do envelhecimento. Visão histórica. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia**. São Paulo: Editora Atheneu, 1996.

LENARDT, Maria H.; WILLIG, Mariluci H.; SILVA, Scheilla C. da; SHIMBO, Adriano Y.; TALLMANN, Ana E. C.; MARUO, Gláucia H. O idoso institucionalizado e a cultura de cuidados profissionais. **Cogitare Enfermagem**, v. 11, 117-123, 2006.

LIMONT, Tatiane B. **Vivendo no asilo: uma etnografia sobre corporalidade e velhice**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba, PR, 2011.

LOURO, Guacira L. **O Corpo Educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, maio/agosto, 2008.

MACIEL, Maria E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 145-156, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAHIEU, L.; VAN ELSEN, K.; GASTMANS, C. Nurses perceptions of sexuality in institutionalized elderly: a literature review. **Int. J. Nurs Stud.**, 2011.

MATSUDO, Sandra M.; MATSUDO, Victor K. R.; MARIN, Rosangela V. Atividade física e envelhecimento saudável. **Diagn. Tratamento**, v. 13, 142-147, 2008.

MAZO, Giovana Zarpellon. Atividade física e qualidade de vida de mulheres idosas. **Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 87, jan. 2003. ISSN 1980-0037. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/3967>>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

MONTEIRO, Dulcinéia M. R. Afetividade, intimidade e sexualidade no envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 942-949, 2002.

_____. Espiritualidade e Saúde na Sociedade do Espetáculo. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 202-13, 2007.

MOREIRA, Pricilla de A. **Qualidade de vida de idosos institucionalizados**. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado) Mestrado em Alimentos, nutrição e saúde - Universidade Federal da Bahia. Escola de Nutrição, Salvador, 2014.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **ALCEU**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p.77-86, jul/dez. 2004.

NERI, Anita L. Qualidade de vida na velhice. In: DELITTI, Maly (Org.). **Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental**. v. 2, p. 34-40. São Paulo: ArBytes, 1997.

_____. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, Anita. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Edições SESC-SP; Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 34-46

NERY, Valeria A. da S.; VALENÇA, Tatiane D. C. Sexo e sexualidade no processo de envelhecimento. **C&D Revista Eletrônica da Fainor**, Vitória da Conquista, v.7, n. 2, p. 20-32, 2014.

NOBRE, Dóris F.; FARIA, Claudia L. da M. Conhecimento e atitude de futuros profissionais da saúde em relação à sexualidade na velhice. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 5, 163-180, 2011.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

OJEDA, Tatiane R.; QUADROS, Roberta B.; JAEGER, Angelita A. Sexualidade feminina e envelhecimento. **EFDeportes** (Revista Digital). Buenos Aires, Año 18, Nº 179, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Os usos da epidemiologia no estudo dos idosos. Genebra: OMS, 1984.

PEIXOTO, Clarice E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade.... In: BARROS, Myriam L. de (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

PERRY, A. G.; POTTER, P. A. **Grande tratado de enfermagem prática: clínica e prática hospitalar**. 3. ed. São Paulo: Santos Livraria, 2005.

PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. A gerontologia como campo de conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.491-501, 2006.

PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. Como poderia a Gerontologia, um campo multidisciplinar do saber, estar presente na tabela das áreas do conhecimento do CNPq. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.12, n.6, p.1725-1735, 2007.

RABELO, Dóris F.; LIMA, Claudia F. M. Conhecimento e Atitude de Futuros Profissionais da Saúde em Relação à Sexualidade na Velhice. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, v. 14, p. 163-180, 2011.

REIS, Breno Maciel Souza. Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare. **Revista Contemporânea**. Rio de Janeiro, n.21, ano 11, vol. 1, 2013.

RODRIGUES, Susy C. O cotidiano e a criatividade: um debate entre Hannah Arendt e Henri Lefebvre. **Revista Santa Rita**, São Paulo, p. 30-37, jun. 2013.

ROZENDO, Adriano da S.; JUSTO, José S. Institucionalização da velhice e regressão: um olhar psicanalítico sobre os asilos de velhos. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, v. 15, p.25-51, 2012.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade". **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, n. 21, pp. 01-88, 2003.

SBGG. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. **Instituição de Longa Permanência para Idosos**: manual de funcionamento. São Paulo, 2003.

SANTOS, Naiana O.; BEUTER, Margrid; GIRARDON-PERLINI, Nara M. O.; PASKULIN, Lisiane M. G.; LEITE, Marinês T.; BUDÓ, Maria L. D. Percepção de trabalhadores de uma instituição de longa permanência para idosos acerca da família. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, out-dez, p. 971-978, 2014.

SANTOS, Rosa M. S. **Fetichismo**: paradigma da perversão, 2011. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0224.pdf>>. Acesso em: 29 de julho de 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 387, 2011.

SILVA, Ivana Patrícia Almeida; CUNHA, Tânia Rocha Andrade. O amor no ocidente: da pré- história à idade média. **X Colóquio do museu pedagógico**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.15, n. 1, p.143-159, mar. 2008.

SILVA, Valcilene P.; CÁRDENAS, Carmen J. A comida e a sociabilidade na velhice. **Revista Kairós**, São Paulo, v.10, p. 51-69, 2007.

SILVA, Viviane X. L.; MARQUES, Ana Paula de O.; FONSECA, Jorge L. C. Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* vol.12, n.2, pp.295-303, 2009.

SOARES, Juliana A.; SILVA, Rilza F.; ROSA, Larissa J.; GALVÃO, Érica A.; RIBEIRO, Raquel N. O idoso institucionalizado e a reflexão sobre a própria morte. **Revista Kairós Gerontologia**, 12(1), 135-147. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2009.

SOUZA, Eros de; BALDWIN, John; ROSA, Francisco da. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000.

SOUSA, Jailson L. Sexualidade na terceira idade: uma discussão da AIDS, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil. DST – **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. Rio de Janeiro, p. 59-64, 2008.

STERNS, Peter N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, p. 281, 2010.

VALERA, Lúcio. Morte no hinduísmo: transmigração e libertação. **Revista Religare**. Paraíba, p. 195-204, 2012.

VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e Forster Arbuthnot. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VIESENTEINER, Jorge L. O conceito de vivência (erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção. **kriterion**. Belo Horizonte, n. 127, p. 141-155, jun. 2013.

WAIDEMAN, Marlene C. **Adolescência e sexualidade** – AIDS: Na família e no espaço escolar contemporâneos. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. **O Corpo Educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WHYTE, William F. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

APENDICES



Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Centro de Educação Física e Desportos – CEFD
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia

De: Programa de Pós-graduação em Gerontologia
 Para: Centro de Convivência para Idosos
 Sra. Enf. Cátia Simone Silva Vaz
 Responsável pelo Centro de Convivência para Idosos

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Venho por meio desse solicitar a sua autorização para realizar coleta de dados com a população idosa do Centro de Convivência para Idosos que participam das atividades físicas, recreativas e de lazer realizadas no local. Os dados farão parte da pesquisa intitulada: “CENAS DO COTIDIANO E DA SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS”, a qual objetiva compreender como pessoas idosas institucionalizadas vivenciam o cotidiano e suas sexualidades.

Esta pesquisa está cadastrada no Gabinete de Projetos do Centro de Educação Física e Desportos com o número 041627, será realizada por Tatiane Rocha Razeira, acadêmica do Programa de Pós-graduação em Gerontologia, integrante do Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero e orientada pela professora Angelita Alice Jaeger.

Santa Maria,de..... de 2015.

De acordo:

Cátia Simone Silva Vaz
 Enfermeira responsável do Centro de Convivência
 para Idosos



Termo de Confidencialidade

Título do projeto: CENAS DO COTIDIANO E DA SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS

Pesquisadora responsável: Angelita Alice Jaeger

Instituição/Departamento: Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas-DMTD

Telefone: (55) 99473049

As pesquisadoras do presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados das (os) participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de observações, conversas informais e registradas em diário de campo, no Centro de Convivência para Idosos, na cidade de Santa Maria. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução do presente projeto.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM - Avenida Roraima, 1000, prédio 51, sala 1037 - 97105-900 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da professora Angelita Alice Jaeger. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em/...../....., e recebeu o número Caae

Santa Maria,

Prof^a. Dr^a. Angelita Alice Jaeger
Pesquisadora responsável



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: CENAS DO COTIDIANO E DA SEXUALIDADE DE PESSOAS IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS

Pesquisadora responsável: Angelita Alice Jaeger

Instituição/Departamento: Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas-DMTD

Telefone e endereço postal completo: (55) 99473049. Avenida Roraima, 1000, prédio 51, sala 1037, CEFD, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Centro de Convivência para Idosos, Santa Maria, RS.

Eu, Angelita Alice Jaeger, responsável pela pesquisa "Cenas do Cotidiano e da Sexualidade de Pessoas Idosas Institucionalizadas" te convido a participar como voluntária (o) deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende compreender como pessoas idosas institucionalizadas vivenciam o cotidiano e suas sexualidades. Acredita-se que ela seja importante para apresentar elementos para qualificação de atuais e futuras intervenções sociais, provocando reflexões, interações e articulações, trazendo em foco o envelhecimento humano e a sexualidade, que é parte importante e integrante de todas as fases da vida. Para sua realização será feito o seguinte: observações e conversas informais registradas em diário de campo. Sua participação constará de participar das conversas informais e nas observações no cotidiano da instituição.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos, como constrangimento e manifestação de sentimentos como tristeza e angústia, e nesses casos poderá ser sugerido o encaminhamento para profissionais capacitados da instituição. Os benefícios que esperamos com o estudo são de proporcionar reflexões, esclarecimentos e a construção de conhecimentos sobre sexualidade e envelhecimento.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com as pesquisadoras ou com o Conselho de Ética em Pesquisa. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer

momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação das pessoas voluntárias, a não ser entre as responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelas pesquisadoras.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento que será elaborado em duas vias, (sendo que uma ficará com a pessoa participante e outra via com as pesquisadoras), e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informada (o), ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida (o), dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Participante do estudo

Responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, de _____ de _____.

=====



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Eu, Luiz Osório Cruz Portela, abaixo assinado, diretor do Centro de educação Física e Desportos da UFSM, autorizo a realização da pesquisa do Programa de Pós-graduação em Gerontologia intitulada “Cenas do Cotidiano e da Sexualidade de Pessoas Idosas Institucionalizadas”, a ser conduzida pela pesquisadora Tatiane Rocha Razeira e orientada pela professora Dr^a. Angelita Alice Jaeger.

Fui devidamente informado pela responsável pelo estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem estar das pessoas participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Santa Maria, 20 de novembro de 2015.

Prof. Dr. Luiz Osório Cruz Portela
Diretor do Centro de Educação Física e Desportos
Portaria nº 73.004/2014